

UMA
DANÇARINA
NA MÁFIA

LIVRO 03

AMANDA PEREIRA



UMA
DANÇARINA
NA **MÁFIA**
LIVRO 03

AMANDA PEREIRA

© Copyright 2020 Amanda Pereira

Preparação do texto: Tici Pontes

Revisão: Artemia Souza

Diagramação: Tici Pontes

Imagens: Designed by stockgiu / Freepik / Illustration was created
by DownloadFreeVector team.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Sobre a autora](#)



CAPÍTULO 1

ANA FERREIRA

Só mais um minuto, falo para mim mesma.

A minha cabeça está doendo muito, mas está tão bom que não estou nem um pouco a fim de sair da cama agora.

— Espera aí, a minha cama não é tão macia assim. — Dou um salto de espanto, me sentando. Abro os olhos umas três vezes para logo ver em que merda eu me meti desta vez.

Observo o local. Estou em um quarto extremamente luxuoso. Me viro para o lado e vejo um homem dormindo de barriga para baixo. Passo a mão pelo cabelo.

— Mas onde eu estou? Melhor ainda, quem é esse cara?

Sem fazer barulho, tento sair da cama, mas como tudo que eu faço é um desastre, o meu pé enrola no lençol. Tento me equilibrar, mas acabo caindo de cara no chão.

— Merda! — Coloco a mão no nariz para verificar se está sangrando, mas desta vez não, pelo menos isso.

Fico em pé e me observo, mas afinal, por que estou vestida? Estou com a minha calça e de sutiã. O cara se move e essa é a deixa para que eu

comece a procurar as minhas coisas. Encontro a minha bolsa, procuro o tênis e logo o encontro debaixo de uma calça masculina. Engulo em seco, imaginando que ele possa estar pelado, logo em seguida acabo encontrando a minha blusa.

Vejo uma porta aberta, imagino que seja a do banheiro, entro para logo comprovar.

Me observo no espelho. A maquiagem que eu fiz ontem está horrível, lavo o meu rosto duas vezes para poder retirá-la e passo a mão pelo cabelo, tentando arrumá-lo. Visto a blusa e em seguida calço os tênis.

— Tenho que sair daqui!

Dou um passo em direção à porta.

— Ia sair sem se despedir? — Me viro e ele está balançando a cabeça. — Que coisa feia. — Sorrio sem graça.

— Você estava dormindo, não queria te acordar — falo, totalmente sem jeito. Ele é muito bonito, então se levanta sem tirar os olhos de mim. Se aproxima, fica na minha frente e observo o seu peitoral definido. Olho cada músculo e a minha inspeção para na calça de moletom que ele está usando.

— Você está diferente.

— Diferente como?

— Você estava com tanta maquiagem que parecia ter uns vinte e três anos, agora estou me perguntando se você tem pelo menos dezoito — fala, levantando uma sobrancelha.

— Tenho dezenove. — Ele dá um pequeno sorriso de lado.

— Menos mal, não gostaria de ser acusado de pedofilia. Que tal terminarmos o que começamos ontem.

Ele levanta a mão para me tocar, dou um passo para trás colocando um pouco de distância entre nós.

— Desculpa, mas não quero.

— Lembro-me muito bem que ontem você estava louca para transar comigo. — Abro a boca duas vezes, tentando falar algo, mas não consigo. Ele é um idiota.

— Ontem, não hoje.

Ele acaba dando mais um passo.

— Engraçado, você deveria me agradecer, não acha?

— Por que eu deveria te agradecer?

— Sabe, desculpe-me, esqueci seu nome. — Respiro fundo.

— Ana, meu nome é Ana.

— Ana — ele fala como se experimentasse o som do meu nome em sua boca. — Ok. Sabe, Ana, quando eu trago uma mulher para a minha casa, eu espero ter uma noite bem quente de sexo, mas não tive isso, você sabe por quê? — fala, dando mais um passo em minha direção e chego mais para trás.

— Não.

— Então irei te explicar o porquê. Estávamos indo bem, esperava muito dessa noite, mas nunca que iria imaginar que você dormiria antes mesmo de começarmos. Você tem ideia o quanto isso foi frustrante?

Começo a sorrir sem me importar com ele.

— Não tem graça.

— Desculpe, mas tem sim — falo, limpando os olhos.

— Não, não tem. Dormir ao lado de uma mulher sem ter feito sexo não é uma coisa que eu faça, então que tal aproveitarmos esta manhã?

— Já disse que não. — A minha expressão se fecha.

— Sério, garota? Se fazendo de difícil a esta altura? Pode retirar a máscara, essa de boa moça não combina com você, afinal, foi você quem quis vir para a casa do cara que você tinha acabado de conhecer.

O meu rosto começa a esquentar; uma mistura de raiva e vergonha, mas é um jumento mesmo esse idiota.

— Escuta aqui. Só porque eu queria algo com você ontem não quer dizer que eu queira hoje, seu idiota. Cresce, tá bom? Está parecendo uma criança.

— Eu que tenho que crescer? — fala, se afastando. — Ok, garota, faça o que você quiser, não tenho necessidade de ficar aqui implorando por sexo, principalmente para uma mulher que poderia ter sido de qualquer um naquela boate.

Fico olhando para ele sem saber o que responder. Os meus olhos se enchem de lágrimas. Mas como fui me meter nisso? Sinto as minhas pernas trêmulas, mas levanto a minha cabeça com um sorriso falso no rosto.

— Já que você terminou o seu *showzinho*, tenho de ir.

Me viro e saio do quarto. *Respira fundo, você consegue, não deixe um cara que você não conhece te tratar assim*, uma voz fica se repetindo várias vezes quando estou descendo as escadas.

Dou uma rápida olhada pela casa, gostaria de observar melhor, mas quero sair daqui rápido, para finalmente chegar à saída.

— Quem é você? — uma mulher pergunta, olhando para mim. Uma senhora bem-vestida vem ao meu encontro.

— Ah, oi, bom dia. — Ela chega perto e me olha dos pés à cabeça. Fico sem graça na hora, limpo o suor que se forma na minha mão na calça. De uma hora para outra a sua expressão muda e um sorriso já está no seu rosto.

— Prazer, meu nome é Valéria, mãe do homem lindo que está atrás de você.

Me viro para comprovar o que ela diz. Ele me observa, vai para perto da mãe e dar um beijo no seu rosto.

— O que a senhora está fazendo aqui, mãe?

— Gabriel, te ensinei bons modos.

— Desculpa — fala, dando um sorriso para ela. — Aconteceu alguma coisa?

— Só queria tomar café com o meu filho, mas acabei encontrando essa linda garota.

Ele me observa mais uma vez, mas que merda esse cara pensa que é? Ele sorri para mim, mas diferente do sorriso que deu à sua mãe, esse é de pura safadeza.

A minha expressão se fecha na hora, tento me controlar, respiro fundo.

— Ela é linda mesmo.

A sua mãe anda e fica na minha frente.

— Qual é o seu nome?

— Prazer em te conhecer, senhora, meu nome é Ana.

— Que nome lindo, combina com você. Prazer, Ana. — Dou um sorriso em resposta.

— O prazer é meu.

— Desculpe-me a indelicadeza, mas você é italiana?

— Não. — Dou um sorriso. — Sou brasileira. — Gabriel fica nos observando.

— Uma brasileira. Que bom. Parabéns, Gabriel — congratula se virando para o filho.

— Por quê?

— Essa é a primeira garota que vejo com você que eu realmente gosto. Vocês estão namorando?

Antes que eu fale algo, ele vem ao meu encontro, fica ao meu lado e passa a mão pela minha cintura, me aproximando mais ainda dele.

— Mas que merda você está fazendo, inferno? — sussurro.

— Apenas entre no jogo — fala baixinho para que só eu ouça.

— Era uma surpresa, mãe, mas a senhora descobriu. Essa é a Ana, a minha namorada.

Começo a tossir sem parar.

— NAMORADA! — eu e a mãe dele falamos juntas.

— Sério! Até que enfim. Pensei que você nunca iria me apresentar uma namorada na vida. Desculpa, Ana, mas estou cobrando dele uma namorada há muito tempo. Finalmente ele conseguiu uma que vale a pena. Que bom, realmente gostei de você. Poderia me dar o número do seu celular?

— Para que a senhora quer o número do celular dela, mãe?

— Para que mais? Para marcarmos um almoço um dia desses, quero conhecer a sua namorada.

— Depois eu te dou.

— Desculpa por não confiar em você, Gabriel, mas vamos combinar, filho, você vive me enrolando. Prefiro que a Ana me dê.

Fico olhando para a cena sem acreditar no que está acontecendo. Dou o meu número para ela.

— Agora preciso ir, o seu irmão está me esperando lá embaixo. Te ligarei, Ana. Foi um enorme prazer em finalmente te conhecer. — Ela me dá um beijo, abraça o Gabriel e sai.

Ficamos olhando para a porta sem saber o que fazer. Percebo que ele ainda está com a mão na minha cintura e a retiro de lá.

Fico na sua frente com as duas mãos na cintura.

— Você poderia me explicar que negócio é esse de namorada?

Ele revira os olhos para mim, passa direto e vou atrás dele.

— Você poderia me responder? — Ele se vira. A felicidade que estava no seu rosto morre, ficando apenas um olhar de puro ódio.

— Se senta, Ana, precisamos conversar.

Só pode ser brincadeira, não tem outra explicação para esse asno achar que irei me sentar com ele. Principalmente depois de tudo que esse animal falou comigo.

— Não, muito obrigada, prefiro ficar em pé. Anda, desembucha, o que você quer falar comigo?

Ele fica me olhando, a sua expressão se fecha ainda mais.

— Alguém já te falou que você tem um jeito muito estranho de falar?

— O meu jeito de falar é normal.

— Acho que você deveria procurar o significado da palavra normal no seu dicionário, porque provavelmente será diferente do meu.

— Como eu fui querer ficar com você? Acho que eu nunca vou saber. Educação não é seu forte, não é?

— Engana-se. Sou muito educado, apenas não julgo que você seja uma pessoa para quem eu deva usar essa educação.

Aperto os meus olhos, o observando.

— Posso saber por que não sou digna da sua educação?

— Não tenho tempo para isso, garota, não vai se sentar? Não mordo — fala e dá um sorriso.

— Até porque se você fizesse isso, a minha mão iria parar na sua cara. Não estou a fim, ficarei em pé mesmo.

— Como desejar. Como você pode ver, a minha mãe, vamos dizer, é um pouco neurótica. No seu ponto de vista serei um homem melhor se estiver em um relacionamento sério.

— Achei sua mãe um doce de pessoa, pena que não posso falar a mesma coisa em relação ao filho.

— Você poderia deixar de ser infantil e me ouvir.

— Escuta aqui, cara, primeiro fala direito comigo, seu animal.

Ele se levanta ficando na minha frente, nunca me importei por ser baixinha, mas agora gostaria de ser alta só para olhar diretamente nos seus olhos. Levanto a cabeça, tentando colocar um pouco mais de altura. Sinceramente pensei em ficar nas pontas dos pés, mas iria ser um tanto ridículo.

— Você fica bem mais bonita calada. Quando abre essa boca só sai merda.

Respiro fundo. O meu olhar vai direto para uma frigideira que está em cima do fogão. *Será que se eu pegar emprestada somente para acertar a cabeça dele eu irei presa?* Balanço a cabeça, tentando espantar esses pensamentos.

— Já cansou de me ofender? Porque, sinceramente, já estou de saco cheio de ficar na sua presença.

— Isso vai ser pior do que eu imaginei! — fala e passa a mão pelo cabelo. — Quero fazer uma proposta para você.

— Não acho que uma proposta vinda de você me interesse.

— Só cale a boca e me escute. — Não repondo, fico apenas encarando-o.

— Já tem um bom tempo que a minha mãe me pressiona para que eu tenha um compromisso sério com alguém e parece que ela gostou de você. — Até imagino aonde esta conversa vai dar, já estou me imaginando segurando aquela frigideira e pensando como será acertá-la nessa cabeça sem noção.

— Você aceitaria ser a minha namorada? Lógico que você ganhará um bom dinheiro pelo serviço prestado.

Olho para ele e logo em seguida para a frigideira. Cabeça, frigideira, cabeça, frigideira... umas dez vezes. Será que pegarei muitos anos de prisão se eu acertar só uma vê, só uma *vezinha*?

— Você está de sacanagem comigo, não é?

— Vai me dizer que não gostaria de ganhar um dinheiro extra?

— A sua vida deve ser uma merda mesmo, não é? Não tem outra explicação para uma proposta dessas. Você já é bem grandinho e mesmo assim deixa a sua mãe mandar em você.

— Não que isso seja da sua conta, mas isso não é somente sobre a minha mãe. Sou um homem de negócios, Ana, e infelizmente esse meio ainda é muito conservador. Muitos empresários ainda veem uma família, ou até mesmo um compromisso sério como sinal de confiança. E vamos dizer que eu leve uma vida mais... digamos assim, livre.

— Livre? Tá bom, você que dizer galinha mesmo.

— Não, livre mesmo. E foi graças a isso que fui naquela boate ontem à noite. E tenho de admitir que me encantei vendo você dançando. Você aceita a minha proposta?

Chego bem próximo ao seu rosto.

— Pegue essa proposta e enfie onde você está imaginando. — Ele franze a testa, formando um vinco entre as sobrancelhas. — Isso, exatamente nesse lugar que você imaginou. Não estou à venda, procure outra, não estou a fim.

Me viro para sair, mas sou impedida quando sinto ele segurando o meu braço, me trazendo ao seu encontro.

— A conversa não terminou!

— Para mim terminou sim. — Tento retirar a sua mão, mas isso faz com que ele aperte ainda mais e faço uma careta de dor.

— Você está me machucando, idiota.

— Escuta aqui, garota, não costumo perder, sempre ganho e agora faço questão de que seja você. No final sempre ganho.

— Já passou da hora de você perceber que nem tudo se compra, seu jumento.

— Jumento? — Balança a cabeça. — Esquece. Te darei uma semana para pensar, logo depois desse prazo irei te procurar.

— Vai perder tempo, não vou me vender.

— Acredite, todas falam isso no começo.

— Pode me soltar ou você vai querer que eu grite? Porque eu irei. Você não me conhece e sinceramente espero que não me conheça. Já participei de rodeios, te derrubo em poucos segundos.

— Você é uma garota muito estranha — fala e me solta. — Não se esqueça, uma semana — diz, se sentando.

— Vai procurar o que fazer, palhaço. — Saio de perto dele. Só quando estou do lado de fora da casa é que consigo respirar normalmente. Dou um passo em direção ao jardim, piso em uma pedra e quase quebro o pé.

— Merda! Por que eu sou tão desastrada? Inferno!



CAPÍTULO 2

ANA FERREIRA

Já tem uma semana que estive com Gabriel, mas as palavras dele não saem da minha cabeça. Por mais que eu precise de dinheiro, faço de tudo para viver uma vida digna. Estou deitada há um tempo. Não consegui dormir direito essa noite. Um ódio tão grande corrói a minha alma neste momento. Tomo um banho rápido, pois hoje como é segunda, tenho de estar na lanchonete às oito.

Visto o uniforme, uma calça preta e uma blusa vermelha, pego o celular e ligo para o meu pai, no segundo toque ele atende.

— Bom dia, minha princesa.

— Que bom ouvir a sua voz, pai. — Meus olhos se enchem de lágrimas, gostaria tanto de estar com ele agora, mas infelizmente não posso.

— É ótimo ouvir a sua voz, meu anjo, como você está?

— Estou bem, mas me fale, e o senhor, como está?

— Estou indo. A Luíza conseguiu falar com uma moça do hospital de Belo Horizonte mais cedo, mas ainda não surgiu uma vaga para o transplante, mas tenho fé que logo vai sair.

— O senhor vai conseguir, pai. Já estou trabalhando em dois lugares e pegando uns bicos para conseguir mais dinheiro. Se tudo der certo você vai fazer o transplante em um hospital particular.

— Não trabalhe tanto, Ana. Você vai acabar ficando doente.

— Pode ficar tranquilo, estou bem. O importante é o senhor, eu me viro. Sou muito forte, você sabe disso.

— Eu sei disso, meu anjo, depois conversamos mais, fique com Deus.

— O senhor também, pai.

Desligo o celular e o encosto no peito. Só espero que o transplante de coração dele dê tudo certo, não posso perder a única pessoa que me resta.



Estaria mentindo se falasse que gosto de dançar na boate, o meu sonho sempre foi me tornar uma bailarina, mas nas condições que eu vivia no interior de Minas Gerais era meio impossível. Tudo que eu sei hoje foi graças a vídeos que eu assistia quando mais nova. Ficar praticamente nua em uma boate em que os homens me olham como se eu fosse um pedaço de carne nunca foi o meu desejo, mas pelo menos consegui este emprego e sou grata por isso.

Chego no trabalho faltando dez minutos. Vou direto para a cozinha, pego tudo que preciso, limpo o chão, organizo todas as mesas e às 8h40 a lanchonete já começa a encher.

— Ana, leve este pedido para a mesa cinco, por favor — fala Diana. Ela é a gerente e uma senhora muito boa. Foi graças a ela que consegui o emprego.

— Claro — respondo, limpando a minha mão no avental.

Pego a bandeja e ando devagar em direção à mesa, ando devagar porque com os meus dois pés esquerdos com certeza esbarro em algum. Digo isso porque já aconteceu e não foi uma coisa muito bonita de ver, principalmente quando você derrama um copo de suco em algum cliente.

— Eu consigo. — *Um pé atrás do outro*, falo para mim mesma até chegar aos clientes. Coloco a bandeja em cima da mesa, sirvo o café e os bolinhos.

— Mais alguma coisa?

— Tem uma coisa. — Me viro e olho para o homem à mesa. — O seu prazo acabou.

Levo um susto quando vejo o Gabriel me olhando intensamente. Não consigo responder nada. O que esse cara está fazendo aqui? Ele pega a xícara de café e bebe um pouco.

— Gostou de me ver, Ana? — pergunta com uma voz arrastada, pisco uma três vezes antes de responder.

— O que você está fazendo aqui?

— Se não me engano, aqui é uma lanchonete.

— Não se faça de idiota, não combina com você. Me responde, o que você está fazendo aqui?

Ele fica um tempo me encarando, a sua boca se abre um pouco e um pequeno sorriso já se forma.

— Vim até aqui para saber a sua resposta.

Dou um sorriso para ele.

— Mas você consegue ser um idiota mesmo, eu já te respondi na sua casa, não tenho mais nada para falar com você.

— Nesse ponto você se engana, temos muitas coisas para resolver, a primeira delas é você aceitar a minha proposta.

— Não, muito obrigada, mas não quero.

— Deixe de ser idiota, garota. É apenas um acordo por três meses. Te darei uma parte do dinheiro no início e a outra metade quando isso terminar, você viverá uma vida de luxo, bem diferente dessa porcaria de vida que você vive.

— Não preciso de nada seu, já te falei o que você tem de fazer com esse dinheiro.

— E eu já te falei que você vai aceitar, só resta saber quando.

— Não estou à venda, tenho dignidade, uma coisa que vejo que falta em você.

— Ou você é muito inocente ou é muito burra mesmo. Todos têm um preço, não adianta ficar se fazendo de boa moça, afinal, nós dois sabemos que você não é.

Fecho a minha mão em punho. O meu coração se acelera e a pouca paciência que tenho já se acabou. Olho para ele e o meu único pensamento é matá-lo com uma faca de serra para que ele sofra até o último suspiro.

— Vou repetir, seu jumento, já que parece que o idiota é surdo. Não quero nada seu, principalmente o seu dinheiro, está me ouvindo?

— Perfeitamente, me fale isso amanhã.

— O que você está querendo dizer?

Ele se levanta ficando na minha frente, me olha dos pés à cabeça e sorri para mim.

— Vou adorar olhar para essa sua carinha quando eu finalmente conseguir o que eu quero.

— Vai sonhando!

— Entenda uma coisa, Ana, sempre consigo o que eu quero, pode ter certeza de que com você não será diferente.

— Isso nós vamos ver.

— Pobre Ana, este jogo eu já ganhei, resta apenas você perceber isso.

— Este jogo só existe na sua mente!

— Adoro jogar, e este entre nós está cada dia mais interessante, até amanhã.

— Até amanhã é o escambau, tem muitas lanchonetes aqui, vá para outra.

— Por que eu iria para outra se o que eu quero está na minha frente?

— Vá para o inferno, Gabriel.

— Até poderia ir para lá, mas só se você for comigo.

— Tenho mais o que fazer do que ficar com você aqui, afinal eu trabalho.

Me viro para sair de perto dele.

Sinto quando a sua mão segura o meu cotovelo, me fazendo parar.

— Não se esqueça, amanhã. — Consigo retirar a sua mão do meu braço.

— Não se esqueça, vai para o inferno.

Não sei como, mas em pouco tempo já estava perto da Diana.

— O que aconteceu, Ana?

— Não é nada de mais, Diana — falo, dando um sorriso sem graça para ela.

— Tem certeza? Você não me parece bem.

— Estou bem! Obrigada.

— Ok, então.

Mesmo não querendo admitir, sei que o verei logo.

Chego em casa às 19h. Abro a janela para que o quarto fique mais arejado, sento-me na cama, retiro os meus sapatos e faço uma massagem no meu pé. Ficar o dia todo em pé está acabando comigo. Estou tão cansada

que se eu pudesse dormiria desse jeito mesmo, fecho os meus olhos e respiro fundo. Coragem!

Ana, vai dar tudo certo no final, repito isso para mim mesma todos os dias, com a esperança de que tudo se resolva.

Tomo um banho rápido. Estou exausta e o que eu quero é me deitar e poder dormir o mais rápido possível. Não demora muito e acabo dormindo profundamente.

Acordo cedo com muita dor de cabeça. Me olho no espelho e a minha aparência não está lá grande coisa. Tomo um banho rápido, me visto com o uniforme e saio de casa.

Quando chego na frente da lanchonete, estranho o movimento. Quase sempre sou eu que abre o local. São raras as vezes que é outra pessoa. Entro para logo ver a minha chefe conversando com a cozinheira.

Me aproximo.

— Aconteceu alguma coisa? — Diana me observa por um tempo e dá um longo suspiro.

— Infelizmente, sim, Ana. Estava comunicando a Isabel que esta loja foi comprada, terei de fechar a lanchonete.

As palavras continuam saindo da sua boca, mas não consigo ouvir mais nada. O meu coração acelera. Merda, mil vezes merda. Não posso perder este emprego, não posso. Os meus olhos se enchem de lágrimas.

O que eu vou fazer?

Respiro fundo.

— Tem certeza, Diana?

— Tenho. O dono me ligou cedo para avisar. Tenho três dias para desocupar o imóvel.

— Mas como isso aconteceu tão rápido?

— Eu não faço ideia, Ana. Sinceramente não sei o que fazer. E ainda têm vocês. Eu sei o tanto que cada uma de vocês precisa, tentei conversar com o dono, mas ele não quis nem me ouvir. Apenas me deu o prazo e nada mais.

— A culpa não é sua, Diana, eu entendo.

As palavras saem da minha boca, mas o meu único pensamento é: como vou conseguir pagar o tratamento do meu pai? E a angústia só aumenta. Praticamente tudo que eu ganho eu mando para ele. Não gasto muito com comida, porque eu lancho aqui. E agora, o que eu vou fazer? Respiro profundamente tentando me controlar. *Calma, Ana, calma, você dará um jeito. Você sempre dá*, repito para mim mesma e coloco um sorriso falso no rosto.

— Pode ficar tranquila, nós daremos um jeito, Diana, não se preocupe. — Ela se aproxima e me dar um abraço. Juro que nesta hora me dá uma grande vontade de chorar, mas me controlo.

A lanchonete não abrirá, mas fico lá com ela, ajudando-a a organizar as coisas. Recebo o equivalente ao mês de trabalho, mesmo faltando dez dias para que ele vença.

Chego em casa acabada, me jogo na cama e acabo chorando tudo que eu tinha guardado. A saudade do meu pai aumenta ainda mais. Eu gostaria tanto de estar com ele agora, tínhamos uma vida simples, mas éramos muito felizes. Às vezes gostaria de voltar no tempo para sentir essa felicidade mais uma vez.

Fico muito tempo me lamentando, mas chega uma hora que você se cansa, me levanto secando o meu rosto.

— Reaja — digo para mim mesma. — Nada na sua vida foi fácil, não seria agora que iria começar.

Tenho de me arrumar. Procurarei outro emprego, nem que para isso eu tenha que andar por toda a cidade. Me visto com uma calça jeans preta, uma camiseta branca e tênis, e pego uma blusa de frio.

— Você consegue — falo olhando para o espelho. Saio de casa às 14h.

Os meus pés estão doendo demais, estou andando de um lado para o outro a tarde toda e até agora nada.

— Merda!

Volto para casa já de noite. Decido que amanhã acordo cedo e continuo a procurar.

No outro dia me arrumo, já pronta para sair, mas primeiro ligo para a Luíza, Lu, como eu chamo.

— Que bom que você ligou, Ana. — Só de ouvir a voz da minha amiga consigo sentir uma felicidade fora do comum.

— Eu que deveria falar isso. Como você está?

— Estou bem, sua boba, mas estou preocupada com você. — A Luíza é a pessoa que mais me conhece nesta vida. Crescemos juntas. Nunca tive uma irmã, mas com a amizade dela nunca precisei.

— Fui mandada embora ontem.

— Calma, Ana, você vai conseguir um novo emprego, eu sei disso, pode ficar tranquila. Em relação ao seu pai, todos os dias passo na sua casa e cuido dele.

— Eu sei disso, na verdade, é por isso que eu fico mais tranquila, se não fosse você provavelmente eu não conseguiria ficar aqui. Obrigada, amiga.

— Deixa de ser boba. Você sabe que eu amo o seu pai como se fosse o meu, ele é um doce de pessoa e você puxou isso dele, tenho certeza.

Acabo sorrindo.

— Agora me fala a verdade, como estão as coisas por aí, e o seu pai?

Ela não responde e já imagino o que possa estar acontecendo. A Luíza, como eu, perdeu a mãe muito cedo, mas diferente da minha, que morreu, a dela foi embora com um outro homem. Desde esse dia a vida da minha amiga é um verdadeiro inferno. O pai não ajuda em nada, principalmente quando enche a cara de bebida e desconta toda a sua raiva na própria filha. Por isso que ela vive com a tia, que é uma verdadeira megera.

— O que aconteceu, Luíza?

— Não aconteceu nada, boba, está tudo bem.

— Eu te conheço, fala.

— Você sabe como é cidade pequena, Ana, tudo é intenso demais e o povo aqui é muito fofoqueiro.

— Eu sei disso. E para falar a verdade não sinto falta dessa parte. Eu te juro, se eu pudesse você estaria aqui comigo.

— Eu sei, também estou juntando um dinheiro e assim que surgir uma oportunidade saio desta cidade, mas pode ficar tranquila, só vou embora daqui quando eu tiver certeza de que o seu pai vai estar bem.

— Eu sei, bom, agora preciso ir procurar outro emprego. Assim que der te ligo de novo.

— Você vai conseguir, estou torcendo por você.

— Muito obrigada, Lu, te ligo depois.

Desligo o celular, respiro profundamente, pego a minha bolsa e abro a porta, pronta para mais um dia, mas sou impedida de sair. Dou um passo para trás sentindo o meu coração martelando no peito.

— O que você está fazendo aqui?

O miserável entra sem ser convidado, observa o local, para e logo em seguida o seu olhar se encontra com o meu. Por alguma razão seguro a minha bolsa rente ao corpo, como se esse objeto pudesse me ajudar. Os nós dos meus dedos ficam brancos de tanta força que coloco.

— Isso é jeito de receber uma visita, Ana? — diz, dando um passo em minha direção. Engulo em seco ao sentir o seu cheiro tão próximo a mim.

— Quando a visita vem sem ser convidada, sim, é exatamente assim que eu a trato. — Sustento o seu olhar e observo um pequeno sorriso surgir no seu rosto.

— Linguazinha afiada essa sua, hein?! Pensei que estaria mais tranquila depois que ficou sem emprego.

O meu coração perde uma batida. Dou um passo em sua direção encurtando a nossa distância.

— O que você disse?

E mais um sorriso é dado por ele, a minha mão coça de vontade de esganá-lo agora mesmo.

— Tenho certeza de que você ouviu da primeira vez, não irei repetir.

— Você não fez isso. — Fico indignada.

— Me surpreende o seu espanto, já tinha te avisado que não costumo perder o que eu quero, e neste momento eu quero você — fala, próximo do meu rosto. O ódio é tão grande que a minha visão escurece e quando vejo já dei um tapa com toda a minha força no rosto dele.

O seu olhar muda e sua expressão se fecha na hora. Em poucos segundos, sinto a suas mãos segurando as minhas, prendendo-as atrás de mim.

— Você ficou maluca? Nunca te disseram que não se bate no rosto de um homem, PORRA!?

Sustento o seu olhar, tentando não demonstrar fraqueza, mas está difícil, principalmente com ele tão perto de mim. E o seu tamanho em comparação ao meu não está ajudando muito.

— E nunca te disseram para não se meter na vida dos outros, seu palhaço?! Você não tinha esse direito. — Estou tentando me controlar, mas a cada segundo que passa a minha garganta vai se fechando mais e mais, abro e fecho os olhos tentando controlar as lágrimas que se formam.

— Eu tenho o direito de fazer o que eu quero, garota, você já deveria saber disso.

— Me solta, Gabriel, você está machucando o meu braço, inferno! — reclamo, tentando me soltar, mas o seu aperto se intensifica mais à medida que eu tento.

— Estou pouco me importando se estou te machucando. Da próxima vez, vê se controla esse péssimo gênio seu — ele diz tão próximo do meu rosto que consigo ver até os pequenos pontinhos pretos na imensidão azul dos seus olhos. Balanço a cabeça, tentando me focar em como sair de perto dele.

Dou um enorme sorriso para ele, que me observa sem entender nada.

— Ok, Gabriel, você ganhou — falo com um tom de derrota. — Eu aceito me passar por sua namorada.

Ele pisca umas três vezes e quase pergunto se tinha caído alguma coisa nós seus olhos.

— Aceita? — pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Aceito. — Suspiro alto e abaixo a cabeça derrotada.

— Isso foi meio de repente, mas assim é melhor. — Ele me solta e dou um passo para trás, colocando distância entre nós.

— Ótimo, tenho algumas regras, já que você será a minha namorada, e espero que faça tudo certo, não quero ter mais dores de cabeça com você.

Ele continua falando, mas não estou prestando atenção em nada que sai de sua boca. O meu foco é na vassoura que está atrás de mim. Dou mais dois passos para trás até que eu consiga pegá-la e um sorriso se forma no meu rosto.

— Por que você está sorrindo? — fala, se aproximando de mim.

Não digo nada, levanto a vassoura e bato em sua cabeça. Ele coloca a mão onde eu acertei e fica me olhando com a boca aberta.

— Você é doida? — pergunta, tentando se aproximar. Empunho a vassoura como se fosse uma espada e o ameaço.

— Nem mais um passo ou acerto a sua cabeça novamente, seu traste. Você pensa o quê, hein? Achou mesmo que eu aceitaria? — Balanço a cabeça. — Pois se enganou, seu jumento, não quero ser a sua namorada. Tenho dignidade, uma coisa que você deveria ter.

Ele começa a sorrir para mim.

— Dignidade? Sério, garota, dignidade... quero ver essa sua dignidade no momento em que você estiver me implorando.

— Continue sonhando, isso não vai acontecer. — Ele dá mais um passo em minha direção.

— Sabe o que é engraçado nesta cena?

— Eu com uma vassoura tentando te matar? — falo, levantando uma sobrancelha.

— Não. O engraçado é que a cada dia que passa estou gostando ainda mais deste joguinho entre nós. Sou um ótimo jogador, Ana, não costumo perder, e este jogo eu já ganhei. Espere notícias minhas, logo você as terá — fala, passando a mão no local onde eu bati. A sua mão sai suja de

sangue e confesso que fico com um pouquinho de pena que logo morre quando vejo um sorriso irônico no seu rosto. — Você está me saindo muito mais interessante do que eu imaginei. — Vai em direção à porta. O sigo com o olhar, ainda com a vassoura na mesma posição.

Quando ele abre a porta se vira olhando diretamente para mim.

— Já que a senhorita gosta tanto de vassouras, quando estiver morando na minha casa as usará bastante, pode ficar tranquila em relação a isso.

E sai me deixando sem saber o que fazer.



Estou sentada na cama há um bom tempo ainda pensando em tudo que aconteceu aqui e ainda não consigo encontrar uma explicação para tudo, mas tenho quase certeza de que ele tem um problema muito sério. Não tem outra explicação para ele ser tão idiota desse jeito.

Saio dos meus pensamentos quando sinto o meu celular vibrando. Atendo.

— Alô!

— Oi, Ana, que bom que atendeu, tenho uma boa notícia para você.

— Consegui a lanchonete de volta, Diana?

— O meu sonho é que fosse isso, mas não, tenho uma amiga que está precisando de algumas pessoas para trabalhar em uma festa este fim de semana, dei a ela o seu número, ela deve te ligar para marcar tudo certinho com você.

— Sério, que bom, estou precisando mesmo de um dinheirinho a mais. — Sorrio.

— Eu sei, tudo que estiver ao meu alcance vou te ajudar, se cuida viu?

— Obrigada, Diana, por tudo.

— De nada! Tchau. Qualquer coisa me liga.

— Com certeza.

Hoje já é sexta-feira e não tive notícias do Gabriel. Graças a Deus por isso. Entro na boate e vou direto para a área dos fundos onde fica o local em que todas as meninas se arrumam.

— Boa noite, Ana.

— Boa noite, Letícia. — Sorrio. Ela é a mulher que conseguiu este emprego para mim.

— Como foi a sua semana?

Dou um sorriso sem graça para ela.

— Tranquila — minto.

— Que bom, vai se arrumar, hoje a casa está cheia.

Saio de perto dela e vou em direção ao quarto que divido com as outras meninas. Todas já estão se maquiando. Passo pela Sofia e ela dá um sorriso para mim e continua a se maquiar. No começo eu ficava sem graça e quase não conversava com ninguém aqui, mas hoje isso mudou.

Sento-me no meu lugar e já começo a minha maquiagem. Capricho bastante e quando termino nem me reconheço direito no espelho. Isso me faz lembrar da manhã que eu acordei ao lado do infeliz do Gabriel e da surpresa no seu rosto em me ver sem maquiagem. Dou um longo suspiro lembrando desse detalhe, nunca me arrependi tanto de ter conhecido alguém como me arrependo de tê-lo conhecido.

Pego a minha roupa e vou me trocar. A lingerie que coloco é toda preta, de renda. Deslizo a meia-calça pelas minhas pernas e prendo a cinta liga no seu lugar, estou pronta. Termino os últimos preparativos arrumando

o cabeça, fazendo vários cachos em seu comprimento e deixo para colocar os sapatos já quase na hora de me apresentar.

Fico ao lado do palco com os sapatos na mão, esperando a minha vez. Dou uma olhada em direção às mesas e a casa está lotada, cerro as minhas mãos em punho, tentando controlar o meu coração neste momento. Fecho os olhos e respiro profundamente.

— Você consegue — falo baixo, somente para mim mesma.

Coloco os meus sapatos e fico esperando a música acabar e a Naiara sair. Dou um sorriso para ela que é logo correspondido. Vou para o palco e me sento na cadeira que já foi colocada para mim. Abaixo a cabeça e espero a música começar.

A música toma conta do local. Desta vez a escolhida foi *Earned It*. Um som baixo começa me transportando para um lugar só meu, não vejo mais nada, cada toque, cada palavra da música começa a entrar ainda mais na minha alma.

Seguro no metal frio da cadeira apertando-a com firmeza. Tento ser sexy, mas ao mesmo tempo deixando algo para a imaginação de cada um aqui hoje.

Termino a performance, a iluminação fica mais clara, ouço palmas e assovios vindo da plateia e dou um sorriso em resposta. O meu coração bate com força e respiro fundo, tentando controlá-lo. Abro e fecho os olhos, tentando enxergar melhor, mas se eu pensei que estava com o coração acelerado antes, me enganei profundamente. Abro a boca várias vezes, tentando colocar ar nos meus pulmões. Só pode ser brincadeira!

Sentado na primeira mesa está o Gabriel, me olhando intensamente. O seu olhar me queima e me sinto nua de uma hora para outra. Saio do palco ainda atordoada, mas antes vejo um sorriso safado no seu rosto.



CAPÍTULO 3

ANA FERREIRA

Caminho em direção ao corredor ainda não acreditando que vi o Gabriel. Chego no quarto ainda atordoada, me sento na cadeira e fico me olhando no espelho. Respiro profundamente, retiro toda a maquiagem e prendo o meu cabelo no alto da cabeça em um coque.

Retiro a roupa e visto uma calça jeans e uma blusa de moletom preta, calço os meus tênis e saio. Me despeço das meninas que ainda estão ali.

Já fora da boate um vento frio me recebe, coloco as minhas mãos nos bolsos do moletom tentando me aquecer. Caminho em direção ao ponto de ônibus. Normalmente pego um táxi, mas hoje consegui terminar cedo a minha apresentação, melhor ainda, não estou em condições de gastar dinheiro.

— Você não deveria andar sozinha uma hora dessas, Ana, nunca se sabe quem pode está te esperando.

Tomo um susto, dou um passo para trás colocando a mão no peito e respiro devagar, tentando controlar as batidas do meu coração neste momento.

— Ninguém nunca te disse para não assustar as pessoas?

— Não! — fala, dando um sorriso de lado.

— Não seja por isso, estou te falando agora. O que você está fazendo aqui, Gabriel?

Ele dá um passo em minha direção, chegando bem perto de mim.

— Vim apreciar a sua apresentação, não posso? — fala com um tom de sarcasmo.

— Se fosse por mim, com certeza não. Mas não sou a dona dessa boate, então não posso fazer nada em relação a isso.

Mais um sorriso. Ele me olha por um tempo e depois passa a mão pelo cabelo levemente, retirando uma mecha que cai nos seus olhos.

— Cada dia que passa mais folgada você fica.

— Não sou folgada, apenas respondi às suas perguntas. Desculpa se as minhas respostas não te agradam, e sinceramente, estou pouco me importando com isso — falo, passando por ele, mas o miserável me segue até o ponto de ônibus ficando ao meu lado. Ele olha para o local e faz uma cara de nojo, reviro os olhos com a atitude dele.

— Sabe que ninguém está te obrigando a ficar aqui, não é? Então pode ir embora, aproveita e vê se me esquece.

Ele coloca as mãos nos bolsos da calça social e me observa.

— Desculpa, mas não posso realizar o seu pedido.

— Por que não?

— Infelizmente você será a minha namorada. E depois de te ver dançando daquele jeito, o meu único pensamento é vê-la dançando só para mim — fala, se aproximando e ficando na minha frente. Ele olha um tempo para os meus olhos, mas logo em seguida o seu olhar se foca nos meus lábios, ficando ali por um tempo.

Balanço a cabeça e dou um passo para trás, ele não se move, apenas fica me observando.

— Se eu fosse você, desistiria, afinal, já sabe a minha resposta — falo, apertando a mão em punho dentro do bolso do moletom. Respiro devagar fazendo de tudo para que ele não perceba o quanto fiquei afetada com a sua aproximação.

— Engraçado, não é o que o seu rosto está me dizendo. — Se aproxima ainda mais, fico no mesmo lugar, apenas encarando-o.

— Na sua mente perturbada, o que o meu rosto diz?

— Ele diz o tanto que você está se esforçando para não aceitar a minha proposta — fala tão próximo do meu rosto que consigo até sentir o seu perfume, engulo em seco tentando me controlar, dou um sorriso para ele.

— Você sempre foi assim? Acostumado a ter o que deseja?

— Até hoje, Ana, apenas uma mulher me rejeitou, e tenho certeza de que você não é como ela.

— Você não me conhece, Gabriel. Não me julgue sem saber nada de mim, não quero ser a sua namorada, não sou esse tipo de garota, apenas aceite.

— Você dança praticamente nua em uma boate, garota, e agora vem me dizer que não é esse tipo de garota? Você consegue ser ainda pior. Não me assustaria se eu descobrisse que você vende o próprio corpo.

Fico parada olhando para ele sem saber o que responder. O meu coração se aperta e um nó se forma na minha garganta, e para piorar, os meus olhos se enchem de lágrimas. Luto comigo mesma para que isso não aconteça.

— Não estou vendendo o meu corpo, seu animal, sou apenas uma dançarina aqui.

— Você acha que dançar praticamente nua para vários homens a noite toda é uma coisa melhor? — disse sorrindo para mim. — Não, garota, não é. Isso só prova o meu ponto de vista em relação a você.

Levanto a minha mão para acertar o seu rosto, mas sou impedida de prosseguir. Em poucos segundos ele segura a minha mão, respiro com dificuldade tentando fazer com que me solte.

— Me solta, agora! — falo entredentes.

— Já te avisei. Não vou tolerar que você encoste um dedo sequer no meu rosto novamente. Este é o último aviso dado a você — fala com raiva.

— Faço o que eu quiser, afinal você não manda em mim. Se você me tratar desse jeito mais uma vez eu juro que vou fazer muito mais do que apenas bater na sua cara, seu palhaço — falo e sustento o seu olhar.

Ele faz a mesma coisa, mas de uma hora para outra o seu rosto se transforma e um sorriso toma conta da sua boca. Ele chega a centímetros da minha orelha e o meu coração se acelera.

— Tenho certeza de que vou adorar passar um tempo com você, e só de imaginar como vai ser, o meu pau se aperta ainda mais dentro da calça. — Ele termina a frase dando uma pequena mordida no lóbulo da minha orelha e fico sem reação nenhuma. Por fim ele me solta e me observa de cima a baixo, como se quisesse gravar em sua mente cada parte do meu corpo.

— Sabe, Ana, uma coisa eu tenho certeza, vou contar as horas para vê-la de lingerie preta dançando só para mim. Mas até que isso aconteça você me verá todas as noites te observando dançar. Pode ter certeza de que sempre estarei na primeira mesa a partir de agora. — Sai.

Fico apenas olhando ele se distanciar até não o ver mais.



CAPÍTULO 4

ANA FERREIRA

Ainda não acredito na audácia do Gabriel. Fico deitada até às 3h da manhã sem um pingo de sono, as palavras dele ficam se repetindo sem parar.

Tenho que tentar dormir; não posso deixar que ele faça isso comigo, falo para mim mesma.

Depois de um tempo, finalmente consigo adormecer.

Fico na cama até às 10h, me levanto, tomo um banho e fico conversando com o meu pai por um bom tempo, matando a saudade pelo menos por telefone.

Hoje é sábado e tenho que conversar com a gerente do clube, afinal, deixei marcado de ir trabalhar na festa de amanhã e um dinheiro a mais sempre é bom. A parte chata é ter que perder a apresentação de domingo, mas vai valer a pena, sinto isso.

Limpo todo o quarto e organizo tudo, afinal, o espaço é pequeno, mas gosto de tudo bem limpo. Quando termino fico na cama assistindo a um filme. Aproveito o fim de tarde para dormir um pouco, tenho de estar na boate às 20h, então dá para tirar uma boa soneca.

Chego na boate faltando dez para as oito, preciso avisar a Letícia que não poderei vir amanhã, afinal, já deixei certo de ir trabalhar na festa que acontecerá no outro dia.

Decido falar depois da minha apresentação. Faço todo o processo, maquiagem, cabelo e por último, a roupa. Hoje, em especial, ficarei com uma lingerie vermelha e uma blusa social masculina preta em cima.

Na hora da apresentação faço de tudo para não olhar para as mesas, porque o meu coração tem a certeza de que o Gabriel estará lá me observando. Não sei se quando eu o vir conseguirei continuar a apresentação.

Amo dançar, pois isso me leva para um mundo somente meu. Quando termino, o meu peito sobe e desce rapidamente e a adrenalina corre solta pelas minhas veias. Agradeço os aplausos e saio mais rápido do que o normal.

— Aconteceu alguma coisa, Ana?

Observo a Letícia me encarando, dou um sorriso sem graça para ela.

— Nada muito importante — suspiro —, mas preciso conversar com você.

Ela me olha por um tempo, mas depois um sorriso já está no seu rosto.

— Claro, vamos conversar na sala dos chefes, eles não estão aqui agora, poderemos falar mais tranquilamente.

Concordo, balançando a cabeça para ela. Subimos a escada que dá acesso ao escritório, em pouco tempo já estou sentada, olhando para ela.

— Então, o que você gostaria de conversar comigo?

— Gostaria de te avisar que amanhã não poderei me apresentar na boate.

— Algum motivo em especial?

— Eu perdi o emprego na lanchonete que trabalhava, então estou fazendo alguns bicos para ajudar e amanhã é o primeiro deles. Vou fazer de tudo para que não atrapalhe o meu serviço aqui, mas infelizmente não consegui dessa vez.

Ela me observa por um tempo e solta um longo suspiro.

— Faça de tudo para não atrapalhar o que você faz aqui, mas como é a primeira vez que você me pede algo desse tipo, pode ser. Colocarei outra garota no seu lugar.

— Obrigada mesmo, Letícia, você não imagina como está me ajudando.

— Ok, é melhor você se trocar, já está ficando tarde. Quer que eu ligue para pedir um táxi?

Não posso gastar dinheiro, mas hoje não quero me encontrar com o Gabriel.

— Se não for te atrapalhar, gostaria sim.

— Não é trabalho algum. Pode ir se trocar, pedirei para o motorista te aguardar na frente da boate.

Saio da sala e vou me trocar o mais rápido possível. Visto a minha roupa apressada. Tento retirar a maquiagem, mas não consigo retirar toda, decido terminar em casa mesmo.

Em menos de dez minutos já estou na frente da boate e um carro para. Estranho, esse carro é muito luxuoso para ser um táxi. De dentro sai um homem e não tenho reação quando ele me coloca no interior do carro e se senta na frente. As minhas mãos estão trêmulas. Olho para o meu lado e o filho de uma égua do Gabriel está sentado, me observando atentamente.

Tento abrir a porta, mas não consigo. Me viro para ele e uma raiva toma conta de mim. Avanço em sua direção e dou vários socos no seu peito, mas em poucos segundos sou imobilizada. Ele vem para cima de mim e em

pouco tempo já estou deitada no banco do carro com ele colocando o seu peso em cima de mim, o que torna impossível eu me soltar, os meus pulsos doem. Ele segura os meus braços acima da cabeça, se aproximando do meu rosto e fica assim por um tempo, me analisando, como se eu fosse uma pessoa que ele nunca tinha visto.

Tento me soltar mais um na vez, mas isso só faz com que ele me aperte ainda mais, faço uma careta de dor.

— Você pode me explicar o que você está fazendo?

— Agora? — Ele sorri.

— Não, amanhã, seu jumento. Lógico que é agora.

— Já estou me acostumado com esse seu jeito, sabia?

— Eu só tenho arrependimento de não ter pegado aquela frigideira.

— Suspiro. — Você poderia sair de cima de mim ou pretende ficar aí para sempre? — falo e levanto uma sobrancelha.

— Não é uma má ideia.

— Sai de cima de mim — falo entredentes.

— Hum... você pedindo com tanta educação não poderia dizer não, não é mesmo? — Sorri.

Ele sai, me sento no banco e passo a mão pelos meus pulsos.

— Aonde você pensa que está me levando, já vou logo avisando que daqui a pouco começo a gritar.

Ele fica por um tempo me analisando, se acomoda no banco do carro e dá um longo suspiro, mas não me responde.

— RESPONDE!

— Agora estou intrigado. Você está achando que estou te levando para onde?

— Não sei, você que deveria me responder, não acha?

— Pode ficar calma, Ana, é apenas uma carona, afinal de contas achou o quê? Que eu irei te sequestrar ou algo do tipo? Pode ficar tranquila. Quando você for morar comigo será por vontade própria. Você irá com as suas próprias pernas.

— Continue sonhando com isso.

Ele fica calado por um tempo, mas logo depois desse minuto de sossego ele se vira para mim.

— Não vou discutir sobre isso com você agora.

Não respondi. Me viro para a janela do carro e o ignoro o restante da viagem. Depois de uns minutos chegamos e o carro para. Aproveito que a porta está destrancada para sair dali o mais rápido possível. Quando já estou quase entrando, em casa ouço ele gritar. Me viro e o vejo encostado no carro, me observando.

— Não vai nem agradecer? — grita.

Coloco as minhas mãos para frente e mostro os dois dedos do meio antes de me virar e o vejo rindo. Ignoro e entro no prédio.

No outro dia procuro emprego nos classificados e marco alguns anúncios interessantes, já me preparando para andar bastante amanhã.

O resto do dia é tranquilo. Fico em casa, faço uma ligação para Luíza e ficamos conversando por um tempo. Marquei com a moça do buffet de estar no salão do hotel às 18h. Consigo chegar quinze minutos antes e já estou na cozinha com o uniforme que ela me deu.



Já são 23h. Já lavei tantas taças que a minha mão está doendo.

— Ana!

Me viro para ela.

— Você quer alguma coisa?

— Leve estas toalhas de papel para o banheiro feminino, com certeza as de lá já estão quase terminando.

— Claro — falo e limpo a mão em um papel toalha.

Saio da cozinha e vou direto para o banheiro, abro a porta para logo em seguida tomar um susto com a cena à minha frente. Duas moças estão no chão, me aproximo.

— O que aconteceu aqui?

A moça ruiva me observa por um tempo e dá um suspiro.

— Ela entrou em trabalho de parto.

Observo a cena e a única palavra que vem à minha mente é:

— Merda!



CAPÍTULO 5

ANA FERREIRA

Me aproximo das moças com o coração acelerado. A loira fecha os olhos para controlar a dor que está sentindo, já a moça ruiva fica me olhando.

— Você quer que eu ajude a levá-la para um hospital?

— Tenho que encontrar o marido dela.

— Se você quiser pode ir, fico aqui com ela.

Ela fica um pouco em silêncio. Acho que está pensando se vai ou não. Observo a moça em trabalho de parto e vejo que ela aperta o vestido com força, outra contração, merda, essa garota não vai chegar ao hospital a tempo.

— Não queria te falar isso agora, mas acho melhor você ligar para uma ambulância.

— Por quê?

— Moça, a sua amiga não vai ganhar esse bebê em um hospital, os intervalos das contrações estão curtos demais. Por que você não liga para o pai do bebê? Acho melhor.

— Você é enfermeira?

Balanço a cabeça negando.

— Não. Sou uma funcionária da cozinha, mas já vi muitos nascimentos.

— Se você não é enfermeira, como já viu tantos nascimentos?

Respiro fundo. Ela pergunta demais e vejo que a sua amiga não está bem.

— Moça!

— Laura, pode me chamar de Laura — diz e pega o celular, ligando para alguém.

— Laura, eu nasci em uma fazenda e já vi várias vacas parindo.

— VACAS?! — as duas dizem, surpresas, ao mesmo tempo.

— Sim, vacas, mas nas condições da sua amiga acho que sou a sua melhor opção. E a propósito, meu nome é Ana. — Sorrio para ela.

Ela abre a boca para responder, mas a porta do banheiro se abre e o meu coração dá um pulo. O senhor Paollo entra, observa a cena e passa a mão pelo cabelo. Fico toda sem graça em saber que um dos meus chefes da boate está aqui e parece conhecer essas garotas.

— Por que em todas as vezes que vou te procurar em um banheiro te encontro em uma cena mais bizarra que a outra? — pergunta o Paollo.

— Estou me fazendo essa mesma pergunta — Laura responde, dando um sorriso para ele. Em poucos segundos ele já está ao nosso lado.

Tento não levantar a cabeça, vai que ele não me reconheça, não é?

— Safira? — ele pergunta.

Respiro profundamente e levanto a cabeça.

— Senhor Paollo!

Laura olha de mim para ele sem parar.

— Vocês se conhecem?

Antes que eu consiga responder, o Paollo diz:

— Depois eu te explico, vou atrás do Nicolai. — Só nesta hora a minha ficha cai. Com certeza a moça loira é alguma coisa do Nicolai. Estou apostando em irmã ou esposa.

Ele sai correndo.

— Você conhece o Paollo? — pergunta e desliga o celular.

Fico sem graça.

— Sim, eu trabalho como dançarina na boate dele e do Nicolai.

— Ok, você acha que consegue ajudá-la, Ana?

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance, Laura — falo e dou um sorriso para elas.

— Ok, o que eu posso fazer para te ajudar? — fala e aperta a mão da amiga e por alguma razão o meu coração se enche de felicidade ao olhar para elas.

A Isabela está deitada no chão, a sua amiga ao lado dela.

— E aí, Ana? — Laura me pergunta.

— Já estou vendo a cabeça, quando a contração vier eu quero que você empurre, Isabela.

— Ok — ela responde e morde o lábio com força.

— Vai dar tudo certo, estou aqui com você. — A amiga dela segura na sua mão com força.

— Ótimo, está quase. Na próxima contração empurre, daqui a pouco você estará com o seu bebê nos braços — falo e dou um sorriso para ela.

A porta do banheiro se abre mais uma vez. Nicolai entrar e logo vai para o lado da Isabela. Ele segura na sua mão e aperta com firmeza, sinto quando ele me encara e logo em seguida olha para Paollo em uma conversa silenciosa.

A contração vem e Isabela empurra com tanta força que o seu rosto fica vermelho na hora. Ela conseguiu. Acabo dando um sorriso de

felicidade ao olhar para aquele bebezinho em minhas mãos.

— E aí? Tudo bem com a minha afilhada? — Laura pergunta, sem tirar os olhos de mim.

— Está tudo ótimo — falo e dou pequenos tapas nas costinhas da bebê, logo em seguida ouço-a chorar.

Observo o local à procura de algo para enrolá-la.

— Me dê o seu blazer, Nicolai.

Ele mais do que depressa o retira e me entrega.

Quando a bebê está bem enrolada, a entrego ao Nicolai que a recebe o mais rápido possível. Ele aproxima o rostinho do da filha próximo ao da mãe.

— Ela é linda, se parece com você, amor.

Ela não responde, apenas fecha os olhos por um tempo e quando os abre vejo que estão cheios de lágrimas.

— Isso eu tenho que concordar com você, Nicolai, ela é a cara da Isabela — Laura fala.

Dou um sorriso para a amiga da Isabela. Logo depois os paramédicos chegam e fico mais tranquila. Ela vai ter um atendimento melhor. Lavo as minhas mãos, as observo por um tempo, estão trêmulas. Só agora a ficha cai. Meu Deus! Eu fiz um parto de um bebê. Sou tirada dos meus pensamentos quando Laura se aproxima com um lindo sorriso no rosto.

— Muito obrigada por tudo que você fez por ela, Ana.

— Não foi nada, Laura.

— Foi sim. Teria como você me dá o seu número de telefone? Tenho certeza de que a Isa vai querer te agradecer pessoalmente.

— Claro. — Dou o meu número para ela, logo em seguida o senhor Nicolai também vem me agradecer. Fico totalmente vermelha na sua

presença, não sei por quê, mas fico sem graça na presença dele e do senhor Paollo.

Quando tudo acaba vou direto para a cozinha, explico tudo para a minha patroa e ela entende, mas confesso que esta noite termina melhor do que eu pensei.



CAPÍTULO 6

ANA FERREIRA

Chego em casa supercansada. Retiro os meus sapatos e me sento na cama. Seguro o meu pé e começo a massageá-lo, a noite foi cheia de emoções.

Mas estou feliz, só de ver a felicidade no olhar da Isabela valeu a pena.

Tomo um banho rápido e me deito para dormir. Estou tão cansada que em pouco tempo já adormeço.

O meu telefone toca e penso duas vezes se vale a pena acordar. Fecho os olhos, respiro fundo e então eu os abro.

Tenho que arrumar um emprego o mais rápido possível, penso.

Me arrumo e em menos de vinte minutos já estou pronta. Pego o jornal com as vagas de emprego que eu marquei e saio de casa às 8h. O dia está nublado. Aperto o casaco com força, está mais frio do que eu esperava, tento aquecer as mãos levando-as até próximo da boca, o que não ajuda tanto como eu pensei.

Passo a manhã toda de um lado para o outro e nada. Os meus olhos se enchem de lágrimas prontas para saírem. *Sou uma chorona mesmo,*

penso.

— Está mais difícil do que pensei — falo baixo. Estou sentada em uma praça e pessoas passam apressadas indo de um lado para o outro.

E pensar que eu era uma dessas pessoas. A minha barriga começa a roncar, pois não comi nada a manhã toda. Para falar a verdade, estou economizando o máximo possível e o medo de não conseguir um emprego já está quase me derrubando.

Depois de um bom tempo ali sozinha, continuo a procurar. Já são 16h e nada. Os meus pés estão doendo muito. Estou cansada física e emocionalmente e imagens do meu pai ficam passando sem parar em minha mente. Decido encerrar por hoje, pois amanhã é um novo dia. Tentarei até que eu consiga.

Chego em casa e desabo na cama. Não consigo nem comer de tão cansada, tento dormir, mas um barulho chato não deixa. Abro os meus olhos para logo ver o meu celular tocando. Observo a janela e ainda é noite. Pego o celular e vejo que é Luíza. O meu coração se acelera. Por que ela está me ligando agora? Só pode ter acontecido alguma coisa.

Atendo mais que depressa.

— Aconteceu alguma coisa, Lu?

Ouçó um suspiro.

— Ana, o seu pai não está bem.

Começo a suar na hora. O meu coração parece querer sair do meu peito de tão rápido que ele está batendo.

— O que aconteceu?

— Ele começou a sentir uma forte dor no peito, então o levei ao hospital.

— O que os médicos disseram?

— O quadro dele se agravou, o coração não está conseguindo mais bombear sangue o suficiente, eles estão transferindo-o para o hospital de Belo Horizonte.

A minha cabeça está doendo, lágrimas saem sem parar.

— Você está com ele? — falo e limpo o rosto.

— Estou, mas ele está dormindo agora, o médico deu um remédio para ele.

— O que eu faço, Lu?

— Primeiro, se acalma, você sabe que eu amo o seu pai como se fosse o meu, eu vou com ele como acompanhante. Assim que eu chegar lá te ligo, pode ficar tranquila.

— Obrigada mesmo por tudo, Luíza, mas eu sei que você não tem condições de ficar em Belo Horizonte.

— Você sabe que tenho guardado dinheiro esses anos todos, não é muito, mas se eu economizar vai dar para ficar com ele um tempo.

— Não posso te pedir isso, Lu, é tudo que você tem.

— Você não está me pedindo nada, Ana, estou fazendo isso porque eu quero. Tudo que estiver ao meu alcance vou fazer pelo seu pai, pode ficar tranquila. Assim que nós chegarmos lá eu te ligo, fica tranquila, ok?

— Vou dar um jeito de arrumar dinheiro para que ele fique em um hospital particular.

— Ana, hospital particular é muito caro.

Dou um suspiro.

— Eu sei, mas nós duas sabemos como são os hospitais no Brasil.

— Eu sei, mas não faça nada que você vá se arrepender depois.

— Por meu pai faço tudo.

— Calma, pensa no que você vai fazer, depois conversamos, o médico está me chamando, o seu pai já está na ambulância.

— Ok, tchau!

— Tchau!

Fico sentada na beira da cama, chorando. Eu sei o que devo fazer, mas não sei se consigo. Respiro fundo e me levanto. Me arrumo o mais rápido possível, observo o celular e vejo que é meia-noite e meia. Não posso deixar para amanhã. A única coisa que vem em minha mente é a imagem do Gabriel.

Preciso encontrá-lo.



CAPÍTULO 7

ANA FERREIRA

Quando entro no táxi o meu pensamento é ir até a casa do Gabriel e aceitar a sua proposta. Mas agora que estou aqui do lado de fora, não consigo. Observo o portão fechado, dou um passo em sua direção, mas volto logo em seguida. Começo a andar ao lado do muro, imaginando como vou entrar. Paro e observo o muro mais uma vez, não é tão alto.

E uma ideia surge, penso nas várias vezes que subi em pés de manga e um sorriso logo surge.

— Não acredito que vou fazer isso — falo para mim mesma, escalando o muro. A sorte é que tem uma árvore perto. Quando já estou sentada no topo, observo o outro lado. Pequenas luzes apontam para cada arbusto. Na última vez em que estive aqui estava com tanta raiva que não consegui admirar, mas agora dá para ver os detalhes. A queda não é muito grande, mas vou admitir, estou com um pouco de medo.

Só espero que não tenha cachorro, mas com a sorte que tenho, não duvido. Respiro fundo e me preparo para pular. Tomo coragem e pulo. Não coloco o peso todo nas pernas e acabo rolando. Me levanto, mas só neste

momento que sinto uma ardência na lateral da barriga. Levanto a blusa para ver.

— Merda! — reclamo. Tem um corte. Observo o gramado para ver onde me cortei, mas não encontro nada. Droga! Como a minha camiseta é preta não mostra sinais de sangue, menos mal, depois resolvo isso. Passo pelos arredores do jardim até estar em uma porta que dá para a área da piscina.

Seguro na maçaneta rezando para que esteja destrancada e solto um suspiro quando vejo que está.

Estou me sentindo aquelas agentes de espionagem, sorrio com esse pensamento. Caminho por uma sala a passos lentos e nada. Nenhum sinal do infeliz do Gabriel.

Quando já estou me preparando para subir as escadas, sinto uma pressão nos meus braços e em movimentos rápidos sou imobilizada. Sinto uma respiração no meu pescoço quando sou encostada na parede. O frio da parede em contato com o meu rosto me faz estremecer. Respiro com dificuldade. As minhas mãos estão presas nas costas e o peso de um corpo me impede de me movimentar.

O meu coração se acelera ainda mais quando meu rosto é pressionado com mais força na parede.

A luz se acende, causando um desconforto nos olhos e me fazendo piscar sem parar, tentando me acostumar com a claridade.

— O que você está fazendo na minha casa a esta hora, Ana?

Respiro fundo.

— Se você me soltar, daria para te explicar — falo com dificuldade.

Gabriel me solta e me viro na sua direção. Os seus braços estão cruzados na frente do seu corpo, fazendo com que cada músculo ali presente aumente de tamanho. O que ajuda muito, visto que ele está só com

uma calça de moletom cinza. Engulo em seco e observo o seu rosto, o cabelo todo bagunçado com pequenas mechas na altura dos seus olhos. Ele está com uma sobrancelha levemente arqueada e os seus olhos não saem de mim, nem por um momento.

— Anda, Ana, estou esperando uma explicação.

— Preciso conversar com você.

— Isso já deu para perceber. O que é tão importante a ponto de você não poder esperar até amanhã, melhor ainda: como você conseguiu entrar aqui?

— Para falar a verdade, foi mais fácil do que eu pensei — falo e dou um sorriso sem graça.

Ele não corresponde, apenas me encara, esperando uma resposta.

— Pulei o muro.

Ele me observa por um tempo, mas logo em seguida solta um suspiro.

— Não sei se você sabe, mas faz muito tempo que temos portas.

— Muito engraçado.

— O que você quer conversar?

Fico sem saber como falar, na verdade, não quero fazer isso, estou me sentindo um objeto sendo vendido. Mas tenho que fazer, afinal é a minha única escolha. Respiro fundo, tomando coragem.

— A sua proposta, quero saber mais detalhes sobre ela — finalmente falo.

Ele fica em silêncio, me observando, mas aos poucos um sorriso já se encontra em seus lábios.

— Sabia que você aceitaria.

— Deixa de ser prepotente, Gabriel, apenas me explique melhor.

— Vamos ser sinceros, Ana, o que você está realmente querendo saber é quanto vai ganhar.

Engulo em seco, tentando me controlar. Quando vê que não vou responder, ele se aproxima e fica próximo do meu rosto.

— Sabia que estou adorando isso? — diz e segura o meu rosto.

Tento virar o rosto, mas sou impedida. Ele continua segurando no mesmo lugar, fazendo com que eu olhe diretamente para os seus olhos.

— Respondendo à pergunta que você se recusa a fazer, pagarei quinhentos mil para você fingir ser a minha namorada por três meses. Apenas para que a minha família fique feliz e pare de me encher o saco todos os dias.

— Só isso? Não precisarei fazer mais nada?

Ele me solta, mas não tira os olhos de mim nem por um momento.

— Você está querendo saber se terá que fazer sexo comigo?

Apenas balanço a cabeça concordando.

Ele dá um sorriso, se aproximando de uma pequena mesa no canto, pega um copo e o enche com uma bebida escura e a vira de uma vez.

— Respondendo a sua pergunta: não, Ana, você não será obrigada a fazer sexo comigo, mas juro que não me importaria se terminarmos o que começamos naquela noite — fala e se aproxima. — Mas você terá que demonstrar carinho e intimidade, afinal, seremos namorados, para todos.

Respiro fundo e sinto uma fisgada na barriga, mas ignoro.

— O que mais eu precisaria fazer?

— Antes de tudo me responda.

— O quê?

Ele anda em minha direção e fica na minha frente.

— Onde está a dignidade que você tanto falava?

Não respondo, os meus olhos se enchem de lágrimas. Sei que acabo de aceitar um acordo com o próprio demônio. Ele não fala nada, apenas sorri para mim.



CAPÍTULO 8

ANA FERREIRA

Não consigo responder. Um bolo se faz presente na minha garganta me impedindo de falar.

Por mais que eu odeie isso, sei que ele está certo. Falei tanto de dignidade e agora estou aqui, fazendo exatamente o que jurei nunca fazer. Aperto uma mão na outra, tentando controlar o nervosismo e não respondo seu questionamento, apenas fico olhando para ele.

— Sabe o que é mais engraçado, Ana?

Não respondo, ele não tira os olhos de mim.

— Você sempre tem uma resposta para tudo, mas agora se cala. Mas não precisa responder, afinal, você é exatamente como todas, o dinheiro sempre vence no final.

— Já acabou ou vai continuar tentando me humilhar?

— Grande engano, isso é somente o começo.

Respiro fundo, me preparando mentalmente para o que vem pela frente.

— Responda! O que mais eu tenho que saber?

— Você assinará um contrato, logo depois poderemos começar o nosso teatro.

— Ok, então, vou embora, assim que o contrato estiver pronto me avise.

Me viro para sair, mas sou impedida. Ele me para segurando no meu braço.

— Pode ficar tranquila, Ana, já estou com o contrato.

— Como assim está com o contrato? Aceitei sua oferta agora.

— Sim, você aceitou agora, mas sempre soube que você aceitaria, o contrato está pronto desde o primeiro dia.

Engulo em seco. A minha mão coça de vontade de acertar a cara dele, principalmente para tirar esse sorrisinho do seu rosto, mas me controlo, afinal, o meu pai precisa de mim.

— Então vamos acabar logo com isso.

Ele não responde, apenas sai da sala e entra em outro cômodo. Fico aqui esperando, minhas mãos estão trêmulas e acabo me sentando no sofá. Deveria ter comido alguma coisa, estou fraca demais. Respiro fundo.

Ele volta com uns papéis na mão, me entrega, se senta em uma poltrona e fica me observando.

Pego aqueles papéis e começo a ler, depois de um tempo, ainda não acredito no que tem escrito ali.

— Aqui está dizendo que devo me mudar para cá. Por quê?

— Ana, você me acompanhará em viagens, eventos, e em muitas outras coisas, será mais fácil se já estiver aqui.

— Não quero morar com você — falo indignada.

— Em algum momento fiz parecer que gostaria de morar com você?
— Ele sorri para mim. — Adoro a minha liberdade, garota, não a trocaria por nada, mas infelizmente tenho que abrir mão. E vamos combinar, não é

mesmo? Aqui é mil vezes melhor do que aquilo que você chama de apartamento.

Abro a boca e a fecho novamente, estou vendo que será muito mais difícil do que imaginei.

— Você leu a parte em que se você se envolver com qualquer outra pessoa até que esse contrato acabe, não receberá o valor estipulado? — Ele dá mais um sorriso. — Mas pode ficar tranquila, você receberá trinta por cento assim que assinar, o restante só no final.

Com esse dinheiro já posso pagar o hospital. Respiro fundo. Por mais que eu queira negar não posso recusar essa oferta. Meu pai vem em primeiro lugar, sempre.

— Vai assinar ou vai se fazer de difícil novamente? — Abro a boca para responder, mas ele continua. — Já vou logo avisando. Não gosto de joguinhos, afinal de contas, nós dois sabemos que foi para isso que você veio até mim uma hora dessas.

A minha mão está tremendo de raiva, sei que isso é apenas o começo, mas essa certeza não muda o fato de que o meu único pensamento é voar em cima dele apenas para tirar aquele sorriso arrogante do seu rosto, na base de tapas.

— Ok, Gabriel, afinal foi para isso que eu vim, não é mesmo? — Dou um sorriso falso para ele.

— Melhor assim, não precisamos de máscaras aqui, vamos ser realistas, colocar nomes nas coisas. Você para mim é uma mercadoria, e sou apenas o comprador.

A paciência vai para o inferno e o meu lábio começa a tremer sem parar. Os meus olhos se fecham de lágrimas, os batimentos do meu coração se aceleram de pura raiva e abro e fecho os olhos, tentando me controlar, mas assim que eu o vejo sorrindo, a calma acaba antes mesmo de começar.

Me levanto com rapidez em direção a ele e o meu pensamento é somente em chegar até aquele rosto. Só quero tirar aquele sorriso da sua cara. Um tapa... só um tapa vai conseguir me acalmar neste momento.

Dou mais um passo, mas de repente a minha visão escurece. Tento me equilibrar, mas a cada respiração fico mais fraca. Dou um passo para trás e antes que eu chegue ao chão sinto as mãos do Gabriel em volta da minha cintura. Abro e fecho os olhos, tentando me controlar. Vejo o seu rosto próximo ao meu. Respiro com dificuldade.

— O que você tem? — O tom da sua voz é uma mistura de raiva e se eu não me engano, preocupação. Quero sorrir com esse pensamento, mas conhecendo o Gabriel pode ser qualquer coisa, menos preocupação.

Abro a boca para responder, mas não consigo. A minha boca está seca igual a um deserto. As suas sobrancelhas se juntam, formando um V na sua testa, em um claro sinal de não está entendendo nada. Abro a boca novamente para responder e mais uma vez a voz não vem. Os meus olhos vão ficando mais pesados, mas antes que eu apague de vez, ouço a sua voz.

— Mas que merda é essa? — Sinto a sua mão ser retirada da minha cintura. — É sangue! — Essas são as últimas palavras que consigo ouvir. Os meus olhos se fecham e caio na mais profunda escuridão.



CAPÍTULO 9

GABRIEL ZÁS

Levo-a até o quarto de hóspedes e a coloco na cama com cuidado. Ela continua desmaiada. Impressionante! Mal começamos este teatro e já estou tendo dores de cabeça. Suspiro alto e ligo para um médico.

Enquanto ele não chega, levanto a barra da sua blusa devagar, até ver um corte na lateral da sua barriga. O corte é profundo. Por que ela não falou que estava machucada?

Pulei o muro, penso em suas palavras.

Então foi isso. No mínimo essa doida deve ter se machucando com esse ato idiota. Pego uma blusa minha e faço pressão no ferimento até que o médico chegue. Enquanto isso não acontece, eu a observo atentamente. Imagens da noite em que a conheci vêm em minha mente, lembro de como fiquei impressionado pela forma como ela dançava na boate. Em como os seus beijos me deixaram a ponto de pressioná-la na parede e penetrá-la ali mesmo, e principalmente como tive vontade de apertar aquele pescoço quando pensei que iria tê-la finalmente na minha cama, mas ela simplesmente dormiu.

A porta do quarto se abre e o médico entra. Ele a examina e cuida do seu corte. Fico a todo o momento observando-a.

— E aí, doutor, ela está bem?

Ele se levanta e vem ao meu encontro.

— Ela desmaiou de fraqueza. Assim que ela acordar faça-a comer. Tive de dar quatro pontos no machucado, mas ela vai ficar melhor assim que acordar. Apliquei um remédio para dor, mas não se esqueça de que quando ela acordar, deve tomar este remédio — fala me entregando um frasco com comprimidos.

— Mais alguma coisa?

— No mais é só isso mesmo. Assim que ela se alimentar direito ficará melhor.

— Muito obrigado, doutor.

— Qualquer coisa é só me ligar.

Logo depois ele sai. Vou para o meu quarto. Já são 2h da manhã. Dou um suspiro. Esta madrugada foi mais movimentada do que eu imaginei.

Tomo um banho rápido, pois as minhas mãos ainda estavam sujas de sangue. Quando termino vou me deitar.

Acordo suado e com o meu coração acelerado. Me sento na cama para poder respirar melhor. Fecho os meus olhos, tentando me controlar. Coloco as minhas mãos na frente do meu rosto para ter certeza de que foi apenas um sonho. Elas estão trêmulas, mas não estão com sangue, suspiro alto. *Foi apenas um sonho*, repito para mim mesmo.

Pego o meu celular para logo ver que já são 7h da manhã. Preciso resolver esse problema o mais rápido possível. Me levanto, tomo um banho, me arrumo e depois de pronto vou ao quarto de hóspedes.

Ela está do mesmo jeito em que a deixei. Continua dormindo, mas sei que logo acordará. Saio do quarto e desço as escadas, preparo um café e me lembro das palavras do médico sobre ela se alimentar bem.

— Merda!

Ela nem assinou o contrato e já está me dando dores de cabeça, penso, arrumando alguma coisa para aquela ingrata.

Depois de tudo arrumado, subo as escadas e coloco a bandeja na mesinha ao lado da cama junto com o remédio.

Quando vou sair vejo que ela já está acordando. Aos poucos os seus olhos se abrem e ela começa a olhar de um lado para o outro. Levanto uma sobrancelha e logo um sorriso já está no meu rosto. Ela me vê, se senta com um pouco de dificuldade e fica me observando.

Suspiro alto e me aproximo, me sento na cama sem tirar os olhos dela.

— Onde eu estou?

Antes de responder a observo. O seu cabelo está todo bagunçado, o seu rosto está vermelho e a todo o momento ela me encara.

— Não se lembrar de ontem? Você está na minha casa.

— Ah... — Ela faz uma careta quando tenta se sentar direito.

— Assim que você desmaiou chamei um médico. Ele teve que dar pontos na sua barriga.

Logo depois que eu termino de falar, ela coloca a mão no local e em seguida levanta o olhar para mim.

— Ele falou que você provavelmente vai sentir dor. — Me levanto. — Aqui está um remédio que ele indicou — falo e mostro a bandeja. Ela a observa por um tempo, mas não demora. Em seguida os seus olhos estão em mim. Coloco uma mão no bolso da calça.

— Você deveria se preocupar mais com a sua saúde, Ana. Desmaiar por não ter se alimentado direito é o cúmulo do ridículo.

— Já acabou? Ou tem mais alguma coisa? — fala e levanta uma sobrancelha.

— Não, não acabou! — falo me aproximando bastante do seu rosto. Ela fica me olhando e o seu peito sobe e desce rapidamente. — Você não é criança para que eu precise cuidar de você, então faça um favor para você e para mim. Se cuida, porque na próxima vez que você desmaiar na minha frente a deixarei no chão. Está me ouvindo?

A sua expressão se fecha completamente.

— Não te pedi ajuda.

Saio de perto dela.

— Bom saber. Se algo do tipo acontecer novamente a deixarei no chão, pode ficar tranquila — falo e vou em direção à porta.

— Já ia me esquecendo, o contrato está ao seu lado. Vê se assina logo, já perdi muito tempo com isso. — Ela não responde. Ótimo! — O meu motorista já está avisado sobre você. Assim que estiver melhor ele te levará até o seu apartamento para que possa pegar as suas coisas. Só me faça o favor de quando sair usar a porta, pois foi para isso que ela foi feita.

Não espero a sua resposta e saio do quarto. Tenho tantas coisas para fazer, mas primeiro tenho que encontrar o Paollo.

Saio de casa e entro no carro. Tento ligar para ele novamente, mas nada, ele não atende. Já sem paciência ligo para o Nicolai e no terceiro toque ele atende.

— Gabriel!

— Bom dia, Nicolai, tenho que conversar com você e o Paollo, mas ele não atende as minhas ligações.

Um pouco de silêncio. Me pergunto se ele ouviu.

— Ele está comigo, estamos na minha casa resolvendo algumas coisas. Se você quiser pode vir aqui.

— Ok, logo chego aí.

Desligo e vou ao seu encontro. Em menos de vinte minutos chego.

Entro no elevador e olho para meu celular que não para de vibrar em meu bolso. O pego e vejo que há várias mensagens da minha mãe, mas decido ignorar. Quando saio do elevador vou até a porta e aperto a campainha.

O Nicolai me atende, entro e vamos direto para o escritório. Dou dois passos para dentro, mas logo dou um para fora quando sou recebido com um soco. Coloco a mão na boca já sentindo o gosto de sangue. Dou um sorriso em direção ao Paollo que me olha com um ódio emanando de cada parte do seu corpo.

— Acho que ainda não me perdoou por ter contado a verdade para a linda Laura.

A palavra linda não passa despercebido e Paollo vem ao meu encontro, mas Nicolai se coloca na nossa frente. Dou um sorriso em resposta para ele que logo revira os olhos para mim

— Aqui não é local para isso, Paollo.

— Se você não quiser sair daqui direto para o dentista, Gabriel, é melhor tirar o nome da Laura da sua boca — Paollo fala, saindo de perto de mim.

Passo a língua no local sentindo uma ardência e o gosto de sangue novamente.

Vejo uma movimentação na porta para logo ver a esposa do Nicolai observando a cena.

— Deixa o Paollo terminar de quebrar a cara desse imbecil, Nicolai — fala me encarando com ódio. É... vejo que a amiga da Laura não vai

muito com a minha cara.

— Bom te ver também, Isabela — falo e vou até o pequeno bar e me sirvo de uma dose de uísque.

— Aconteceu alguma coisa? — Nicolai pergunta para ela.

— Nada importante, só ouvi um barulho e vim ver o que estava acontecendo, mas já estou saindo — falo e sai, mas antes me olha com raiva. Apenas sorrio mais uma vez.

Paollo se encosta na beirada da mesa, mas não tira os olhos de mim.

— O que aconteceu, Gabriel?

Dou um gole na bebida, sentindo o sabor forte. O contato do álcool com a minha boca faz com que eu sinta a ardência do corte, mas ignoro.

— Temos um problema. Ontem recebi, na editora, a visita de um investigador.

— E desde quando isso é problema nosso? — Paollo fala me encarando.

— Desde que o assunto é sobre a morte do meu pai.

Os dois se olham, me pergunto se eles sabem alguma coisa.

— O que ele queria? — Nicolai me pergunta.

— Eles estão reabrindo o caso. — Dou mais um gole na bebida.

— Por que eles estão fazendo isso? — agora quem pergunta é o Paollo.

— Sexta-feira saberei. Fui intimado a comparecer para um novo depoimento. Quando perguntei o porquê, o investigador apenas me disse que conseguiram novas provas. O meu pai não morreu em um assalto.

Os dois se olham novamente, desconfio.

— O que vocês sabem que eu não sei? — pergunto para os dois.

Nicolai suspira e se serve de uma dose de uísque.

— Há um mês estamos tentando descobrir algo. Dois dos nossos foram intimados. Paollo descobriu que a polícia está em posse de documentos da nossa organização.

— Você está querendo dizer que eles sabem sobre o meu pai?

— Se eles soubessem do seu pai nós três já estaríamos na cadeia. Afinal, sabemos muito bem quem matou o seu pai, não é mesmo? — Paollo fala.

— Já chega, Paollo! — Nicolai diz. — Isso não é importante, o importante mesmo é saber como eles conseguiram os documentos.

— Para mim já está claro. Alguém com acesso a eles nos traiu. Resta saber quem é — falo e bebo o restante da bebida.

— Temos que encontrar quem foi antes que eles descubram a verdade. Não seria bom se eles soubessem o que nós três fizemos há cinco anos.

Os dois não falam nada, apenas ficam calados.

— Enfim... quero ser informado sobre qualquer novidade, vou fazer o mesmo.

Saio do apartamento e os meus pensamentos vão para a Ana. Acabo pensando no que ela deve estar fazendo e um sorriso logo surge nos meus lábios. Vou adorar os nossos momentos, isso eu tenho certeza.



CAPÍTULO 10

ANA FERREIRA

Me levanto e sinto a minha barriga doer. Respiro fundo e tento me controlar. Fico uns minutos com o contrato nas mãos, pensando se realmente vou ter coragem de assinar. Logo depois que o Gabriel saiu liguei para a Luíza, mas não consegui falar com o meu pai. No fundo eu só queria ouvir a voz dele, mas não consegui. Ele estava dormindo depois que os médicos deram um remédio para controlar a dor.

Os meus olhos estão ardendo de vontade de chorar, mas me recuso. Pego uma caneta e finalmente assino o maldito contrato, dando um fim nessa angústia que corrói a minha alma.

Agora não tem mais volta, falo para mim mesma.

Calço os meus tênis com um pouco de dificuldade e quando me sento sinto os pontos.

Termino de tomar o café e me sinto um pouco melhor. Entro no banheiro e fico um pouco me observando no espelho. Meus olhos estão vermelhos e o meu cabelo está bagunçado. Lavo o meu rosto e fecho os olhos por um tempo.

— Coragem, Ana, você consegue — falo para mim mesma. Faço um coque no cabelo, pego a minha bolsa e saio da casa do Gabriel.

Encontro o seu motorista me esperando próximo ao carro. Ele me cumprimenta, falo para onde quero ir e ele apenas balança a cabeça concordando.

Entro no carro e saímos. A todo o momento fico pensando no que aconteceu ontem. As palavras do Gabriel parecem que ficaram gravadas na minha mente.

Onde está a dignidade que você tanto falava? Balanço a cabeça inconformada, tentando esquecer de tudo, mas sei que é impossível. Principalmente agora que irei viver na mesma casa que ele e principalmente depois que assinei aquele contrato.

Sei que será somente o começo, penso e olho pela janela.

Finalmente chegamos. Saio do carro e entro em casa. O motorista fica me esperando no carro. Arrumo as minhas malas e decido tomar um banho rápido com cuidado para não molhar os pontos. Ao terminar, visto um vestido simples branco e completo com uma jaqueta jeans. Calço os meus sapatos e logo em seguida saio, trancando tudo. Respiro fundo e deixo meu apartamento para trás. O motorista me ajuda a colocar as malas no carro e seguimos viagem.

Já são 16h e nada do Gabriel. Para falar a verdade, estou gostando disso, não vou precisar vê-lo cedo. Acabo saindo do quarto. Passo pelos corredores com pouca iluminação e desço as escadas, atravessando a sala e indo em direção ao meu destino, a cozinha. Abro a geladeira e pego uma garrafa de água, coloco o seu conteúdo em um copo, levo até a sala, me sento e começo a beber.

Dou mais um gole quando ouço alguém abrir a porta. Observo para logo ter certeza de que se trata do Gabriel. Ele entra sem tirar os olhos de mim. Vem ao meu encontro até ficar na minha frente. Olho para cima e observo que ele tem um pequeno corte no seu lábio superior.

Dou um sorriso para ele.

— De tudo que pensei a seu respeito, você brigando não era uma delas.

Ele sorri retirando a gravada.

— Engraçado, não lembro de ter te perguntado algo. Melhor ainda, você não me conhece, garota, então não finja que conhece — fala e vai até a cozinha e se serve com um copo de água. O meu sorriso morre antes mesmo de começar.

Me levanto e vou até próximo a ele, que finge que não estou aqui continua a beber a sua água tranquilamente.

— Deixa de ser mal-educado. Que tal fingirmos que você tem educação, o que acha? — falo, levantando uma sobrancelha.

— Sinceramente não estou a fim de fingir nada, principalmente para você.

Respiro fundo, tentando me controlar. Calma, é apenas o começo, mas só de olhar na cara dele o meu sangue ferve de raiva.

— Eu não tenho culpa do seu mal humor, Gabriel, apenas estava tentando conversar com você. Deveria ter prioridades na sua vida e parar de culpar os outros pelo que acontece com você — falo e me viro para sair, mas sou impedida quando sinto a sua mão em volta do meu braço. Me viro e encaro aqueles olhos azuis.

— Não terminamos a conversa ainda.

Dou um sorriso para ele.

— Para mim terminou, não estou a fim de servir de saco de pancadas para seu ego distorcido.

— Ego distorcido? Sério, Ana?! Deixe de infantilidade, garota. Temos que conversar agora.

Dou um longo suspiro, fechando os olhos. Ao abri-los o vejo me encarando.

— Primeiro solta o meu braço. — Ele retira a mão do meu braço para logo a colocar no bolso da sua calça. — O que você quer conversar comigo?

Ele sai da cozinha e se senta no sofá, levantando o olhar para mim.

— Pode se sentar, não mordo. — Sorri.

— Até porque você sabe que se fizesse isso daria um jeito de arrancar pelo menos dois dentes da sua boca. — Me sento.

— É, eu sei. Mudando de assunto, você sabe como a minha mãe é, tenho certeza de que logo, logo ela virá aqui e precisamos arrumar uma história para o seu sumiço e o motivo para estar morando aqui.

Fico observando ele por um tempo e me aconchejo direito no sofá.

— Podemos falar que meu apartamento está em reforma e que estou na sua casa até que termine.

— Interessante. Acho que dará certo. Ah... já ia me esquecendo, já pediu demissão da boate?

— Ainda não, tenho que ir lá conversar com meu chefe.

Ele não tira os olhos de mim.

— Você pode ligar para ele.

— Prefiro falar pessoalmente.

— Acho que você não entendeu, Ana. Não quero que você vá naquela boate. De hoje em diante você é minha namorada aos olhos de todos. Você não colocará os pés lá de novo — fala sério, com uma expressão fechada.

— Você não entende, Gabriel, eles me deram um emprego quando ninguém mais queria, tenho que agradecer e me despedir de todos — falo, por fim.

— Acho que você que não entendeu. Não vai e ponto final. Está louca?! E se alguém conhecido te ver lá? Desculpa, mas prefiro não arriscar a reputação da minha família por você.

— Eu vou sim.

— Não, você não vai.

— Deixa de ser infantil, preciso agradecer ao meu chefe pessoalmente.

— O Paollo e o Nicolai não irão se importar com uma simples dançarina.

— Como você os conhece?

— Você se surpreenderia de tudo que eu sei, mas isso não é importante. Está avisada, Ana, ligue logo e resolva isso, porque você não vai colocar os pés lá de novo — fala e se levanta, faço o mesmo.

— Ok, Gabriel, não irei lá.

— Melhor assim. Vamos deixar claro. Se a minha mãe ou outra pessoa quiser saber sobre a sua profissão, falaremos que você é apenas uma estudante de faculdade ou algo assim.

— E qual curso eu faço? — falo irritada.

— Vejamos — fala e se aproxima, ficando próximo ao meu rosto. Ele segura no meu queixo o levantamento lentamente.

— Que tal dança? — Sorri. Retiro a sua mão do meu rosto.

— Muito engraçado — falo e dou um passo para trás.

— Não é para ser engraçado, é apenas a verdade. Será mais fácil para você mentir sobre um assunto que você conhece e domina tão bem, não é mesmo?

— Como você quiser. Mais alguma coisa?

— Tem sim. É melhor você descansar um pouco. Às 19h iremos jantar na casa da minha mãe.



CAPÍTULO 11

ANA FERREIRA

— Ok, Gabriel, não quero discutir com você.

— Melhor assim. E outra, não estou com paciência para ficar nesse joguinho.

— Joguinho?

Ele se serve com uma dose de uísque.

— Sim, ou até agora não percebeu?

— Não faço joguinhos com você.

— Ok, então, Ana — fala, me encarando. Ele dá um passo e fica na minha frente.

— Já ia me esquecendo. Aqui o cartão com os trinta por cento do valor do nosso acordo — diz e me entrega o cartão. O pego e percebo que a minha mão está tremendo, mas ao mesmo tempo estou feliz. Meu pai vai ser transferido para um hospital particular e terá um tratamento melhor.

— Pode sorrir. Sei que por dentro está pulando de alegria, afinal de contas, é dinheiro, não é mesmo? — fala e sobe as escadas. Eu o sigo.

— Não se esqueça. Às 19h sairemos — diz e entra no corredor.

Engulo o nó que se forma na minha garganta, respiro fundo e entro no meu quarto. Pego o meu celular e mando uma mensagem para a Lu

falando que consegui o dinheiro e que depositarei o valor para a internação do meu pai. Ficamos trocando mensagens por um bom tempo até que percebi como o tempo tinha passado rápido. Quando vejo já são 18h. Me despeço dela, mas antes falo que se acontecer qualquer coisa é só ela me ligar. Pode ser a hora que for. Tomo o meu remédio e vou tomar um banho.

Escolho usar um vestido simples azul, calço um tênis All Star e completo o visual com uma jaqueta preta. Deixo os meus cabelos soltos, mas faço cachos, passo um batom claro e pronto. Me olho no espelho para ver se está tudo em ordem. Não gosto muito de perfume, prefiro creme de pele e pronto. Sorrio para mim mesma, encarando o espelho.

Pego a bolsa e quando abro a porta já encontro Gabriel saindo do seu quarto, paro no corredor e fico observando. Ele está com uma calça jeans escura e uma blusa de frio azul, também escura. Até parece que combinamos as roupas. O seu cabelo está perfeitamente arrumado. Ele vem e fica na minha frente, me observando de cima a baixo. Dou um pequeno sorriso, pois acho que acertei na roupa, pelo menos eu acho. Mas o sorriso logo morre depois das palavras que saem da boca do jumento.

— Isso era o melhor que tinha no seu guarda-roupa? — diz com uma cara de desgosto. Fico totalmente sem graça diante das suas palavras. Passo a mão no vestido tentando perceber se tem algo de errado, mas não tem. O encaro.

— O que tem de errado com a minha roupa? — falo, por fim.

Ele me observa atentamente de novo, esse gesto só me deixa com mais raiva.

— É muito simples — ele fala.

— Estamos indo à casa da sua mãe, não a uma festa.

— Exatamente, se para a casa da minha mãe você se veste assim, tenho até medo de quando for para uma festa comigo.

Respiro profundamente, sentindo ódio de tudo que sai da boca desse idiota.

— Gabriel, se você não se lembra, eu não frequentava esse tipo de lugar antes. A minha vida se resumia a trabalhar em uma lanchonete e à noite em uma boate. — Não quis acrescentar a parte de que não compro roupas há muito tempo, porque tudo que eu ganho mando para o meu pai.

— Por hoje, isso serve, amanhã darei um jeito nesse assunto.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Amanhã você verá. — Ele se aproxima e simplesmente segura na minha cintura, me fazendo colar o meu corpo ao dele. Ainda estou processando essa informação quando sinto os seus lábios nos meus. Ele tenta me beijar forçando a sua boca na minha, eu o empurro e respiro com dificuldade.

— Você é louco? Por que me beijou?

A sua expressão é totalmente neutra. Ele apenas me observa.

— Só estava testando uma coisa.

— TESTANDO? VOCÊ É LOUCO. O QUE ESTAVA TESTANDO, SEU JUMENTO?

— Primeiro, fala baixo, não sou surdo. Segundo, queria saber qual seria a sua reação com um beijo meu de surpresa. Agora vejo que foi bom ter te dado esse beijo aqui e não na casa da minha mãe, na frente de todos. Cresce, garota, e faça o seu trabalho, foi para isso que você foi paga. Ou se esqueceu de que teremos que ter contato mais íntimo na frente de todos? Espero que essa cena não se repita. Vamos logo, já está ficando tarde.

Ele sai na frente, me deixando com suas palavras. As minhas mãos estão tremendo. Respiro fundo, tentando controlar as lágrimas que insistem em se formar. Vou atrás dele repetindo para mim mesma que consigo fazer isso.



Estamos no carro há um tempo e evito olhar para ele. Fico observando a janela. Estou me sentindo tão mal e uma sensação de impotência toma conta de mim. Respiro fundo e fecho os olhos.

Você terá de fazer isso. O mais importante é o seu pai. Já que terá que fazer isso querendo ou não, comece a tornar isso mais interessante, não deixe que ele te humilhe e principalmente, responda a cada provocação que sai da boca desse animal. Se ele quer um show, então ele terá um espetáculo inteiro, acabo sorrindo para este pensamento. Me viro para ele, que está concentrado olhando o seu celular. *Você me paga, vou fazer da sua vida um inferno, seu jumento,* um novo sorriso se forma no meu rosto.

Chegamos a uma parte da Sicília mais afastada, abro o vidro do carro para observar o mar e respiro aquele cheiro maravilhoso. Tem um bom tempo que não vou à praia. Preciso mudar isso. A lua ilumina o céu refletindo sua luz na água que vai e vem, trazendo um sentimento de paz.

Depois de uns dez minutos, chegamos. Gabriel sai e logo em seguida abre a porta para mim, estranho esse gesto, mas logo a ficha cai. O teatro já começou. Entro no meu papel de namorada apaixonada, entrelaço o braço no dele, que é pego de surpresa, mas me dá um sorriso em resposta.

Entramos e um calor muito reconfortante invade meu corpo. A mãe do Gabriel nos recebe com um lindo sorriso no rosto.

— Ana, que bom te ver — fala e segura as minhas mãos, logo os seus braços estão em volta de mim.

— É muito bom te ver também.

— Você está linda.

— Muito obrigada.

— Venha, vamos nos sentar, só vou chamar o irmão do Gabriel —
fala e sai da sala.

Andamos até o sofá, mas antes de me sentar, me aproximo do Gabriel e o beijo. Ele não faz nada, apenas fica me encarando, surpreso. Então chego próximo ao seu ouvido e digo:

— Tira essa surpresa do rosto, amor, afinal de contas, foi para isso que fui paga. — Dou um beijo no seu pescoço, fazendo com que eu veja os pelos da sua nuca se arrepiarem. Saio de perto dele e me sento, mas ele fica no mesmo lugar, sem acreditar no que eu acabei de fazer.

Ótimo! O show começou.



CAPÍTULO 12

ANA FERREIRA

Continuo sentada, tranquila e plena, observando Gabriel e ele continua do mesmo jeito, sério.

— Vai continuar em pé?

Ele balança a cabeça e se senta ao meu lado.

— Por que você me beijou?

— Não estou entendendo a pergunta. Sou sua namorada. Vou te beijar a hora que eu quiser.

— Você entendeu a pergunta. Não se faça de burra, Ana.

— Não estou me fazendo de burra. É a verdade! Afinal, foi você que me fez lembrar, não é mesmo? Teremos intimidade na frente dos outros, ou seja, é melhor se acostumar com a ideia.

— Não use as minhas palavras contra mim.

Me viro para ele e o encaro do mesmo jeito que está fazendo comigo.

— Você acha que eu iria perder essa oportunidade? Não, senhor. Valeu a pena ver a sua cara de lerdo quando fiz isso. — Sorrio.

— Você tem sorte de estarmos aqui, porque se fosse em casa iria te ensinar direitinho quem é o lerdo.

— Falando assim até acredito em você — falo com ironia.

Ele segura no meu braço e me prensa contra o sofá. O seu rosto se aproxima quase colando no meu. O meu coração se acelera e tento sair do seu aperto, mas não consigo.

— Você é louco? Daqui a pouco a sua mãe chega. Sai de cima de mim.

Ele sorri de lado, mas não fala nada. A sua boca vai de encontro ao meu ouvido e mesmo sem querer sinto o meu corpo se arrepiar.

— Pode ficar tranquila, Ana, irei te mostrar o que é loucura, pois estou vendo que você gosta de brincar — articula quase encostando na minha pele. Ele me solta e me sento direito, mas a respiração continua irregular.

— Eu não gosto de brincar, principalmente com você.

— Não é o que as suas ações dizem.

Me viro para ele.

— Depois eu sou a infantil, tá bom! Você dá aquele show na sua casa e quando faço o que você queria, aí a única explicação é que gosto de brincar. — Sorrio.

— Não brinque comigo, Ana. Porque se eu começar a fazer a mesma coisa, te garanto, você será a única que sairá machucada no final desta história.

— Não estou brincando, Gabriel.

— Acho melhor mesmo.

Quero só ver se serei eu a sair machucada, penso.

A mãe do Gabriel logo entra e um rapaz vem logo em seguida. Impressionante, eles são muito parecidos.

— Ana, esse é o Nicollas.

O rapaz vem para perto da mãe, me levanto e estico a mão para cumprimentá-lo.

— Pode me chamar de Nick — fala e dá um beijo na minha mão.

— Você e seu irmão são muito parecidos.

Ele sorri para mim.

— Ainda bem que é só nisso que nos parecemos — ele responde.

Ouçõ uma risada. Gabriel se levanta, segura na minha cintura com força e faço uma careta de dor. Esse animal, no mínimo, se esqueceu de que a minha barriga está machucada. Tento dar um pouco de espaço, mas isso só serve para ele me apertar mais. Tento não demonstrar desconforto com seu gesto, principalmente com a família dele aqui.

— Nisso eu tenho que concordar com você, não é, irmãozinho? — ele responde sorrindo. Sinceramente, não estou nem aí para essa *brigrinha* de crianças mimadas. O meu único pensamento é a mão desse jumento na minha cintura.

— Por que está se afastando? — ele pergunta próximo ao meu ouvido, mas quando vou responder a mãe dele começa a falar.

— Parem com isso, vocês dois, temos visita. E garanto que ela não está querendo ver discussão de família.

Na verdade, quero sim, adoro um barraco, principalmente quando não se trata de mim, mas não vou falar isso, não mesmo.

Apenas sorrio para ela.

— Ótimo, vamos jantar — ela responde.

Eles andam na frente e quando vou acompanhá-los o Gabriel não deixa. Ele me mantém no mesmo lugar, fazendo com que eu sinta uma fígada na barriga, fico quieta.

— Da próxima vez que te abraçar, quero que corresponda com alegria e não fique querendo se afastar. Qual é o problema com isso? É uma

coisa simples até para você.

Respiro profundamente, sentindo ainda mais ódio.

Retiro a sua mão da minha cintura à força e ele apenas me encara.

— Deixe-me te ensinar uma coisa, Gabriel. Que você é um jumento, eu já sei, mas não leve isso para outro nível. Você sabe muito bem que a minha cintura está machucada e mesmo assim me segura desse jeito. Não sei, mas talvez seja por isso que eu fiz isso, você não acha? — falo com ironia.

Ele me observa um pouco, a sua expressão se suaviza.

— Desculpa, tinha me esquecido, te machuquei?

Sorrio para ele.

— Como se você se preocupasse. Me fala, onde tem um banheiro?

— Eu te mostro — fala, dando um passo.

— Não precisa, só me fale onde é.

— Escuta, Ana, eu esqueci desse detalhe, a minha intenção não era te machucar.

— Ok, onde fica o banheiro?

— No final daquele corredor — diz, por fim.

Ótimo, agora vou ver qual foi o estrago que ele fez no meu machucado.



CAPÍTULO 13

GABRIEL ZÁS

Continuo na sala, o rosto dela não sai dos meus pensamentos, não queria machucá-la.

— Droga!

Impressionante. Estou no mesmo local que o meu irmão está há apenas alguns minutos e já estou com uma grande vontade de matá-lo.

— Onde está a sua namorada, irmãozinho?

Me viro para ver o moleque do meu irmão se aproximar, dou um sorriso em resposta.

— Não é da sua conta, Nicollas.

— Você está certo, não é da minha conta, mas mesmo assim me importo, afinal de contas, aquela garota não se parece em nada com as mulheres que vivem aparecendo nas revistas ao seu lado. O que você está tramando, hein?!

— Por que a pergunta, está com inveja?

— Está louco? Claro que não! Estou adorando isso, assim a mamãe me deixa em paz por um tempo.

— Você deveria tomar vergonha. Ela só quer que você comece a trabalhar, você já tem 22 anos e não faz nada da vida, apenas vive à custa

dela.

Ele apenas sorri, a minha vontade é tirar esse sorrisinho irônico do rosto dele na porrada.

— Me fale, para que eu iria fazer isso se tem você para trabalhar? O problema é seu, eu prefiro a minha vida do jeitinho que ela está.

O pego pela blusa e o encosto na parede, ele não faz nada, apenas me encara.

— A nossa mãe deveria ter de dado uns bons tapas quando você era pequeno, seu moleque.

— Igual ao nosso pai que te fazia de saco de pancadas? Não, obrigado, de problemático já basta você na família.

Começo a apertá-lo ainda mais, estou me segurando apenas porque sei o sofrimento que causarei à minha mãe se eu quebrar a cara desse lixo.

— Não vai se defender? — falo, sentindo as minhas mãos tremerem de raiva.

— Gabriel, o único aqui que gosta de usar a violência para resolver as coisas é você, prefiro o diálogo, o que é bem interessante, se você pensar bem, afinal, é você o editor-chefe da nossa empresa. — Sorri. Mando a calma para o inferno, vou arrancar o sorriso desse garoto aos socos.

— Estou interrompendo algo?

Me viro para ver a Ana nos encarando e solto o infeliz do meu irmão.

— Apenas uma conversa entre irmãos, Aninha. Vamos, a mamãe está nos esperando — fala e sai. Respiro com dificuldade, tentando me controlar, mas todas as vezes que me encontro com o meu irmão é a mesma coisa. Ele consegue me fazer perder o controle. Odeio isso, odeio não me controlar na presença dele e o pior é que estando tão próximo a ele, só me lembra o desgraçado do meu pai.

— Você está bem? — Ana pergunta.

Respiro profundamente e me controlo, colocando uma máscara de tranquilidade que estou acostumado a usar há muito tempo.

— Por que não estaria?

— Não sei, talvez seja porque quase que eu presencio a morte do seu irmão.

— Não seja dramática, Ana, não é para tanto.

— Se você está dizendo.

Me aproximo e fico na sua frente, o seu rosto está levemente vermelho.

— Como você está? — pergunto, engolindo o meu orgulho, ela me observa um pouco.

— Não foi nada, estou bem, vamos, a sua mãe já deve estar esperando.

Seguro na sua mão. Esse gesto, mesmo que por puro teatro, me faz lembrar de antes, de como esse simples ato me remetia a uma parte da minha vida que não gosto de lembrar, e ele está onde deve, no passado.

Entramos na sala de jantar e encontro a minha mãe conversando com uma empregada. Logo que ela nos vê vem ao nosso encontro.

— Por que demoraram? Aconteceu alguma coisa?

— Calma, mãe, a Ana só teve que ir ao banheiro. Então fiquei esperando na sala, só isso.

— Então, vamos jantar.

Me sento no mesmo lugar de sempre, Ana se senta ao meu lado e a todo momento ela coloca a mão na lateral da barriga. Esse gesto já está me incomodando, mas também o sorriso não sai do seu rosto, decido resolver isso mais tarde.

— Como você está, Ana? Tentei te ligar, mas não consegui.

— Desculpa, perdi o meu celular e tive que comprar outro, mas falei para o Gabriel te avisar — ela mente na maior cara de pau e por um momento apenas fico encarando.

— Esqueci de te falar, mãe, mas depois você pode pegar o número com ela.

— Vou adorar. Esta semana estou um pouco ocupada com os preparativos para um evento que estou fazendo para o domingo, mas semana que vem estarei livre, podemos sair um pouco, o que você acha?

— Adoraria sair com você — ela fala com sinceridade.

— Falando nisso, Gabriel, não se esqueça da festa no domingo, você vai, não é mesmo?

— Não perderíamos por nada, não é, amor? — falo segurando na perna dela. Ana me olha por um tempo e depois os seus olhos vão para a minha mão na sua perna.

— Adoraria. — Sorri.

— O que você faz, Ana? — Nicollas pergunta.

— Estou fazendo faculdade.

— Interessante, você é daqui mesmo?

— Não, sou brasileira.

— Brasileira? Já estive no Brasil há uns anos, é um país lindo.

— É mesmo.

— Qual curso que você está fazendo?

— Dança.

Ele abre a boca para perguntar mais alguma coisa, mas interrompo.

— Acho que já deu, não é mesmo? Ou precisa saber de mais alguma coisa?

— Só estava interessado na história da minha cunhada.

Não sei o porquê, mas a palavra cunhada na boca dele tem mais um som de ironia do que de verdade.

— E como vocês se conheceram? Posso fazer essa pergunta? — diz olhando para mim.

— Não estou entendendo. Por que está interessado na minha vida se em todos esses anos você nunca quis saber nada de mim?

— Sempre tem uma primeira vez para tudo, não é mesmo?

Aperto a minha mão em punho até conseguir sentir a unha na palma da mão. Olho para a minha mãe e ela está olhando para a Ana com olhar de admiração, imediatamente me acalmo.

— Nos conhecemos em uma livraria. — E mais uma mentira.

Ele não pergunta mais nada, o que dou graças a Deus. Porque já estava me imaginando enfiando a cara dele naquele prato pelo menos umas dez vezes.

O jantar termina tranquilo, nos despedimos da minha mãe, mas logo prometemos que viríamos mais vezes.

No carro, de vez em quando, a observo e a todo momento a sua mão vai para o ferimento, não sei se para me infernizar ou se está sentindo alguma coisa, mas como sei que as mulheres são uns seres demoníacos, não me surpreenderia se fosse a primeira opção. Chegamos em casa e ela continua calada.

Subimos as escadas e quando ela já está na porta do seu quarto, a seguro pela mão e a puxo para o meu aposento.

— Você está doido, é? Me solta.

Não respondo. Só quando estou com ela no meu quarto é que a solto. Os seus olhos continuam em mim.

— Tire a roupa.

Ela não faz nada, apenas me observa.

— Agora eu vi, está doido mesmo. — Balança a cabeça. — Vai sonhando. — Sorri.

— Não é o que está pensando, quero ver o seu ferimento.

— Não, obrigada — diz tentando passar por mim, mas seguro no seu braço mais uma vez, a impedindo de continuar.

— Pare de ser criança, estou apenas tentando te ajudar.

— Desde quando? Fala sério, Gabriel, a única pessoa com quem você se importa é com você mesmo. Então não finja que se preocupa comigo.

Passo a mão pelo cabelo, a paciência já foi para o inferno.

— Você quer mesmo que eu tire a sua roupa? Porque eu irei.

— EU ESTOU BEM, NÃO PRECISO DA SUA AJUDA ! — grita.
Odeio gritos.

— Já te falei que não sou surdo, então não grita.

A sua respiração se acelera e o seu peito sobe e desce rapidamente.

— Pelo amor de Deus, até parece que é a primeira vez que você tira a roupa na frente de um homem, porque nós dois sabemos que não é.

O seu rosto fica vermelho igual a um pimentão e tenho vontade de sorrir da cena. A sua mão se fecha em punho e em pouco tempo ela já está em cima de mim, tentando me bater. Aproveito que já estou segurando a sua mão, a coloco para trás e a prendo na parede. Chego próximo ao seu ouvido e sinto um leve cheiro de baunilha vindo do seu cabelo, mas ignoro.

— Vai partir para a agressão?

— Me solta que eu te mostrarei o que é agressão, seu jumento.

Dou um sorriso para o apelido que ela me colocou.

— Só vou te soltar quando me prometer que deixará que eu olhe o seu ferimento.

— Não! — fala com dificuldade.

— Então ficaremos assim a noite toda.

— Me solta, Gabriel, ou juro que vou te matar quando estiver dormindo, seu idiota.

— Não, obrigado, estou gostando desta posição — falo mais próximo ao seu ouvido.

— Você está me machucando, me solta.

— Vai me deixar olhar?

— Vou. — Acaba aceitando e sem pensar direito dou um beijo no seu pescoço. Percebo o que faço e logo a solto. Ela se vira para mim.

— Você que ver essa merda? Então olha, seu imbecil! — diz, retirando o vestido e ficando somente de lingerie. Engulo em seco e imagens dela dançando naquela boate vêm a minha mente na hora.



CAPÍTULO 14

ANA FERREIRA

Os pelos do meu corpo se arrepiam e falo para mim mesma que é o ar condicionado. Fico na sua frente esperando o que ele vai fazer. O vejo engulindo em seco respiro profundamente, sentindo a raiva, aos poucos, indo embora.

Ele se vira e vai ao banheiro, logo em seguida ele volta com uma caixa na mão.

— Se senta.

Me sento na beirada da cama e ele fica ao meu lado e sem falar nada começa a limpar o meu ferimento, depois refaz o curativo e ficamos assim, em um silêncio absoluto.

Ele pega as minhas roupas e as entrega para mim. Esse silêncio está me deixando louca.

— Por que você fez isso? — falo me vestindo.

— Sobre o que exatamente é a pergunta?

Semicerro os olhos.

— Sério, Gabriel, vai se fazer de desentendido?

— Ana, aconteceram tantas coisas nesta noite que sinceramente não faço ideia do que você esteja falando.

— Por que você quis tanto ver o ferimento?

Ele me olha um pouco, se levanta, coloca a caixa no banheiro e volta para o quarto. Me levanto e fico na sua frente.

— Não sei você, mas quando eu compro algo, sempre me preocupo em não estragar a mercadoria.

Essas palavras são como socos no meu rosto. Os meus olhos se enchem de lágrimas e um bolo fica preso na minha garganta, me impedindo de falar. Por mais que eu queira responder eu não consigo, sei que se eu tentar irei acabar chorando, então decido apenas balançar a cabeça. Pego a minha bolsa que ainda se encontra no chão, dou as costas para ele e saio dali o mais rápido possível.

Fecho a porta e a tranco, e fico assim por um tempo. A minha respiração está irregular e mesmo sabendo que sou exatamente isso para ele, me dói muito ouvir.

— Calma, você consegue. — falo para mim mesma.

Fico mais do que o normal no banheiro, tomo um banho bem demorado, visto uma camisola e me deito. Mesmo não querendo as lágrimas saem sem permissão, nem percebo, mas acabo dormindo.



— Vai ficar dormindo a manhã toda? — Ouço uma voz ao meu lado. Falo para mim mesma que deve ser apenas um sonho, afinal estou em um quarto trancado, sozinha. Então ignoro a voz.

— Ana, acorda!

— Não — falo sonolenta.

Sinto alguém balançando o meu ombro, merda! Abro os olhos lentamente e vejo alguém ao lado da minha cama. No impulso, fecho minha mão em punho e acerto com tudo o rosto do infeliz.

— Mas que inferno! — fala, saindo de perto de mim.

Me sento na cama ainda sonolenta, vejo o Gabriel no canto do quarto com a mão no nariz.

— O que você está fazendo aqui? — falo com raiva.

— Merda! — Ele vem e para ao lado da cama. — Você é doida? Por que me bateu?

Dou um sorriso para ele.

— Bem feito. Quem manda entrar aqui sem a minha permissão.

— Doida!

— Acredite, já fui chamada de coisa pior.

— Mas eu acredito. Principalmente depois que te conheci. Se vista logo e me ajude a carregar umas coisas para o seu quarto.

— E o que seria?

— Você verá — fala e sai.

Bato na cama com raiva e pego o celular para ver as horas.

— Nove horas, sério?!

Me arrumo e desço as escadas com um ódio emanando do meu corpo. Nem dormir eu posso!

Chego na sala e vejo o Gabriel na cozinha sentado, tomando café. A sala está cheia de sacolas e caixas para todos os lados. Começo a encará-lo.

— O que é tudo isso?

— O que mais pode ser? O seu novo guarda-roupa — fala e bebe o seu café tranquilamente.

— Quando você comprou tudo isso?

— Ana, quando se tem dinheiro você não precisa ir em uma loja. Apenas uma ligação e eles vêm até você. Só precisei mandar a numeração de suas roupas e pronto, agora você terá o que vestir.

— Eu tenho o que vestir. — Me sento à mesa.

— Essa informação é contraditória, já que vi poucas roupas suas e nenhuma me agradou.

— Sério? — Balanço a cabeça. — Não quero discutir com você sobre isso. Por que entrou no quarto se ele estava trancado?

— Bati na porta um bom tempo e você não respondeu, então decidi entrar, pois tenho a chave.

Aperto a têmpora tentando me controlar, porque neste momento a minha mão está tremendo de raiva.

— Tem como você fazer o favor de quando eu estiver no quarto com ele trancado não abrir a porta?

— Já vi que você tem um péssimo humor quando acorda, não é mesmo? — fala tranquilamente.

— Você não faz nem ideia.

— Ok, se você prefere assim, agora tenho que ir — fala se levantando.

Quando ele já está na sala, me lembro de perguntar algo.

— Quem foi que fez o café da manhã? Tenho que parabenizá-la, está uma delícia — falo e como um bolinho.

Ele sorri para mim.

— Pode me agradecer depois. — Paro de comer e o encaro.

— Você que fez?

— Sim, não gosto de estranhos na minha casa.

Começo a sorrir sem parar.

— Desculpa, mas isso é bem interessante, o que eu sou então?

— Você é apenas um mal necessário.

— Idiota!

— Eu sei, arrume essas coisas, ao meio-dia te esperarei na minha empresa, não se atrase.

— Por que tenho que ir à sua empresa?

— Iremos almoçar juntos. Já está mais do que na hora de todos saberem que você é minha namorada. Não se atrase, não preciso te falar sobre a suas roupas.

— Pode ficar tranquilo, me vestirei igual a uma princesa — falo com ironia.

— Apresentável para mim já basta. — Ele dá as costas e sai.

— Apresentável... blá-blá-blá... — fico resmungando sem parar.



Estou há um bom tempo arrumando as coisas que ele comprou. São tantas roupas, sapatos, joias e até lingerie que fico mais do que o normal observando. Adoro tênis, prefiro mil vezes do que sapatos de salto alto. Acho que o motivo seja porque uma vez eu tinha comprado uma sandália no interior e fui toda feliz com meus saltos para a praça da cidade em uma noite de domingo. Lá estava cheio e eu estufei o peito e comecei a andar, me sentindo uma supermodelo na passarela. Consegui andar uns três metros até estar esparramada no chão igual a uma jaca podre. O problema era que tinha umas crianças que estavam brincando próximo ao lugar onde eu caí. Aquelas pestes começaram a rir sem parar e a debochar da minha cara. Saí daquela praça descalça e com um ódio mortal por sandálias altas, por isso só as coloco quando estou no palco já perto da apresentação, para não correr o risco de me esborrachar na frente de todos.

Mas aí está o dilema, os vestidos que ele comprou são tão delicados... não tem como vestir com tênis. *Sapatilha, talvez*, penso.

Pego um vestido preto de um pano mais grosso e bem apertado no busto. A saia é bem rodada e quando o visto, fico me observando no espelho. Ele é bem curtinho e fico com medo de ventar e eu acabar mostrando mais do que o normal. Pego um pequeno shortinho curto e o coloco.

— Pelo menos não vou mostrar a calcinha — falo, levantando o vestido.

Amarro o meu cabelo no alto da cabeça, deixando somente a franja solta. Faço uma maquiagem ressaltando bastante meus olhos. Quando termino, fico em frente à cama olhando uma sapatilha e uma sandália alta preta, a coisa mais linda que eu já vi.

Coloco as sapatilhas e fico com elas um momento.

— Elas são tão confortáveis.

As retiro e logo em seguida coloco o salto e me observo no espelho. Fico mais alta e mais elegante com elas. Dou uns passos para ter certeza de que conseguirei andar, por enquanto tudo bem.

— Acho que dou conta, um passo de cada vez — falo para mim mesma.

Pego uma pequena bolsa preta e saio. O motorista já me espera. Por alguma razão as minhas mãos estão suando.

Chegamos em uma parte da cidade repleta de prédios altos. Saio do carro e um vento gelado me recebe. Os pelos do meu corpo se arrepiam na hora. Bem que eu podia ter pegado um casaco.

Cada passo que eu dou em direção à recepção daquele prédio é mais tenso do que o outro. Tento não ficar olhando para os meus pés, mas é impossível, tento disfarçar.

Chego na recepção e uma moça loira me cumprimenta.

— Bom dia, vim para me encontrar com o senhor Gabriel Zás.

— Tem hora marcada?

— Sim — falo para ela e rezo para o idiota do Gabriel ter avisado.

— Seu nome?

— Ana.

— Ok — diz e digita algo no seu computador.

— Ele está te aguardando. — Me entrega um crachá e me fala que ele está no último andar. Vou em direção ao elevador, aperto o botão do último andar e fico no canto observando o espelho à minha frente. O elevador para, respiro fundo e começo a andar, um passo depois do outro.

Chego próximo a uma moça em sua mesa.

— Bom dia! Vim me encontrar com o Gabriel.

Ela me observa de cima a baixo, fico sem graça com a sua expressão.

— Tem hora marcada?

Se eu não tivesse, tenho certeza de que não tinha chegado até aqui, não é mesmo?, penso.

— Tenho — falo com um sorriso amarelo no rosto.

Ela abre a boca para falar mais alguma coisa, mas é impedida.

— Ana!

Me viro e encontro o Gabriel ao lado de mais dois homens. Dou um sorriso para ele.

— Senhor, essa senhorita diz que tem horário marcado, mas não encontrei nada na sua agenda.

— Avisei na recepção, mas esqueci de te avisar — fala se aproximando. Ele segura na minha mão e me leva para mais próximo dos dois homens.

— Luiz, Carlos, essa é a minha namorada. Ana.

Eles se olham, logo em seguida me cumprimentam com um sorriso.

— Prazer em te conhecer, Ana, você é uma mulher muito linda, com todo respeito — fala olhando para o Gabriel.

— Ela é mesmo — Gabriel responde, passando o braço na minha cintura, me trazendo para mais próximo dele.

— Vamos almoçar. Vocês querem ir ?

— Hoje não vai dar. Temos um compromisso, vamos deixar para outra hora.

— Claro.

— Foi um prazer te conhecer, Ana.

— O prazer foi meu.

Eles se despedem e acabam entrando no elevador.

— Tenho que admitir — fala próximo ao meu ouvido. — Você está linda.

Fico sem graça diante do seu elogio.

— Vamos, temos horário marcado em um restaurante aqui perto.

Ele anda na frente, dou um passo e quase que viro o pé. Observo a secretária dele. Graças a Deus ela não viu, mas a confiança foi para o inferno, parece que desaprendi a andar. Consigo chegar próximo a ele e respiro fundo, entrando no elevador. As portas se fecham, fico ao seu lado só imaginando se vou conseguir andar na recepção, me viro para ele.

— Gabriel?

Ele guarda o celular no bolso e me observa.

— Fala.

— Preciso te pedir um favor.

— E o que seria? — diz, levantando uma sobrancelha.

— Bem... — falo devagar. — Não costumo usar salto alto e para falar a verdade estou morrendo de medo de cair com eles, você se importa de segurar no meu braço até chegarmos ao carro? — peço, por fim, o meu rosto arde de vergonha.

— O que eu ganharia com isso? — Sorri.

— Que tal não passar vergonha com a sua namorada caindo de boca no chão? — falo irritada e cruzo os braços com ódio.

Ele não responde, a porta do elevador se abre. Fico parada esperando e nada.

— Esquece que te pedi isso — falo, passando por ele. Dou um passo para fora do elevador e sinto a sua mão na minha cintura me levando para mais próximo dele.

— Você está me devendo, logo irei te cobrar.

Andamos para fora dali já próximo de um carro diferente do que me trouxe até aqui. Quando me viro para perguntar, o vejo olhando para o outro lado da rua. Quando vou me virar para ver o que tanto ele observa, sou impedida. Sinto a sua mão na minha nuca e os seus lábios vão ao encontro dos meus. Sinto a maciez da sua boca e a sua língua pedindo passagem e acabo deixando. A minha mão vai ao encontro do seus cabelos e mesmo não querendo o meu coração traidor acelera ainda mais. O beijo para, mas continuo com os olhos fechados, com a respiração irregular.

— Tenho que admitir, valeu cada centavo.

Abro os olhos para vê-lo com um sorriso cínico no rosto.



CAPÍTULO 15

ANA FERREIRA

Não sei por que ainda me surpreendo com ele. Para falar a verdade não sei por que me importo, afinal é apenas um contrato, nada mais do que isso. Então por que o meu coração está disparado? Por que as minhas mãos estão suadas? E principalmente, por que não consigo olhar diretamente nos seus olhos.

— Vamos. — Ele abre a porta para mim e logo em seguida dá a volta e entra. Um silêncio reina absoluto, me pergunto se ele sentiu aquela corrente elétrica quando nos beijamos ou se foi somente eu.

Paramos, ele sai e abre a porta para mim. Estamos na frente de um restaurante discreto nos arredores da Sicília, próximo ao mar. Uma brisa salgada acaba fazendo os pelos do meu corpo se arrepiarem na hora. Dou um passo em direção ao restaurante e sinto a sua mão em volta da minha cintura, me trazendo para mais próximo a ele.

— Por que não trouxe um casaco? — fala e retira o seu blazer, o colocando no meu ombro.

— Pensei que não sentiria frio — respondo e seguro o blazer com força.

Ele não responde, continua segurando na minha cintura até estarmos dentro do restaurante. Somos recebidos por uma moça que nos leva para uma mesa com uma vista para o mar.

A todo momento me pego observando Gabriel. Algo nos seus olhos me intriga, uma sensação estranha de que ele não demonstra ser ele mesmo. Espanto esse pensamento. Até parece! Ele é exatamente isso que mostra para todos, ou seja, um completo idiota.

— O que você tanto estava observando na frente da sua empresa? — Acabo perguntando o que eu queria saber.

— Por que a pergunta?

Quando vou responder, o garçom chega nos trazendo o cardápio.

— Só curiosidade mesmo.

— Tinha um homem tirando fotos nossas do outro lado da rua, resolvi mostrar algo digno da primeira página amanhã.

Não respondo, apenas fico encarando o seu sorriso prepotente que não sai do seu rosto.

— Então esse é o motivo — falo baixo.

Ele me observa e dá um sorriso para mim.

— Que outro motivo teria?

— Nenhum, só estava curiosa mesmo.

Pedimos uma massa, mas não trocamos mais nenhuma palavra e comemos em silêncio absoluto.

Quando saímos dali, a todo momento a sua mão fica na minha cintura. Sinto o calor da sua mão e sinceramente não gosto dessas sensações que tenho quando estou próxima a ele.

— Você está precisando de alguma coisa? — Me viro para encará-lo.

— Por que a pergunta?

— Acabei de receber uma mensagem da minha secretária avisando que a reunião que eu tinha agora foi cancelada, então tenho a tarde toda — fala sem expressar nenhum sentimento, respiro fundo.

— Não preciso de nada. — Ele fica um tempo me analisando, mas não responde nada. Gabriel abre a porta do carro para mim e quando já estou sentada, ele fecha a porta para logo em seguida entrar e começa a dirigir. Fico observando pela janela.

Chegamos. Ele entra comigo, paro próximo à escada para poder retirar os sapatos e faço uma expressão de alívio quando sinto os meus pés em contato com o mármore frio. Mexo os dedos dos meus pés e sinto-os estalarem, acabo sorrindo com a sensação. Começo a subir as escadas.

— Aconteceu alguma coisa, Ana? — Me viro para ver Gabriel me observando do começo da escada. A sua blusa está com dois botões abertos e a gravata não está mais lá.

— Não, por quê?

— Acabei de te dar a chance de sair para fazer compras a tarde toda e você recusou. — Dou um longo suspiro, fechando os olhos e tentando me acostumar com as suas palavras.

— Não quero sair, somente ficar tranquila no quarto — falo alto, a paciência acaba. — Não estou entendendo, Gabriel. Tudo é motivo para você me criticar. Sinceramente não consigo te entender, nada está bom para você — falo tudo de uma vez. Respiro rápido, tentando não jogar a sandália que seguro na cara dele.

— Quem não está entendendo sou eu, é meio tarde para você se fazer de boa moça, você não acha? Porque nós dois sabemos que você não é.

Semicerro os olhos em direção a ele, acabo descendo dois degraus e ficando à sua frente.

— Me fala? Qual é o prazer que você sente em me humilhar a cada oportunidade?

— Você está enganada, Ana, não sinto prazer em falar isso, apenas ódio.

Fecho os olhos, não acreditando nas suas palavras.

— Ódio? — falo, encarando-o.

— Sim, ódio. Você acha mesmo que eu gosto de pagar a uma mulher para ser a minha namorada? — fala, balançando a cabeça. — Não, eu não gosto, mas infelizmente a minha mãe se encantou por você. Essa é a verdade. Odeio mulheres que só pensam em dinheiro.

— Eu não sou assim — falo baixo, quase não ouvindo a minha própria voz.

— Sim. você é. O que me deixa com raiva é essa sua cara de boa moça, ela me irrita. Garotas com essa cara de inocência enganam facilmente qualquer um. Prova disso é a minha mãe.

Já estou cheia das suas provocações, dos seu insultos, sinceramente isso está acabando comigo. Mesmo não querendo, lágrimas enchem os meus olhos deixando a minha visão nublada.

— Você não me conhece! Não sabe nada da minha vida, Gabriel. Então pare de me julgar — falo com a cabeça baixa. As minhas mãos tremem sem parar. Sinto a sua mão no meu queixo, levantando-o. O seu olhar não sai do meu rosto.

— Vamos ser sinceros, Ana, nós dois sabemos: você só se interessa por dinheiro. Esse é o real motivo para ter aceitado essa proposta.

Mesmo lutando para me controlar, não consigo, as lágrimas que tanto queria esconder rolam pelo o meu rosto sem parar e o meu único pensamento é porque não me controlei.

A sua mão continua no mesmo lugar, o seu polegar desliza em direção a minha bochecha, limpando-a. Por um momento vejo a sua expressão se suavizar, mas isso não demora muito.

— Por que está chorando? Não aguenta a verdade ou isso é mais um dos seus truques?

Saio de perto dele, mas sou impedida pela sua mão que me pega pelo braço, me trazendo ao seu encontro.

— Não terminamos — fala com raiva.

Dou um pequeno sorriso em resposta.

— Terminamos, sim. Não vou ficar aqui ouvindo seu ódio gratuito. Procure outro saco de pancadas, este aqui já está cansado — falo, saio do seu aperto e subo as escadas.

— Você é a pior de todas, sabia? Se faz de inocente, mas na verdade é apenas mais uma oportunista.

Me viro para ele. A raiva é tanta que acabo jogando os sapatos em sua direção e um acaba acertando a sua cabeça.

— Merda! — fala, colocando a mão no lugar que eu acertei. — Infeliz! Você é o próprio demônio.

— Demônio eu era há cinco minutos, meu bem, agora sou o inferno inteiro — falo e saio.



CAPÍTULO 16

ANA FERREIRA

Hoje já é sexta-feira. Não vejo o Gabriel desde a nossa pequena briga na escada, e sinceramente dou graças a Deus por isso. Não estou no clima de ficar discutindo com ele a cada oportunidade. Sei que vou acabar o matando se eu ficar brigando com ele, então prefiro ficar tranquila no quarto. Consegui falar com o meu pai hoje de manhã. Só de ouvir a voz dele o meu coração ficou em paz. Ele já foi transferido para um hospital particular e já está recebendo o tratamento que merece.

Estou deitada na cama há um bom tempo, mas por alguma razão não consigo dormir. Fecho os olhos, mas nada acontece. Nunca tive problemas para dormir, a única explicação talvez seja o estresse de conviver na mesma casa que Gabriel. Não tem outra explicação.

Levo um susto quando ouço um barulho de vidro se quebrando.

— Mas o que está acontecendo? — falo para ninguém em especial. Pego o meu celular para ver que já é meia-noite. Levanto-me da cama e saio do quarto. Já no corredor ouço mais sons de algo quebrando. Desço as escadas e quando já estou no final dela os barulhos ficam mais intensos. Acendo a luz para logo ver Gabriel sentado no chão próximo a mesa repleta de garrafas. Ele segura um copo na frente do seu rosto, os seus dedos

apertando-o como se quisesse fundir-se com o seu conteúdo. Consigo ver partes da sua mão branca devido a força que está colocando.

Passo ao lado do sofá, dando graças a Deus por ter calçado os chinelos, porque o chão está repleto de vidro quebrado.

— Lamentável! — falo já próxima a ele. Assim que ele ouve a minha voz acaba levantando a cabeça e me encara. Ficamos assim por um tempo, em uma briga de olhares.

Mas um sorriso já está no seu rosto.

— Só faltava você para a desgraça ficar completa. — Logo que essas palavras saem pela sua boca ele já a ocupa com mais um gole do que julgo ser uísque. Balanço a cabeça, inconformada com aquela cena.

— Me dê esse copo, Gabriel, vai acabar se machucando — falo me aproximando com a mão esticada na sua direção.

— Está preocupada, amor? Isso não combina com você. — Sorri.

— Não se engane, se você morrer será por minhas mãos e não porque acabou caindo neste chão molhado. Porque, sinceramente, a sua morte tem que ser épica e não sem graça, não é mesmo?

Ele balança a cabeça sorrindo, tenta se levantar, mas acaba se sentando novamente. Reviro os olhos para essa cena deprimente. Chego mais próximo a ele e o ajudo a se levantar.

— Não preciso da sua ajuda — fala com a voz arrastada.

— Estou vendo que não.

Ele fala isso, mas não solta o meu ombro. Acabo ajudando-o a se mover em direção às escadas. Ele não afrouxa o aperto e se segura em mim com força.

Com muito custo chegamos ao seu quarto. Sinto sua mão no meu cabelo e quando me viro em sua direção, o vejo próximo, cheirando-o.

— O que você está fazendo?

Ele abre os olhos e fica me analisando.

— Adoro o cheiro dos seus cabelos. — Fico sem graça com a sua afirmação e dou um sorriso irônico para ele.

— Você está bêbado, Gabriel, nem sabe o que está dizendo.

— Eu sei, mas não estou nem aí. — Logo depois dessas palavras ele fecha os olhos, mas depois os abre.

— Seu cabelo tem cheiro de baunilha — fala, se sentando na beirada da cama. Ele tenta tirar o blazer, mas cada tentativa é mais desastrada que a outra. Reviro os olhos mais uma vez. Sinceramente, tenho que deixar de ser boazinha. Não aprendo a lição, pois as boazinhas demais só acabam se fodendo no final.

Me aproximo, ficando na sua frente.

— Gostaria de gravar esta cena deprimente. — Chego próximo e começo a retirar o seu blazer.

— Tenho certeza de que está adorando. — Dou um sorriso em resposta.

— Você não faz ideia. — Sorrio.

— Posso imaginar — diz e tenta tirar os sapatos.

— O que aconteceu para você estar nesse estado.

— E por que quer saber? — fala e tenta, mais uma vez, desabotoar os botões da blusa social, mas não consegue.

— Quando eu te encher a paciência amanhã, terei que sabe toda a história, você não acha? — digo, desabotoando os botões da sua blusa.

— Vamos dizer que este dia me fez lembrar de um certo alguém que já deve estar me esperando no inferno. — Paro o que eu estou fazendo e o encaro.

— Por que o inferno?

— Porque tenho certeza de que é lá que aquele infeliz miserável deve estar.

— Ok, me explica isso direito. Você bebeu como se não houvesse um amanhã só por uma lembrança?

Os seus olhos, de uma hora para outra, escurecem e a sua expressão se fecha completamente.

— Quando você tenta a vida inteira esquecer algo do passado, mas um policial acha que tem o direito de te fazer lembrar disso, mesmo você fazendo de tudo para esquecer, aí você saberá o quão grande é o poder de uma lembrança — fala, apertando a têmpora.

Me espanto com a nossa conversa. Sinceramente, só estava curiosa em saber, mas agora vendo como ele ficou, fico com um pouco de pena. Balanço a cabeça. Pena? Até parece, essa pessoa na minha frente não merece esse sentimento.

Termino de tirar a sua blusa, mas de perto vejo pequenas marcas no seu peito. Se não estou enganada, acho que seja causada pela lâmina de uma faca. Levanto o olhar e o pego me observando. Impressionante como os seus olhos são azuis, e assim de perto dá para ver o quanto são claros.

— Me responda, Ana? Qual o motivo de você ter aceitado o nosso acordo? Foi somente pelo dinheiro?

— Por que quer saber sobre isso?

— Sempre tive essa curiosidade a seu respeito. O jeito que demonstrou desprezo pela minha proposta no começo me fez pensar que você não era interesseira, mas apenas uns dias depois disso você veio correndo até mim, fiquei curioso.

— Se eu falar a verdade para você, mudaria alguma coisa em relação ao que você pensa sobre mim?

— Nada que você possa me dizer mudaria algo. É apenas uma curiosidade. Mas esquece. No final o dinheiro sempre vence, ele mostra o pior lado do ser humano e com você não foi diferente.

— Deixe de ser hipócrita, Gabriel. Até parece que você não gosta do seu dinheiro. Pessoas que falam que dinheiro não traz felicidade são exatamente pessoas que têm de sobra. Quando você tem que lutar igual a um condenado para conseguir um salário mais ou menos e ter que conseguir comer com esse pouco que recebe, e se você tivesse sofrido para ter o que tem hoje, talvez saberia o que é desespero.

— Engano seu, garota. Tudo o que tenho hoje foi com meu esforço.

— Até parece — falo, me levantando. O seu olhar segue os meus movimentos.

— Vai me dizer que nunca estudou em escolas particulares? Que precisou trabalhar para ajudar em casa? Ou que sempre quando se machucava não tinha o melhor hospital particular te recebendo de braços abertos? — Ele fica em silêncio. — Às vezes, Gabriel, apenas um hospital faz toda a diferença na hora que você precisa. E não venha me dizer que todos são iguais, porque não é verdade. No fim, esse é o diferencial, porque eu tenho certeza de que se um dia você precisar de um, sempre irá buscar o melhor, ou estou enganada ?

— Nem tudo na vida é dinheiro!

— Sim. Nem tudo na vida é dinheiro, mas com ele, às vezes, podemos fazer coisas incríveis.

— Estou muito bêbado para ficar discutindo com você sobre isso, preciso dormir.

Ando até a porta e quando já vou fechá-la o ouço falar:

— Boa noite, Ana.

Não respondo. Fecho a porta e saio dali. Mas por alguma razão um sorriso está no meu rosto.



Mesmo querendo acordar tarde no sábado, decido me levantar. Tomo um banho e me visto com um vestido branco de renda completo, com um dos meus *all star*. Saio do quarto e vou direto para a cozinha, preparo um café e me sento, saboreando uns bolinhos que encontro.

Já estou terminando quando vejo Gabriel descendo as escadas do mesmo jeito que um zumbi de *The Walking Dead*.

Sorrio com essa comparação. Ele não fala nada, apenas se senta na cadeira de frente para mim e abaixa a cabeça, ficando assim por um tempo.

— Você vai querer café ou uma dose de uísque? — Sorrio. Ele levanta a cabeça e fica me encarando. Não estou nem aí para a sua cara azeda, continuo a sorrir tranquilamente.

— Acordou engraçadinha hoje, não é, Ana?

— Você não faz nem ideia.

— Imagino.

Ele pega um pouco de café e começa a beber olhando o celular. Me levanto e abro a porta que dá acesso à piscina. O sol já está bastante quente. Me sento em umas das cadeiras e fico ali quieta, só sentindo a minha pele esquentar aos poucos, a sensação é maravilhosa.

— Me diga, você acha câncer de pele algo bonito? — Abro os meus olhos e me deparo com o Gabriel me observando.

— Por que eu acharia?

— Não sei, talvez seja pelo fato de estar aqui fora tomando sol sem pelo menos passar um protetor solar antes.

— Está preocupado, é? E, além disso, são só alguns minutos.

— Tenho certeza de que em algum cemitério tem uma lápide escrita exatamente com essas palavras.

— Você está muito engraçadinho esta manhã para alguém que quase teve um coma alcoólico ontem, você não acha? — Fico esperando sua resposta, mas ele apenas se senta em uma cadeira próxima a minha e fica assim. Fecha os olhos ficando quieto. Melhor assim, faço a mesma coisa, um silêncio reconfortante se instala entre nós.

Fico aqui bastante tempo, mas quando sinto a minha pele arder me levanto e entro na casa.

Subo as escadas e fico no quarto a manhã inteira, saio só quando são três horas da tarde.

Está tudo silencioso. Vou até a cozinha e preparo uma coisa simples para comer, depois me sento à mesa. Mesmo morando sozinha não era tão silencioso como aqui. Balanço a cabeça, tentando esquecer. Pego o meu celular e ligo para a Luíza.

— Bom dia, Ana.

Sorrio só de ouvir a voz da minha amiga.

— Bom dia, Lu, alguma novidade sobre o meu pai?

— Ele está melhor, mas por conta dos medicamentos ele fica a maior parte do tempo dormindo, mas não se preocupe, estou cuidando dele.

— Isso é o que me traz uma certa paz. Que bom ouvir a sua voz.

— Também estava com saudades de ouvir a sua, como você está?

Respiro fundo, mas imagens do Gabriel ficam se repetindo na minha cabeça.

— Sinceramente? Estou fazendo de tudo para não matar o Gabriel a cada oportunidade.

— Sei que deve ser muito desconfortável a sua relação com ele, mas não tem nada nele que salve?

Fico pensando um pouco e nada vem à minha mente.

— Acredite, nada de bom. — Ouço o seu suspiro.

— É, assim é difícil mesmo. Por que você não fala para ele o motivo para ter aceitado a proposta, Ana? Porque tudo que você me contou levar a crer que ele pensa que você é uma oportunista, fale a verdade, talvez fique mais fácil de lidar com ele se ele souber o real motivo.

— Todas as vezes que eu abro a boca para falar, algo acontece. Na maioria das vezes é uma ofensa vinda da parte dele. Daí eu acabo desistindo. Não quero que ninguém sinta pena de mim, principalmente ele.

— Não estou te entendendo. Por que o que ele pensa de você é tão importante?

Fico em silêncio por um tempo, só processando o que ela me diz.

— Não sei — falo, passando a mão pelos cabelos.

— Ana, tenha cuidado, não se apaixone por ele.

Começo a sorrir.

— Pode ficar tranquila. Não vou me apaixonar por um completo idiota como o Gabriel.

— Acho melhor, porque pelo que você me falou dele, não acho que ele vá corresponder a qualquer sentimento que você possa ter.

— Eu sei, pode ficar tranquila. Vou me cuidar. E você se cuida também, já sabe, né?!

— Pode ficar tranquila. Se o seu pai precisar de qualquer coisa, te ligo na hora.

— Muito obrigada por tudo que você está fazendo por ele.

— Já te falei, não precisa me agradecer, é tudo de coração.

— Te ligo depois.

— Tchau, Ana.

— Tchau, Lu.

Desligo o celular, mas fico pensando nas suas palavras por um tempo.

— Me apaixonar por ele, até parece. — Limpo a bagunça que fiz na cozinha e logo depois subo as escadas e vou para o quarto. Tomo um banho, me arrumo e fico lendo um livro o final da tarde toda.

Quando guardo o livro, já são 18h. Alguém bate na porta e reviro os olhos, já imaginando quem seja.

— Pode entrar — falo, me sentando na cama. Gabriel entra e sem querer lembro do que a Lu me disse. Por mais que eu não queria, sei que o Gabriel é muito bonito e por alguma razão algo me diz que ele esconde alguma coisa.

— Não se esqueça, amanhã terá a festa que a minha mãe está organizando. Esteja perfeita.

Sorrio para ele.

— Não sei se você já percebeu, mas sou perfeita.

Um pequeno sorriso é dado por ele.

— Se você está falando, quem sou eu para falar que não, não é mesmo?

— Mais alguma coisa?

Ele fica me olhando, dá mais dois passos e ficando na minha frente. Levanto a cabeça para continuar olhando para o seu rosto.

— Comeu alguma coisa?

Semicerro os olhos.

— Por quê?

Ele fica sem graça e coloca as mãos no bolso da calça.

— Estou fazendo uma massa, se você quiser.

Levanto da cama em um pulo, fazendo com que ele dê um passo para trás.

— Claro que eu quero, adoro massas.

Ele não responde, apenas sai, então vou atrás.

Descemos as escadas em silêncio e um cheiro delicioso está por toda a sala. A minha barriga acaba roncando e fecho os olhos, sentindo aquele cheiro bom de molho. Quando os abro vejo Gabriel me encarando. Fico sem graça, dou um sorriso para ele, mas ele não corresponde, apenas me ignora e vai em direção à cozinha.

Fico do outro lado da pequena ilha que tem no meio, me sento na bancada e fico o observando.

— Você quer alguma ajuda?

— Não precisa — fala de costas para mim. Impossível não reparar nos músculos da suas costas se flexionando a medida que ele começa a mexer nas coisas. Tenho que parar com isso. Merda! — Balanço a cabeça inconformada. Por que gosto de homem com as costas largas?



CAPÍTULO 17

ANA FERREIRA

Tento a todo momento não ficar encarando Gabriel, mas é impossível. O vejo cortar alguns tomates em uma paciência fora do comum. Pego o meu celular e fico olhando as minhas redes sociais para ver se o tempo passa. Depois de uns trinta minutos ele termina.

Observo o prato à minha frente e a minha boca chega a salivar de vontade. Coloco um pouco da comida na boca e está muito bom. Ele se senta e começa a comer tranquilamente, mas a todo momento mexe no celular.

— Por que você cozinha se pode pagar alguém para fazer?

— Me acalma.

— Interessante — falo, comendo mais um pouco.

— O que é interessante? — ele pergunta e fica esperando a minha resposta.

— Nunca pensei que você fosse um cara que prefere ficar em casa em um sábado à noite cozinhando.

— Que cara você acha que eu sou?

— Você quer mesmo que eu te responda?

— Se te fiz uma pergunta, lógico que quero que você me responda.

— Ok, então. Você me parece mais aqueles *playboyzinhos* metidos a besta que todo final de semana sai para uma balada diferente.

Ele bebe um pouco do vinho que está na sua taça, mas os seus olhos não saem do meu rosto.

— Confesso que já fui assim, mas não sou mais, priorizo outras coisas na minha vida.

— Como o quê, por exemplo?

— Tornar a minha empresa a melhor do mundo.

— Você não deveria torná-la a melhor do país, primeiro?

— Ela já é a melhor do país — diz, dando um pequeno sorriso para mim.

Não falo mais nada, continuo a comer feliz da vida. Termino primeiro que ele e começo a lavar as vasilhas que ele usou para preparar a comida.

— Pode deixar aí. Amanhã vem uma senhora para fazer uma faxina.
— Ouço a sua voz próxima do meu pescoço. Mesmo sem querer os pelos da minha nuca se arrepiam na hora. Poderia ter continuado do jeito que estava, mas acabo me virando e bato com o rosto no seu peito. Sinto um cheiro bom e dou um passo para trás, mas acabo batendo na pia.

Ele dá um passo encurtando a distância entre nós e tento não olhar para os seus olhos, mas levanto o olhar e o pego me observando.

— O que você está fazendo? — falo baixo.

— Nada — ele responde tão próximo do meu rosto que sinto o cheiro do vinho que ele estava bebendo. O meu coração se acelera, fecho as minhas mãos rente ao shorts jeans que estou usando.

— Por que está tão próximo, então?

Ele dá um pequeno sorriso para mim.

— Por quê? Está incomodada com a minha presença.

Engulo em seco.

— Não estou incomodada.

— Não é o que parece — fala, passando a ponta do seu dedo no meu pescoço. O seu toque é como fogo deixando a sua marca na minha pele.

— Pare com isso, Gabriel — falo, tentando passar por ele, mas o seu corpo me impede. Ficamos colados um no outro e sinto os batimentos do meu coração se acelerando ainda mais.

— Não acho que seja isso que você queira, Ana. — A sua voz sai extremamente rouca.

— Você não sabe o que eu quero.

— Sei, sim.

Começo a sorrir.

— E o que eu quero, então?

Ele não responde, mas com rapidez sinto sua mão na minha cintura, ele me puxa para mais perto de si. A sua outra mão segura a minha nuca e ele sela os nossos lábios em um beijo. Seguro na sua blusa tentando me afastar, mas isso só serve para ele me beijar com mais força.

Consigo separar os nossos lábios.

— Para — falo com dificuldade.

— Tem certeza?

A minha boca se abre para falar sim, mas não falo. Por que eu não falei? Ele entende esse silêncio como um não e me beija mais uma vez. *É só um beijo, nada mais que isso*, falo para mim mesma.

Seguro em seus cabelos, trazendo-o para mais perto e sinto o sabor dos seus lábios, um gosto sutil de vinho. Ele segura abaixo da minha bunda, me fazendo entrelaçar as pernas na sua cintura. Gabriel me gira, me coloca em cima do balcão e sinto a sua mão apertando a minha cintura, solto um

pequeno suspiro. As nossas bocas não se desgrudam e o meu cabelo já deve estar uma verdadeira bagunça de tanto que ele o segura.

A sua mão vai em direção ao botão do meu short, tentando abri-lo. Como um passe de mágica percebo o que está acontecendo entre nós e me afasto dele, respirando com dificuldade. Desço da bancada e tento me recompor.

— O que aconteceu? — ele fala, tentando se aproximar, mas dou um passo para trás.

— É melhor pararmos antes que façamos algo que depois vamos nos arrepender.

Ele sorri para mim.

— Tenho certeza de que não vou me arrepender. — Ele dá um passo na minha direção.

— Mas eu tenho.

Ele passa a mão pelos cabelos, com raiva.

— Sério, Ana?! Vai me deixar desse jeito mais uma vez.

Quando ele fala os meus olhos vão em direção a um volume a mais na sua calça. Engulo em seco, mas ignoro.

— Vou — falo e saio da cozinha.

— Você só pode estar brincando com a minha cara. O que eu faço, hein?

— Ouvi dizer que um banho de água gelada resolve.

Subo as escadas com o meu coração acelerado.

— O que eu quase fiz?

Entro no quarto e me jogo na cama. Isso não pode acontecer novamente, não mesmo.

Fico bastante tempo acordada pensando no que aconteceu. Balanço a cabeça. *Não posso me envolver com ele*, penso.

Evito sair do quarto de manhã e quando tenho certeza de que ele não está em casa vou até a cozinha tomar um café. Me sento à bancada e sem querer lembro de tudo que aconteceu. É como se eu ainda pudesse sentir a sua mão na minha cintura e os seus lábios nos meus. Sem perceber a ponta do meu dedo vai de encontro a minha boca, ficando ali mais que o normal.

Tenho que me controlar. Subo as escadas e entro no quarto.

— Tenho que dar um jeito em outro problema — falo em voz alta, observando o closet. Pego um sapato de salto alto e o coloco. Me observo no espelho... Não posso ficar dependendo do Gabriel para sempre. Mesmo não gostando, essa é a minha vida agora. Preciso ter mais confiança para andar de salto alto. Fico a tarde toda andando de um lado para o outro, pegando mais confiança. Quando termino já está quase anoitecendo. Ele falou que a festa seria às 20h. Ainda tenho bastante tempo para me arrumar.

Fico na banheira um bom tempo, escovo os meus cabelos, deixando-o bem lisos. Faço uma maquiagem mais caprichada e fico escolhendo o vestido. Pego um todo preto, longo com uma abertura do lado, ele tem o decote em formato de coração. Me observo no espelho. Estou bonita, acabo sorrindo para a minha imagem no espelho.

Completo o visual com um colar com um pequeno diamante solitário, junto com o par de brincos. Pego uma pequena bolsa preta de mão, coloco o meu celular dentro, mas antes vejo as horas. Sete e cinquenta, acabo bem a tempo. Ando devagar, descendo as escadas e Gabriel está na sala com um terno preto impecável. Os seus cabelos estão perfeitamente arrumados, sem um fio fora do lugar. Me aproximo, ficando na sua frente.

Ele me observa dos pés à cabeça, mas não fala nada, apenas sai. Reviro os olhos para a sua atitude infantil. Lá fora o motorista abre a porta

para entrarmos. Seguro na barra do vestido para não sujar, entro no carro, entretanto, Gabriel continua calado.

— Sêrio mesmo que você vai me tratar assim? — Ele se vira para mim e dá um longo suspiro.

— O que você quer, Ana? Como que você quer que eu te trate depois do que você fez ontem? — fala e aponta o dedo na minha direção.

— Pelo amor de Deus, Gabriel, foi apenas um beijo.

— Se você não queria continuar, para que começou? — fala irritado e me faço a mesma pergunta.

— Não sei, tá bom, foi apenas algo do momento.

— Ok, faça o que você quiser, estou pouco me importando.

Depois dessas palavras ele fica calado e faço a mesma coisa. Por hora, é melhor... Não demora muito e chegamos em frente ao hotel onde a festa se realizará. Vejo várias pessoas entrando e o meu coração dispara. A porta se abre e Gabriel estende a mão na minha direção. A pego e percebo que as minhas mãos estão geladas de tão nervosa que estou.

Ele passa o braço em volta da minha cintura e andamos lado a lado. Paramos para tirar fotos e quando estamos na porta do salão, sinto o seu hálito quente próximo ao meu ouvido.

— Já que você gosta tanto de brincar com fogo, esteja preparada, Ana, porque te mostrarei que também sei brincar quando eu quero — fala, dando um beijo demorado abaixo do meu ouvido, me fazendo arrepiar inteira.

— Me espere lá dentro. Só vou resolver uma coisa — fala indo em direção a um senhor que está na recepção do hotel. Entro meio sem graça. Não vejo a mãe dele e caminho em direção a uma mesa, mas antes que eu me aproxime sinto uma mão no meu ombro. Me viro para ver uma mulher linda sorrindo para mim.

— Ana!

— Laura. — Ela se aproxima e me dá um abraço forte. Me lembro de Luíza e acabo correspondendo.

— Que bom te ver — falo, saindo do abraço.

— Sabia que nessa semana mesmo estava falando com a Isa sobre você.

Quando vou perguntar sobre o bebê da Isabela, sinto uma mão na minha cintura. Gabriel olha para Laura de um modo diferente. O Senhor Paollo chega na mesma hora, se aproximando da Laura e observo a cena sem entender nada.

— Gabriel? — ela fala, olhando para nós dois.

Gabriel dá um pequeno sorriso antes de responder.

— Vejo que você gosta mesmo dos vilões, não é mesmo, Laura?

A mão da Laura se fecha lentamente. Esta cena está muito estranha. Tenho certeza de que esta festa será mais interessante do que eu pensei.



CAPÍTULO 18

ANA FERREIRA

O clima fica totalmente pesado com as palavras do Gabriel.

— Não, Gabriel, eu não gosto de vilões. Até porque se eu gostasse deles, na vida real eu estaria com você.

Laura termina de falar e o seu rosto está tão vermelho que nem mesmo a maquiagem que ela está usando consegue disfarçar. Será que eles tiveram algo? Acho que alguma coisa aconteceu, com certeza.

— Continua com a língua afiada. Pensei que quando comesse a namorar o Paollo ele daria um jeito nesse detalhe.

— Primeiro, Gabriel, a minha vida não é da sua conta. Segundo, a Laura não é minha namorada e sim minha noiva — Paollo responde.

Neste momento observo a mão dela e vejo um anel de noivado. Dou um sorriso sincero em sua direção e decido quebrar um pouco o clima.

— E a filha da Isabela, como que ela está?

A sua expressão se suaviza e um sorriso já está presente no seu rosto.

— Ana, ela está tão linda, cada dia que passa está mais fofa.

— Estou louca para vê-la.

— Não seja por isso, a Isa também está querendo te ver. Amanhã estarei a manhã toda no apartamento dela. Por que você não passa lá para fazer uma visita?

— Adoraria.

— Foi muito bom te ver, Ana. Pena que não posso dizer o mesmo em relação a você, Gabriel.

Preciso saber o que aconteceu entre esses dois.

— Depois nos vemos, pode ser?

— Claro.

Ela sai e o Paollo não tira os olhos do Gabriel, mandando uma mensagem silenciosa.

Me viro para o Gabriel.

— O que foi isso entre você e a Laura?

— De onde você conhece a Laura?

— Eu perguntei primeiro.

— Não é da sua conta.

Engulo o ódio que estou sentindo e dou um sorriso para ele.

— Idiota! Conhecendo você, com certeza deve ter feito algo muito sério para a Laura te odiar tanto. Para falar a verdade, entendo perfeitamente, seu jumento.

— Vai começar com esse apelido novamente?

— Claro, até porque se eu não te lembrar pelo menos uma vez na semana o que você realmente é, daqui a pouco vai pensar que é gente — falo, me sentando na cadeira. Ele se senta ao meu lado e sinto o seu aperto no meu braço.

— Me fala, de onde você a conhece?

— Por que isso é tão importante para você?

— Responde logo, Ana — fala, apertando mais.

— Infeliz! — falo entredentes. — Solta o meu braço ou vou apertar um lugar seu com tanta força que tenho certeza de que o único neto que a sua mãe vai ter será do seu irmão — ameaço, encarando-o. Ele faz a mesma coisa e nós dois entramos em uma guerra de olhares, mas por fim ele me solta.

— Responda.

— Que fique bem claro, só vou responder porque eu quero e não porque você está dando esse showzinho. Conheci a Laura e a Isabela no banheiro de uma festa, ela estava em trabalho de parto e eu a ajudei — falo tudo de uma vez.

— Você?

Reviro os olhos.

— Não, Gabriel, a rainha Elisabeth, claro que fui eu.

— Às vezes, eu juro... tenho uma grande vontade de fazer você calar essa sua boca. — Me viro para ele.

— E como você faria isso? — pergunto com deboche.

— Depende, pode ser com a minha boca, ou com algo maior. — Sorri safado.

— Perverso!

— Você não faz nem ideia.

— Estou vendo.

Os garçons nos servem champanhe e bebo um pouco.

Observo mais atentamente o local, mesas estão espalhadas por todo o ambiente.

— Ana, que bom que veio. — Me viro para ver a mãe do Gabriel ao meu lado. Me levanto e dou um abraço nela, realmente sinto um carinho muito grande por essa mulher.

— Que bom te ver.

— Você está linda — fala dando um passo para trás e me olhando de cima a baixo.

— Obrigada! — digo sem graça. Ela dá um beijo no rosto do Gabriel.

— Você também está muito lindo, meu filho.

— Obrigado, mãe. — Me pego observando a cena. Impressionante o jeito que o Gabriel trata a mãe, ele realmente a ama muito.

— Vou atrás do seu irmão, já tem um tempo que ele sumiu. Qualquer coisa que você precise me procura — fala para ele.

— Tchau, Ana.

— Tchau.

Ela sai à procura do irmão do Gabriel e me sento novamente.

— Impressionante como a sua mãe é diferente de você. A quem você puxou, hein? Porque a sua mãe eu tenho certeza de que não foi.

A expressão no rosto do Gabriel se fecha completamente. Acho que falei o que não devia.

— Lembre-se, Ana, não te pago para fazer análise minha. Te pago para ser minha namorada, nada mais do que isso. Então limite-se apenas ao seu papel.

— Idiota!

— É difícil ouvir a verdade, não é mesmo?

— Não — falo com deboche. — O difícil mesmo é ficar ao seu lado sem te dar um soco na cara.

Não quero mais conversar com ele. Nós juntos é isso, a todo momento discussão. Ele se levanta e sai.

Me levanto um pouco e fico andando. O lugar é lindo e a festa é em comemoração aos dez anos da editora. Vários casais estão dançando ao som de uma orquestra.

— Se divertindo? — Me viro para ver Laura. Dou um sorriso para ela.

— Nem um pouco e você?

— Também não, não gosto deste tipo de festa.

— Te entendo perfeitamente. E o senhor Paollo?

— Ele saiu para resolver alguma coisa, mas já deve estar chegando.

Me desculpa a indelicadeza, Ana, mas você está namorando o Gabriel.

— Estou sim. — Tento parecer sincera e dou um sorriso falso. Ela fica um tempo me analisando, mas dá um suspiro. — Por quê?

— Me desculpa, é que você me parece ser uma pessoa boa demais para ele. Esqueça — fala balançando a mão.

— Eu entendo o que você está querendo dizer. Gabriel é difícil mesmo — falo com sinceridade. — Mas espero que ele mude.

Ela fica em silêncio, mas percebo que ela quer me contar algo.

— O que ele fez a você ? — Ela se vira novamente para mim.

Ela dá um sorriso sem graça, mas me conta tudo e fico um momento digerindo as suas palavras.

— Mentira? Ele teve coragem de fazer isso mesmo?

— Sim, no começo pensei que estava interessado no meu livro, mas no fim era apenas um favor. A pedido do Paollo.

— E você não teve vontade de matar o Paollo, não?

Ela sorri.

— E como, mas depois percebi que não valia a pena. Eu o amo demais, mas quando eu vejo o Gabriel eu te juro, Ana, tenho uma grande vontade de matá-lo.

— Não te culpo, tenho essa mesma vontade todos os dias. — Acabo falando demais. Ela me olha, mas decide ignorar.

— Você vai na casa da Isa amanhã?

— Claro, se puder me mandar o endereço.

— Te mandarei por mensagem.

Vejo o senhor Paollo vindo em nossa direção e quando Laura o vê logo um sorriso já está no seu rosto. Ele se aproxima, dando-lhe um beijo.

— Ana — ele me cumprimenta.

— Senhor Paollo.

— Só Paollo.

— Desculpa, força do hábito.

Ele fala algo no ouvido da Laura fazendo com que o rosto dela fique totalmente vermelho, sorrio com a cena.

— Depois nos vemos, Ana.

— Tchau, Laura.

Eles saem para a pista de dança. Fico um pouco sem graça, procuro o idiota do Gabriel e nada. Quando vou em direção à mesa sinto uma mão na minha cintura. Quando me viro achando que é Gabriel, quem está atrás de mim com um sorriso no rosto é o Nicollas.

— Ana, que grata surpresa.

— Nicollas.

Ele olha ao redor procurando algo.

— Onde está o meu doce irmãozinho? — fala sorrindo.

— Para falar a verdade, também gostaria de saber.

— Ele te deixou sozinha?

— Sim, mas já deve estar voltando.

— Você não o conhece mesmo, não é? — fala balançando a cabeça.

— O Gabriel é, digamos assim, diferente.

— Como assim, diferente? — falo sem entender o que ele está querendo dizer.

— Te conto se você aceitar dançar comigo — diz estendendo a mão na minha direção.

Mesmo eu sabendo que o Gabriel não gosta muito dele, não estou nem aí, preciso saber mais detalhes. Aceito e ele segura na minha mão. Andamos em direção à pista de dança e sinto sua mão me levando mais para perto, perto demais para o meu gosto. Dou um pouco de espaço entre nós e começamos a nos movimentar ao som da orquestra.

— O que você quis dizer com diferente?

— Está curiosa, não é mesmo?

— Claro, afinal ele é o meu namorado.

— Namorado... sabe que até agora não entendi o porquê de ele querer namorar outra pessoa depois da Yasmin.

— Yasmin?

— Você não sabia que ele já teve uma namorada antes de você? Desculpa, namorada não, noiva.

— Noiva? — falo sem entender nada. — Espera aí, o Gabriel já esteve noivo?

— Sim.

— Conta a história direito. Você não pode simplesmente falar que o seu irmão foi noivo e não dizer o porquê de ele não ter se casado.

— Curiosa. Gosto disso. — Ele aperta um pouco a minha cintura. Já estou me arrependendo de ter aceitado dançar com ele.

— Ele iria se casar há uns três anos. Eles formavam um casal perfeito aos olhos de todos. Imagina a surpresa quando ele descobriu que ela estava o traindo com um cara mais velho... e mais rico, sejamos sinceros — fala próximo ao meu ouvido. Coloco mais um pouco de espaço entre nós.

— O seu irmão foi traído?

— Sim — fala sem expressar nada. — Por isso a surpresa quando ele te apresentou como namorada. Você não faz o tipo dele, por isso estou tão interessado em saber o que você tem de tão especial.

— Não tenho nada de especial — falo com sinceridade.

— Você é muito bonita, mas não acho que seja esse o motivo, afinal, Gabriel só aparecia com modelos nas capas de revistas. Mas o que mais me incomoda é esse rosto de boa moça que você tem. Para falar a verdade, é o que mais me atrai em você.

Agora já deu. Tento sair dos seus braços, mas isso só faz com que eu sinta a sua mão apertando a minha cintura. Mesmo que o corte já esteja quase cicatrizado, ainda sinto uma físgada no local.

— Muito obrigada pelas informações, mas agora preciso ir — falo, tentando tirar a sua mão de mim.

— A música não acabou — diz, sério.

— Para mim já. Solta a minha cintura, Nicollas, ou juro que vou começar a gritar.

— Você não teria coragem.

— Quer mesmo pagar para ver.

Ele não responde, apenas retira a mão de mim, dá um sorriso cínico e sai com uma mão no bolso da calça social. Antes de sair da pista de dança ainda o vejo pegando uma taça de champanhe e virando o seu conteúdo todo de uma vez, reviro os olhos para aquela cena. Os meus pés estão me matando. Dou uma olhada para ver se Gabriel chegou, mas nada, então vou até o banheiro.

Não vejo ninguém lá dentro então retiro os sapatos um pouco. Sinto os músculos dos meus pés relaxando, até que levo um susto quando vejo Nicollas entrando. Ele bate a porta com raiva, a tranca e vem ao meu encontro.

— O que você está fazendo aqui? Está louco, é? — Dou uns passos em direção a ele, tentando chegar até a porta para poder abri-la, mas sou impedida. Ele segura nos meus braços, me prensa contra a parede e sinto uma dor no meu ombro.

— Quem você pensa que é para tentar fazer chantagem contra mim em uma festa que é da minha família?

Sinto o cheiro forte de álcool.

— Me solta! — Cerro os dentes.

— Ou o quê? Vai gritar? — Sorri.

Respiro fundo, tentando me soltar. Vejo a cabine do banheiro se abrindo.

— Acho que ela está te pedindo para soltá-la, seu moleque.

Laura sai de dentro da cabine e vem em nossa direção.

— Quem é essa louca?

Ainda estou tentando entender a cena, pois pensei que não tinha ninguém aqui.

— Solta ela. Agora!

Ele começa a sorrir, então Laura fecha a mão em punho e quando penso que ela vai tentar abrir a porta para pedir ajuda, a vejo correndo em direção ao Nicollas. Ele acaba me soltando quando ela entrelaça as pernas na suas costas e começa a dar um mata leão nele. Os meus olhos estão arregalados de tão surpresa que estou. Ela aperta com muita força. Vejo que ele tenta retirá-la de cima, mas não consegue.

— Acho que ele já entendeu, Laura, você vai acabar se machucando — falo, tentando convencê-la a não matá-lo. Ela olha para mim e percebe que ele já está ficando mole, então o solta.

O infeliz busca apoio na parede, respira com dificuldade e o seu pescoço está todo vermelho.

— Sua doida! — fala com dificuldade.

— Você deu sorte! Se fosse só por mim teria deixado você aqui desmaiado, talvez assim aprenda que quando uma mulher fala que não é não, imbecil!

Ela ajeita o vestido.

— Vocês me pagam, principalmente você, Ana — fala e sai. Fecho os olhos tentando me controlar. As minhas mãos tremem, então sinto a mão de Laura no meu ombro.

— Já acabou, pode se acalmar agora — fala sorrindo.

— Me pergunto por que você não está nervosa.

— Se você soubesse pelo que já passei... o mais engraçado é que a maioria das vezes que já estive em uma fria foi em um banheiro — fala sorrindo.

— Muito obrigada, não sabia que tinha alguém aqui.

— Acho que algo que eu comi me fez passar mal — fala passando a mão na barriga.

— Obrigada mesmo, Laura.

— Que é isso, amigas são para essas coisas.

Ao ouvir a palavra amiga saindo da sua boca sinto uma grande alegria, nunca pensei que teria uma amiga aqui, mas vejo que estava completamente enganada.



CAPÍTULO 19

GABRIEL ZÁS

A minha cabeça começa a doer sem parar. Saio de perto da Ana porque com o ódio que eu estou agora, tenho certeza de que se falarem alguma coisa vou me arrepender. Depois de ter visto Laura com o Paollo achei que ficaria afetado, mas surpreendentemente não senti nada. Pego uma taça de champanhe e bebo o seu conteúdo todo de uma vez, mas não é forte o suficiente. Peço para o garçom me trazer uma dose de uísque e depois de finalmente beber o que eu queria, fico mais empolgado com esta festa.

Recebo vários elogios sobre a administração da editora e confesso que fico feliz, não pelo elogio, mas porque eu sei que o sucesso da editora é por mérito exclusivamente meu.

Saio um pouco do salão de festas, preciso tomar um ar e a noite está fria do jeito que eu gosto.

— Cansado dos holofotes? — Me viro e vejo Paollo parado atrás de mim. Dou um sorriso.

— Nunca me canso de ser bajulado, na verdade, adoro ver esses puxa-sacos tentarem a todo custo crescer dentro da empresa. Se para isso eles acham que me bajulando vão conseguir, eu deixo.

— Continua do mesmo jeito de quando estávamos na faculdade —
fala e fica ao meu lado.

— Não, estou pior, pode acreditar.

— Acredito. Teve alguma novidade?

— Se você está querendo saber sobre a reabertura do processo, devo dizer que tive uma conversa muito, digamos assim, estressante com o investigador responsável pelo caso.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Eles descobriram que o meu pai morreu em outro lugar e não no estacionamento como havia nos autos do processo — falo e passo a mão pelo cabelo.

— Mais alguma coisa?

— Se eles tinham mais alguma prova não falaram. E você? Descobriu alguma coisa sobre quem está passando essas informações para a polícia?

— Nicolai teve que fazer uma viagem às pressas. Um de nossos contadores foi encontrado morto em Roma.

— E isso é um problema?

— É. Já que recebemos uma foto dele morto juntamente com uma mensagem.

— Que mensagem?

— Tirarei tudo de você, isso é apenas o começo.

— Espero que ele tenha aumentado a segurança depois dessa ameaça.

Paollo fica um pouco em silêncio.

— Ele já tinha aumentado depois que a filha nasceu, mas mesmo assim acho que você deveria aumentar a sua segurança também. Afinal de contas, você, querendo ou não, está ligado a máfia, assim como eu.

— Farei isso. Qualquer novidade sobre isso quero saber.

— Me dando ordens, Gabriel? — fala e coloca a mão no bolso.

— Não. Estou apenas comunicando, pois como você mesmo me lembrou, faço parte disso, querendo ou não.

Nós dois não falamos mais nada. Depois de um tempo, volto à festa e observo o salão à procura da Ana, mas não a acho. Já estou ligando para ela quando a vejo conversando com a Laura próximo ao banheiro. Me aproximo e Laura vira o rosto. Sinceramente, quando ela vai me perdoar? Balanço a cabeça.

— Vamos dançar? — falo e dou um beijo na bochecha da Ana.

— Meus pés estão me matando — fala baixo.

Me aproximo do seu ouvido.

— Não foi um pedido, amor. — Ela fica tensa na hora e a sua mão se fecha em um punho. Acabo sorrindo com a sua reação, tenho certeza de que se não estivéssemos aqui ela iria tentar me bater.

— Depois conversamos, Laura. E obrigada.

— Qualquer coisa me liga, qualquer coisa mesmo — fala e olha para mim. Reviro os olhos para a Laura.

Conduzo Ana em direção à pista de dança, seguro na sua cintura, mas não com muita força, afinal, não sei se o seu ferimento cicatrizou completamente. Sinto a sua mão no meu ombro e o seu perfume invade completamente os meus sentidos.

— Por que você agradeceu a Laura?

Ela abre a boca para responder, mas decido que não quero saber.

— Esqueça, não é da minha conta.

Ela fecha a boca, dando um pequeno suspiro, abaixa o olhar e não fala nada, isso está me incomodando. Aproximo mais de mim, sentindo o seu corpo se encaixar perfeitamente com o meu. Ela leva um susto.

— Não precisa chegar tão perto — fala e tenta se afastar, mas não deixo.

Me aproximo do seu pescoço sentindo mais ainda o seu cheiro. Fecho os olhos por um segundo, depois os abro e vejo os pelos do seu pescoço se arrepiarem na hora, dou um sorriso para essa reação do seu corpo.

— O que você tem? — pergunto próximo ao seu ouvido.

— Nada — ela fala baixo e quase não consigo ouvir sua voz. Me afasto do seu pescoço e me concentro no seu rosto.

A boca dela se abre lentamente, e que boca. Pintada de vermelho então... é uma tentação a mais.

— Você está incrivelmente bonita hoje.

Ela me observa por um momento, mas um sorriso já está no seu rosto.

— Esperou quase a noite toda para me falar isso?

— No começo da noite o meu único pensamento era em te levar para o meu quarto e te fazer pagar pelas duas vezes que me deixou na mão, literalmente.

Ela sorri.

— Não gosta de ser contrariado, é?

— Não... O que eu não gosto é quando já estou de pau duro de tanto me esfregar em uma mulher e ela, na última hora, falar não. Por isso que afirmo... você gosta de jogar.

O seu rosto fica vermelho na hora.

— Não gosto de jogar coisa nenhuma, só não acho que sexo no nosso caso vá ajudar em alguma coisa.

— Para mim ajudaria e muito.

— Pois para mim não.

— Ok, Ana, vamos ver até quando se segurará — falo e dou um beijo na sua boca. Ela fica sem reação, assim como eu queria. Esse beijo não é necessariamente preciso, mas só para deixar claro o meu ponto de vista.

A música acaba, seguro na sua cintura e saímos dali. Conversamos com alguns investidores e a todo momento Ana sorri, não demonstrando nenhum desconforto. A noite acaba com o meu discurso e com o recebimento do certificado de melhor editora do país, mais uma vez.

Mais tarde ficamos um pouco com a minha mãe, mas ela acaba indo embora. Não vejo o inútil do meu irmão, o que dou graças a Deus. A maioria das pessoas já foram embora. Me aproximo da Ana e ela está sentada a uma mesa, vejo que ela luta para não dormir.

— Vamos.

— Sêrio? — sorri.

— Claro.

Ela se levanta, mas acaba fazendo uma careta.

— O que houve?

— Não estou acostumada a usar sapatos altos por tanto tempo.

— Se senta.

— Por quê?

— Só obedeça! Que mania de fazer perguntas a toda hora, parece até uma criança.

— Estou cansada demais para discutir com você a uma hora destas — fala se sentando. Me aproximo e fico de joelhos na sua frente, retiro as suas sandálias, as seguro em uma mão e com a outra a levanto.

— Por que fez isso? — Me encara.

— Não estava te machucando? Você não precisa se machucar — falo e saímos do salão. Algumas pessoas passam por nós e observam a cena,

mas não estou nem aí. Fora do hotel eu observo os seus pés já vermelhos.

Sem ela perceber passo os meus braços abaixo das suas pernas, levantando-a. Ana dá um pequeno grito de surpresa, mas acaba segurando no meu pescoço.

— Está louco, Gabriel? Me coloca no chão, tem muitas pessoas nos olhando.

Vejo várias pessoas sorrindo para nós, um ou outro fotógrafo tira fotos.

— Deixe que olhem, talvez isso seja a coisa mais interessante que eles vão ter na semana. — Depois de alguns passos, chegamos ao carro, e a coloco no chão, abro a porta e ela entra. Dou a volta e também entro.

Ficamos em silêncio. Pego o meu celular para ver se tem alguma mensagem, mas não tem nada de importante. Me viro em direção a Ana e a vejo cochilando. Me aproximo devagar e quando ela vai tombando a cabeça para o lado, a seguro trazendo-a até o meu ombro. Sinto a sua mão em contato com o meu peito.

Ela agarra minha blusa social com força e mesmo dormindo parece que precisa de algo para se manter segura.

Me pego observando o seu rosto, ela dorme tranquilamente e sem perceber passo a ponta do meu dedo no contorno do seu rosto, fazendo com que ela acabe mexendo a boca lentamente. Fico impressionado o tanto que me peguei observando essa parte do seu rosto esta noite, fecho os meus olhos, retirando a mão dela.

Quando chegamos em casa eu tento acordá-la, mas não consigo. A pego no colo e a levo para dentro e mesmo com a blusa social como barreira, sinto a sua respiração quente no meu peito. A levo até o seu quarto e a coloco na cama. Ela imediatamente agarra o travesseiro com força.

— Ana, acorda, Ana!

Tento acordá-la, mas nada, ela nem se mexe. Seguro no seu ombro e começo a balançar, mas ela bate na minha mão e resmunga para que eu a deixe dormir em paz.

Sinceramente, a minha paciência já acabou, seguro mais uma vez na esperança de conseguir e nada.

— Vamos, Ana, você tem que tirar esse vestido, anda!

Ela não demonstra nenhuma reação.

— Merda!

Me aproximo e seguro o zíper do seu vestido, com calma o abro, o retiro completamente e ela se encolhe toda. Balanço a cabeça sorrindo da cena. A cubro e saio dali.

Entro no meu quarto, vou direto para o banheiro e fico um bom tempo sentindo a água quente cair sobre a minha pele, e mesmo lutando para não pensar, a imagem do corpo da Ana vem em meus pensamentos e acabo pensando em como ela estava incrivelmente bonita com aquela lingerie preta de renda.

— Merda! — Bato com força na parede do banheiro.

Por que estou pensando tanto nela? Abaixo o olhar e vejo que o meu pau está completamente duro, mais uma vez.

Vou acabar enlouquecendo desse jeito, penso e fecho os olhos.



CAPÍTULO 20

ANA FERREIRA

Acordo me sentindo muito bem. Percebo que estou somente de lingerie, penso por um momento e logo a ficha cai. O relógio marca 6h30 da manhã. Ótimo, Gabriel ainda deve estar aqui. Levanto-me, troco de roupa rápido, dou um jeito no meu rosto, escovo os dentes e saio do quarto.

Primeiro, vou até o quarto dele e nada. Desço as escadas e quando já estou no andar de baixo, o vejo tomando o seu café tranquilamente. Ele me observa por um tempo, mas me ignora completamente. Vou em sua direção e sem nem perceber já estou com uma mão na cintura olhando para ele.

— Que direito você acha que tem para retirar a minha roupa quando estou dormindo?

Espero a sua resposta. Ele termina de tomar um pouco do café e dá um longo suspiro.

— Bom dia para você também, Ana.

— Responda!

— Tentei te acordar mais de uma vez, mas, como sempre, você me ignorou.

Respiro fundo, tentando me controlar.

— E isso te deu o direito de retirar a minha roupa?

Ele semicerra os olhos.

— Sim.

Chego perto dele e coloco o dedo no seu rosto.

— SEU INFELIZ!

Ele se levanta segura a minha mão. Tento me afastar do seu aperto, mas isso só faz com que ele aperte ainda mais.

— Já te falei que não gosto de gritos. Por que você grita tanto, hein?

— Porque você me tira do sério, só por isso. — Sustento o seu olhar.

— Acredite, você faz o mesmo comigo, mas não vivo gritando com você — fala baixo, se aproximando mais de mim. Sinto o meu coração acelerar. Não falo nada. Mesmo não querendo, fico encarando a sua boca e lembranças dela na minha não saem da minha memória. Não sei se ele pensou a mesma coisa, mas ele encara a minha boca do mesmo jeito. A minha respiração está irregular.

— Porra! — fala, encurtando o pouco espaço que ainda há entre nós.

Não reajo quando sinto a sua boca na minha e não faço nada quando a sua mão segura no meu ombro, me levando para ele. A minha única reação é segurar na sua nuca. O meu único desejo é sentir o seu gosto, exatamente como estou sentindo agora.

Por que ele me atrai tanto? Por que mesmo sabendo que ele é arrogante quero ser beijada por ele? Sinceramente não sei, só sei que gosto do seus beijos, da sua pele encostada na minha e do calor da sua mão sobre o meu corpo.

Nos beijamos até ele me colocar no sofá e em poucos segundos o seu corpo já está em cima do meu. Coloco a minha mão debaixo da sua blusa social e sinto a rigidez de cada músculo. Tento desabotoar os botões,

mas as minhas mãos estão trêmulas e acabo não conseguindo, então ele me ajuda. Ele fica me observando por um tempo.

— Não tem como voltar atrás — diz próximo ao meu pescoço, fazendo o meu corpo se arrepiar na hora.

— Eu sei — falo baixo, não reconhecendo a minha própria voz. Passo a mão pelo seu tórax mais uma vez, como se eu precisasse gravar na minha memória cada centímetro do seu corpo. Retribuo os beijos que ele me dá. Ele se ocupa beijando meu pescoço incansavelmente.

Um prazer doloroso se instala no meio das minhas pernas, fazendo com que eu as aperte uma na outra na esperança de um pouco de alívio.

A sua mão aperta o meu peito com força, me fazendo soltar um pequeno gemido de prazer, mas não dura muito tempo, ele me beija mais uma vez e quando sinto a sua mão já segurando a barra da minha blusa para retirá-la, ouvimos um barulho.

— Espero que já esteja acordado, filho.

Nós dois nos olhamos por um momento. Me sento no sofá com rapidez e Gabriel fica sentado ao meu lado. Olho em direção à escada e a mãe dele está nos olhando com um pequeno sorriso brincalhão no rosto.

Sinto as minhas bochechas esquentarem. Abaixo o olhar e tento arrumar a minha roupa, mas o infeliz do Gabriel não se dá ao luxo nem de vestir a blusa. Apenas se levanta e dá um beijo no rosto da mãe.

— Mãe.

— Filho, que bom que já está acordado.

Me levanto e a cumprimento totalmente sem graça.

— Ana, me desculpa, não sabia que estava aqui.

— Sem problema — falo, olhando para o Gabriel. Ele está com um sorriso no rosto. Tenho vontade de matá-lo.

— Qual o motivo da visita tão cedo, mãe? — fala pegando a blusa e a colocando.

— Queria saber se você sabe onde está o seu irmão, desde ontem não consigo entrar em contato com ele.

Só de ouvir sobre Nicollas sinto um frio na espinha. Algo me diz para ficar bem longe dele. Não disse nada para o Gabriel sobre o que houve ontem, mas tenho que contar o mais rápido possível.

— Não o vi, mas conhecendo como o conheço, deve estar em algum hotel aproveitando a vida — fala abotoando a blusa.

— Ele te disse alguma coisa, Ana?

— Por que ela saberia de alguma coisa mãe? — fala para a sua mãe, mas os seus olhos não saem de mim. Engulo em seco.

— Como os vi dançando ontem, pensei que ele pudesse ter falado algo para você. Esqueça.

— Ele não me falou nada.

— Sem problema, não vou mais atrapalhar vocês.

— Você nunca atrapalha, mãe. E além do mais, a Ana está morando aqui.

Ela se vira para mim com um sorriso no rosto.

— Oh, meu Deus... sério? Que notícia maravilhosa.

— É só por enquanto, o meu apartamento está em reforma — minto.

— Mesmo assim, essa é uma notícia ótima. Já que vocês estão morando juntos podiam se casar logo.

Começo a tossir sem parar. Pego um copo de suco e o bebo.

— Vamos esperar um pouco, mãe, você mal falou de casamento e a Ana quase morreu engasgada — ele fala sério.

— Sinceramente gostaria muito de, antes de morrer, te ver casado.

— A senhora não vai morrer tão cedo, pode ficar tranquila, uma coisa de cada vez.

— Ok, meu amor, vou continuar tentando ligar para o seu irmão. Tchau, Ana, foi um prazer te ver novamente — diz e me dá um beijo no rosto.

Ela anda em direção à porta, mas antes de sair ainda a ouço.

— Mas continuem o que eu interrompi. Quanto mais vocês praticarem mais chances eu tenho de me tornar avó. — E sai. Me joga no sofá ainda com as palavras dela na mente. Gabriel vem e se senta ao meu lado. Nós dois ficamos assim, por um tempo, sem falar nada.

— Eu gosto da sua mãe, mas às vezes ela exagera.

— Eu sei. — Ele se vira para mim. — Por que você dançou com o meu irmão?

— Por que a pergunta?

— Fiquei curioso, o que ele te falou?

Penso nas palavras do Nicollas e em tudo que ele me contou. Na traição e em como depois disso o Gabriel se fechou completamente.

— Nada de importante — minto com um sorriso falso no rosto. Ele se aproxima, segura o meu queixo e o levanta, fazendo com que eu olhe diretamente para os seus olhos azuis. Rezo para que ele não perceba a mentira.

Sinto o seu dedo passando lentamente no contorno da minha boca e fecho os meus olhos, prolongado a sensação.

— Gostaria de ficar aqui para terminarmos o que começamos, mas infelizmente tenho uma reunião às 7h30m — fala, me dando um leve beijo na boca. — Até a noite, Ana. — Levanta-se. Pega as suas coisas e sai. Fico um pouco no sofá, pensando em tudo o que aconteceu aqui. Sem perceber, me pego sorrindo. Desperto dos meus pensamentos com uma mensagem no

celular e vejo que Laura me mandou o endereço da casa de Isabela. Com tudo isso, acabei me esquecendo do encontro que marcamos. Subo as escadas e vou direto para o quarto me arrumar. Em menos de quarenta minutos já estou pronta.

Peço para o motorista me levar até o endereço da Isabela. Quando chego no prédio em que ela mora pego o elevador e confiro a minha imagem no espelho. As minhas bochechas estão mais vermelhas do que o normal, mas no mais está tudo em ordem. O elevador para e abre as portas. Saio e toco a campainha.

Quem me atende é o Paollo, que me recebe com um pequeno sorriso. Fico um pouco sem graça e entro.

— Estou aqui para ver a Isabela.

— Eu sei, ela está no quarto com a Laura.

Ele mal termina a frase e um homem muito bonito, com um terno totalmente preto, vem até nós, um sorriso não sai do seu rosto.

— Não vai me apresentar, Paollo?

Paollo revira os olhos para ele.

— Ana, esse é o Elai. — Ele dá uma pausa, pensando na palavra certa. — Um amigo.

Elai se aproxima de mim e sem que eu espere, segura a minha mão, levando-a aos lábios e a beijando. Sou pega totalmente desprevenida.

— Encantado.

— Você não muda, não é, Elai? — Paollo fala, balançando a cabeça.

— Apenas para melhor — diz, sorrindo para mim.

— Pode subir as escadas, Ana. Elas estão no segundo quarto à esquerda.

— Obrigada — falo e subo as escadas, já no alto ainda consigo ouvir uma parte da conversa.

— Ela tem namorado?

— Tem... e você o conhece.

— Quem é?

— O idiota do Gabriel.

Não consigo ouvir mais nada. Encontro a porta e bato duas vezes. Laura abre e logo sorri para mim.

— Ana, que bom que você veio — fala e me abraça, retribuo.

— Faço das palavras da Laura as minhas. — Isabela me recebe com um lindo sorriso.

— Isabela, você está bem?

— Estou, e a minha filha também, graças a você — fala me abraçando. — Obrigada.

— Que é isso... foi de coração.

Ela me leva para ver sua filha. Elisabete está dormindo tranquilamente no seu berço. Ela é uma bebê linda, com as bochechas rosadas e está fazendo um pequeno biquinho dormindo.

— Ela é linda, se parece com você.

— Laura vive falando isso, mas acho que ela se parece tanto com o Nicolai — fala e olha para a filha.

— Ela é a sua cara.

— Não falei, Isa. A minha afilhada é a sua cara.

Ficamos conversando um tempo e quando a Liz acorda fico com ela no colo. Um amor tão grande é o que eu estou sentindo por essa criança.

Depois de um tempo, vamos até o quarto da Isabela. Mesmo sabendo que foi ela que me convidou fico sem graça por está entrando no quarto do meu antigo chefe, mas logo isso muda. Dou uns passos rápidos em direção a uma parede.

— É o que eu estou pensando? — falo, me virando para a Isabela.

— Depende. O que você está pensando?

— Essa é a espada do Jon Snow? — pergunto rápido.

— É sim — diz sorrindo.

— Eu sou apaixonada pelo Jon Snow — falo com tanta intensidade que a minha voz sai superfina.

— É, Isa, acho que encontramos outra fã. — Laura sorri ao me ver passar a mão na espada como se fosse a coisa mais linda do mundo.

— Onde você comprou?

— Vou até me sentar porque a história vai ser grande. — Laura se senta e começa a brincar com a Elisabete.

Fico ouvindo atentamente tudo que Isabela me conta. De como se envolveu com Nicolai, do roubo da sua espada, de como descobriu a gravidez e tudo mais. Quando ela termina, fica me observando esperando um comentário, mas fico por um tempo pensando em tudo que ela me contou.

— Nossa! Podemos dizer que foi uma história e tanto — falo e solto um suspiro.

— Com certeza. Na lua de mel ele me deu a Garralonga de presente de casamento.

— E que presente — falo fazendo um bico.

Fico lá até o meio-dia. Conversamos sobre muitas coisas. Do amor que Isabela tem por séries e animes, e da paixão da Laura pelos livros. Um sorriso não sai do meu rosto nem por um momento. Pensei que não teria amigas aqui, mas me enganei. Estando com elas me sinto feliz como há muito tempo não sentia.

Quando volto para casa do Gabriel vou direto para o meu quarto. Começo a sentir uma dor na barriga e vou correndo em direção ao banheiro, percebendo que estou com cólicas menstruais. Como minha menstruação é

totalmente desregulada, este mês veio com uma semana de antecedência. Já prevejo os sintomas: dores de cabeça, dor no corpo e principalmente o mal humor. Fico parecendo um verdadeiro demônio nesses dias. Decido tomar um remédio e me deitar, ficando bem quieta.

Não saio do quarto por nada a tarde toda. O meu estômago está horrível. Depois de um tempo acabo dormindo. Sinto o meu cabelo sendo retirado do meu rosto e, quando abro os olhos, vejo Gabriel sentado na cama, me observando. Dou um pequeno sorriso para ele.

— Oi.

— Oi — falo baixo. Ele me observa por um tempo.

— O que você tem?

— Por que a pergunta?

— O seu rosto está horrível.

— Nossa! Obrigada pela sinceridade. — Tento me sentar direito na cama, mas a minha barriga está doendo muito. Consigo apenas me encostar na cabeceira.

Ele observa cada movimento meu.

— Sério, Ana, o que você tem? Ainda é o corte? — fala levantando uma sobrancelha.

— O corte já está quase todo cicatrizado.

— Então o que é?

Não gosto de ficar falando disso para qualquer um, mas vejo que ele não vai sair daqui até ouvir uma resposta.

— Estou sentindo muita cólica.

Ele fica um tempo calado, pensando no que dizer.

— Já tomou algum remédio?

— Já. Daqui a pouco passa.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada — falo, tentando sorrir um pouco. Ele se levanta e sai. Me deito novamente.

Já estou pegando no sono quando vejo Gabriel entrando com uma bandeja na mão, observo quando ele a coloca ao lado da cama e se senta na beirada.

— Acho que isso vai ajudar. — Pega uma bolsa quente e estende em minha direção.

Eu a coloco na minha barriga. Não consigo falar nada, apenas fico encarando, mas acho que ele percebeu, pois ele limpa a garganta.

— Conheci uma garota que também sentia muita dor quando estava nesses dias — fala, tentando se explicar. Apenas balanço a cabeça. Na mesma hora me lembro da sua ex-noiva. Ele pega a bandeja e a coloca ao meu lado. Vejo uma xícara de chá e um copo com água e um comprimido.

— Beba um pouco e descanse, vai se sentir melhor — fala sem jeito. Ele se levanta e antes que ele saia eu acabo falando.

— Muito obrigada, Gabriel.

Ele não responde, apenas sai me deixando sozinha e com um milhão de pensamentos. Sei como agir com um Gabriel arrogante e metido, mas sinceramente não sei como agir com um Gabriel atencioso igual ao que ele foi agora. Fecho os olhos tentando entender isso que acabou de acontecer.



CAPÍTULO 21

GABRIEL L&S

Sinto sua boca fazendo trilhas de beijos no meu pescoço. A pego pela cintura mudando de posição e ela me olha surpresa, me dando um lindo sorriso. Impressionante como eu gosto de vê-la sorrir para mim.

— Você sabe que eu te amo... como eu nunca amei ninguém na minha vida — ela fala e começa a passar a mão pelo meu rosto. Nunca pensei que seria tão feliz como estou agora com a Yasmin.

— Sei, mas pode continuar falando, gosto de ouvir — falo, sorrindo para ela. A sua reação é me beijar. Sinto algo bom e único só de saber que em menos de um mês estaremos casados e enfim terei uma família de verdade.

Acordo com o coração acelerado e percebo que minhas mãos estão trêmulas. Respiro devagar, tentando me controlar. Aos poucos percebo que o sonho se misturou com lembranças de um passado que eu tento esquecer. Fico com mais ódio... ódio de ter acreditado em uma mulher, ódio por ela ter me enganado tão facilmente e, principalmente, ódio de mim mesmo por ter sido um completo idiota no final.

Continuo na cama tentando me controlar, fecho as minhas mãos em punho com tanta força que o sangue some, deixando-as brancas como

papel. Me levanto e vou direto para o banheiro. Continuo lá até que a água consiga lavar a minha pele completamente, porque a minha alma, essa eu sei que continuará suja para sempre.

Visto apenas uma calça de moletom, pego o meu celular e vejo que ainda são 5h da manhã. Suspiro de frustração. Tem tanto tempo que não consigo dormir uma noite inteira. Para falar a verdade, não me lembro da última vez que consegui isso.

Saio do quarto e quando estou próximo a porta do quarto da Ana, paro por um momento. Seguro na maçaneta e quando vou abrir percebo o que irei fazer, retiro a mão e me afasto dali.

O que eu iria fazer? penso.

Entrar lá e ver se ela está bem? Levar mais alguma coisa? Sinceramente, não sei. Preparo um café e tomo sozinho. Fico na sala apenas observando os primeiros raios de sol surgirem pela janela. Quando são 6h30 vou até o meu quarto e mais uma vez os meus olhos me traem e vão direto para a porta do quarto dela, ignoro.

Me arrumo como sempre, mas hoje em especial gostaria de ficar em casa, apenas eu e os meus pensamentos, mas percebo que é melhor trabalhar. Pelo menos assim não me lembrarei dela, e principalmente das lembranças do meu pai.

Passo mais uma vez pela porta e ordeno aos meus pés que prossigam, mas por que continuo parado, olhando para a madeira escura? Dou um suspiro e percebo que só me sentirei aliviado depois de saber que ela está bem e essa constatação me faz estremecer. *Eu me preocupo com ela?* Faço essa pergunta para mim mesmo.

Abro a porta e a vejo deitada de costas para mim. Me aproximo, ficando ao lado da cama. Ela se mexe e se vira, abre os olhos e então

percebo que estão vermelhos. Acho que ela não conseguiu dormir tão bem quanto pensei.

— Como você está, Ana?

Ela tenta dá um sorriso, mas falha. Logo em seguida faz uma careta de dor. Está aí a resposta para a minha pergunta.

— Não estou muito bem, mas é normal. Só fica melhor no terceiro dia — fala baixo.

— Você não acha melhor se levantar e tomar um banho, talvez melhore. — Me surpreendo com as minhas próprias palavras.

— Vou fazer isso, só que mais tarde. Do jeito que estou prefiro não arriscar, fico meio tonta.

— Você quer que eu te ajude a tomar banho? — Percebo o que falei e por um momento não acredito que disse isso para ela. Limpo a garganta. — Quer dizer, posso te ajudar a ficar de pé e você toma banho sozinha. — Me enrolo com as palavras e me amaldiçoo por isso.

Ela também percebe e fica me encarando surpresa. Fecho a minha mão em punho, mas diferente do que eu imaginei, ela sorri para mim. Jurei que nunca mais acharia um sorriso feminino bonito, mas é impossível não reparar no dela.

— Para falar a verdade, adoraria — fala, se sentando. Ela está com uma camisola de seda preta e tento a todo momento olhar para o seu rosto, mas não consigo, reparar no formato dos seus seios e em como a seda abraça cada parte do seu corpo me deixa desnortado. Mesmo passando mal, Ana continua linda.

Ela se levanta e nem percebo, mas já estou segurando na sua cintura. A ajudo a entrar no banheiro e depois saio, deixando-a sozinha.

Me sento em uma poltrona ao lado da janela e ouço o barulho do chuveiro ligar. Pego o meu celular e vejo uma mensagem da minha mãe

avisando que o meu irmão está bem, reviro os olhos. Como se eu me preocupasse. Mando uma mensagem para a minha secretária cancelando a reunião das 8h e depois me pergunto o porquê.

Ana sai vestida com um roupão branco, para próximo a porta e olha para mim. Me levanto e fico à sua frente.

— Está melhor?

— Um pouco, obrigada! — Ela consegue ir sozinha para a cama e se senta encostada na cabeceira. Os seus cabelos estão amarrados no alto da cabeça, mas vejo pequenas mechas se soltando. Ela se cobre e fica assim.

— Se precisar de algo me ligue, ok?

— Não tenho o seu número de telefone, Gabriel. — Só neste momento é que percebo que nunca dei a ela o meu número, pego o seu celular ao lado da cama e gravo o meu número.

— Pronto, agora você tem. — Ela observa cada gesto com atenção.

— Ok. — Ela suspira — Me fala, qual o motivo para estar me tratando desse jeito?

— Que jeito? — Sei o que ela está querendo dizer, mas quero que ela mesmo fale.

— Desde que eu te conheço você nunca me tratou bem, a não ser quando estamos em lugares públicos, então me fala o porquê.

Penso em falar a verdade, que mesmo tendo certeza de que ela está comigo apenas pelo dinheiro eu gosto da sua presença, gostaria de falar que gosto de ouvir o som do seu sorriso, mas me calo. Gostaria, mas sei que não devo. Não quero e não vou me envolver com mais ninguém. Antes que isso aconteça prefiro mil vezes que seja o coração de qualquer uma destruído do que o meu.

Ele já foi destruído de tantas formas possíveis que nem sei se está inteiro, e no final rezo para que ele não se regenere, porque aí sim saberei

que sinto algo por ela, e sinceramente não estou pronto para esse sentimento mais uma vez. Então sim, essa será a máscara que usarei, não falo para sempre, mas por um longo tempo.

— Você está passando mal, apenas quis ajudar, nada mais que isso.

— Só isso?

— Apenas isso. — Dou um sorriso irônico. — Por quê? Achou que teria outro motivo?

Vejo que ela tenta falar algo, mas se cala. Por que estou tão interessado nas suas expressões? Não sei. Mas sei que dependendo do que ela falar, a minha máscara de tranquilidade se quebrará em mil pedaços, e tenho certeza de que será somente ela a conseguir colar cada pedaço no lugar. Essa constatação me deixa em pânico.

— Era só uma dúvida, já estou melhor — fala com um pequeno sorriso no rosto.

— Que bom, mas mesmo assim, se precisar de alguma coisa me avise, ok?

— Pode ir trabalhar, Gabriel.

Mesmo lutando para seguir em direção à porta, vou em direção a ela, e por um momento observo os seus lábios. Respiro fundo e dou um pequeno beijo na sua testa. Saio dali me amaldiçoando.

Chego no escritório e não consigo me concentrar em nada que a minha equipe me fala. Penso se ela já almoçou ou se está melhor. Pego o meu celular a manhã toda, disco o número dela, mas toda as vezes desisto de ligar.

Pego o meu carro e saio para almoçar. Fico pensando em tantas coisas que quando percebo estou próximo de casa. Só neste momento a ficha cai, o que faz com que eu congele na hora.

— Estou gostando dela. — Bato com força no volante do carro e sinto a minha mão arder.

Ignoro todas as ressalvas sobre ela, ignoro o nosso contrato, ignoro o seu passado e substituo pelas lembranças de como gostei do toque das suas mãos, do sabor dos seus beijos e do calor dos seus braços.

Chego em casa e quando vou subir as escadas ouço a sua voz.

— Pensei que estava trabalhando, esqueceu alguma coisa?

Me viro para vê-la sentada no sofá com uma pequena manta cobrindo as suas pernas. O meu impulso é andar rápido e beijá-la, mas me controlo, vou devagar em sua direção e me sento ao seu lado.

— Tivemos um problema no escritório, tenho a tarde toda de folga — minto.

— Espero que não seja nada grave.

— Nada que deva se preocupar. Está melhor?

Ela sorri para mim e neste momento quero que ela faça isso todos os dias.

— Estou, o remédio fez efeito.

Balanço a cabeça satisfeito. Quero beijá-la... Oh, como eu quero, mas vou esperar. Preciso saber se ela sente algo por mim. Não serei tão precipitado como na primeira vez.

— Já comeu?

— Tomei café.

— Vou fazer algo para nós.

Saio sem esperar sua resposta. Tento focar no que estou fazendo, mas é impossível. Quando vejo ela se levantando e sentando na bancada atrás de mim, sinto o seu olhar em minha direção e não sei se continuo o que estou fazendo ou se a beijo agora mesmo.



CAPÍTULO 22

ANA FERREIRA

Me sinto bem melhor. Continuo sentada e mesmo me esforçando para não ficar encarando Gabriel, é impossível. Sei que ele afirmou que estava agindo daquela forma só para me ajudar, mas mesmo assim algo me diz que não é verdade.

Ele continua mexendo no fogão e não se vira em nenhum momento. Dou um suspiro. Tenho que aprender a não me importar com suas palavras, mas na minha mente fica uma disputa entre quando ele é gentil e quando ele é a definição de insuportável.

Sentamos à mesa e saboreio um bife delicioso, acompanhado de uma salada. Tenho que admitir, está muito bom. Ele não fala mais comigo e me pego observando-o. Ele está com uma expressão séria, mas deve ser pelo problema na editora.

— Está uma delícia.

Ele me observa e pela primeira vez vejo um sorriso no seu rosto, não como os muitos que ele dava, mas diferente, sincero.

— Que bom que gostou.

Por algum motivo quero que ele continue falando.

— Quem te ensinou a cozinhar? — falo, bebendo um pouco de suco. Ele parece pensar nas suas próximas palavras.

— Aprendi sozinho. Gosto de me aventurar na cozinha mesmo errando, às vezes. É sempre um aprendizado.

— Também gosto, mas prefiro o tempero brasileiro.

Ele bebe um pouco do seu vinho, os seus olhos continuam em mim.

— Você sente falta do Brasil?

O observo por um tempo e em todo esse período em que estamos convivendo esta é a primeira vez que o vejo interessado em minha vida.

— Todos os dias — falo, dando um sorriso para ele. — É difícil deixar tudo para trás.

— E por que você foi embora?

— Bem... Eu morava em uma cidade no interior de Minas Gerais, um estado do Brasil — falo devagar. — Muitas cidades pequenas não tem trabalho para todos, então tive que ir embora. Quando surgiu a oportunidade de trabalhar aqui eu fiz de tudo para conseguir.

— Não sei muita coisa sobre o Brasil, mas sei que é um país muito lindo e com uma variedade muita grande de cultura.

— Isso é verdade. O Brasil é um país lindo. Sinto muita saudade de lá.

Terminamos de comer em silêncio e, para a minha surpresa, Gabriel recolhe todos os pratos mesmo eu insistindo em ajudar.

Fico no sofá, coloco um filme para assistir e ele foi para fora atender a uma ligação. O tempo escurece e percebo que não vai demorar muito para chover. A temperatura cai e penso seriamente se subo para pegar algo mais quente para me cobrir.

Vejo Gabriel vindo na minha direção. Já não está com o blazer e a gravata já se foi. A blusa social azul agora está com dois botões abertos e os

seus cabelos não estão mais tão arrumados, dando a impressão de que ele passou a mão. Minha vontade é colocar aquela mecha no lugar, mas fecho a mão tentando controlar a vontade.

— Parece que vai chover — fala, se sentando ao meu lado. Perto demais, penso. Ele está tão próximo que consigo sentir o seu cheiro, o que faz com que o meu coração se acelere. Dou um sorriso em sua direção.

— Acho que sim. — Observo mais uma vez lá fora, o céu está escuro e os galhos das árvores balançam com muita força, fazendo com que várias folhas voem para longe. Sinto um arrepio.

Pulo no sofá quando um raio corta o céu, iluminando lá fora. Levo um susto que acabo colocando a mão no peito para me controlar.

— Ei, você está bem?

Me viro para o Gabriel. Ele está mais perto e vejo o seu rosto próximo ao meu. Consigo ver três linhas de preocupação se formando em sua testa.

— Estou, só levei um susto.

A sua expressão se suaviza.

— Tem medo de chuva?

— Tenho medo de raios.

Mesmo depois que falei que estou bem, ele não se afasta e permanece no mesmo lugar, com o mesmo olhar. Um olhar intenso, um olhar que parece poder ver até a minha alma. Fico tempo demais o encarando, e mesmo não entendendo, coloco a mão no seu cabelo, finalmente arrumando aquela mecha que tanto estava me incomodando.

Quando abaixo o olhar vejo que ele está de olhos fechados, em uma luta silenciosa contra ele mesmo. Quando ele abre os olhos, por um momento, vejo algo diferente de antes.

A sua mão se aproxima do meu rosto e quando sinto o calor dele em mim, a minha pele aquece. A delicadeza do seu toque é algo que eu não consigo explicar.

— Você é linda. — A sua voz sai rouca e neste momento acredito nas suas palavras.

Não sei o que fazer, não sei o que falar. Só sei que eu gosto de ouvir a sua voz, gosto do seu toque e principalmente gosto de como ele me olha.

Apenas sigo o meu coração e me aproximo, ficando a centímetros do seu rosto. E mesmo não sabendo até onde irei, quero beijá-lo... E é isso que eu faço.

O sabor doce dos seus lábios me faz estremecer. Seguro no seu pescoço, trazendo-o para mais perto e sinto a sua mão na minha cintura. O beijo se transforma em algo mais quente, intenso... Raios iluminam o céu e um vento forte balança as árvores incansavelmente, mas não me preocupo, esqueço de tudo estando em seus braços.

Passo a mão pelo seu peito várias vezes, sentindo cada músculo. A minha vontade é de tirar cada roupa do seu corpo e mesmo sabendo que será um caminho sem volta, é isso que eu faço. Retiro sua blusa e finalmente posso sentir a sua pele sobre a minha mão, sem nenhum tecido para me impedir .

A minha mão sobe e desce devagar, apreciando cada parte do seu corpo. No impulso, me sento no seu colo e o beijo mais uma vez.

Ele segura na minha cintura firmemente, me levando para mais perto.

A minha mão vai e vem, sentindo a maciez dos seus cabelos.

Me perco em seus toques, no calor das suas mãos e principalmente no sabor dos seus lábios.

— Você está me deixando completamente louco. — Ouço a sua voz rouca, mas não respondo. A sua mão entra por debaixo da minha blusa com muita agilidade, e sinto quando ela entra em contato com os meus seios. Solto um pequeno suspiro quando ele passa a mão devagar, massageando levemente e agradeço mentalmente por não ter colocado sutiã hoje.

Me afasto dos seus lábios e respiro com dificuldade.

— Não podemos continuar.

— Eu sei — fala, encostando a sua cabeça na minha. Ficamos assim, apenas ouvindo as nossas respirações.



Já se passaram três dias desde que aquela cena no sofá aconteceu. Nesses dias não consegui ter uma conversa decente com ele, mas apenas hoje de manhã, quando tomamos café juntos.

Não ouço mais as suas ofensas e nenhuma piadinha veio dele nesses dias. Confesso que no começo achei estranho, mas hoje posso ver que Gabriel pode sim ser um cara normal. Só espero que isso continue.

— Esqueci de te avisar, hoje voltarei às 14h, iremos viajar.

Paro de beber o suco e o encaro.

— Para onde?

— Infelizmente, todos os anos, a família da minha mãe se reúne na fazenda da família.

— Família? Estamos falando de quantas pessoas?

— Se todos forem... Umas vinte pessoas.

— A fazenda da sua família deve ser grande — falo admirada.

— Você verá. Lá é bastante agradável, mas não posso falar o mesmo da minha família.

— Obrigada, Gabriel, ajudou bastante — falo com ironia.

Ele sorri para mim.

— Você ficará bem. Nenhum deles seria louco de te maltratar. E vamos ser sinceros, a minha mãe te adora.

— Eu gosto muito da sua mãe.

— Eu sei, dá para perceber. Então, arrume uma mala para pelo menos três dias.

— Ok.

Mesmo gostando de saber que irei viajar com ele, por alguma razão sinto que essa viagem não será uma boa ideia.

Fico trocando mensagens com a Luíza e fico sabendo mais sobre o meu pai. Ele continua na mesma, mas pelo menos não piorou, o que me causa um certo alívio. Converso um pouco com a Isabela, logo depois de receber uma foto da Elisabete usando um vestido com o tema de Harry Potter.

Arrumo uma pequena mala e coloco o que eu acho que irei precisar, mas por precaução coloco umas roupas mais elegantes.

Gabriel chega às 14h em ponto e fico na sala esperando por ele. Quando ele desce o vejo com uma calça jeans preta e uma blusa azul de frio, fina. Os cabelos estão bagunçados e essa é a primeira vez que o vejo mais casual, e tenho que admitir: gostei.

O motorista coloca as malas no carro e entramos. Pego o meu celular e vejo uma foto da Laura com a Elisabete, as duas com roupas de dinossauro, sorrio com essa cena.

— O que é tão engraçado?

Me viro para o Gabriel mostro a foto.

— Essa é a filha da Isabela?

— É sim, ela é tão linda, a cara da mãe.

— As duas se parecem mesmo.

Ele não fala mais nada. Continuo a trocar mensagens com as meninas. Já estamos no carro há uma hora e nada de chegarmos.

— Falta muito?

Ele para de digitar no seu *Notebook* e olha para mim.

— Já estamos perto.

Encosto a cabeça no vidro do carro e fico olhando pela janela. Estamos bem longe da Sicília. Neste lugar tem árvores para todos os lados e lembro da minha cidade e como eu adorava subir em uma mangueira só para pegar várias mangas.

— Ana, chegamos.

Abro os olhos e vejo que estou encostada no ombro do Gabriel.

— Desculpa, nem percebi que tinha dormido — falo me sentando direito.

— Sem problema, vamos.

Nesta hora, observo pela janela e vejo uma casa enorme cercada por árvores. Saímos do carro e respiro fundo, sentindo um leve aroma de rosas. Gabriel segura na minha mão e me viro para ele com um sorriso no rosto.

Passamos por um jardim com várias rosas e entramos na casa. Que tem o estilo mais rústico. Há uma escada de madeira escura bem no meio da sala, e em nenhum momento o Gabriel solta a minha mão.

— Filho!

A mãe do Gabriel vem ao nosso encontro. Ela dá um beijo no rosto do filho e logo em seguida me abraça. Vejo um casal se aproximando.

— Cada dia mais lindo — uma senhora diz, abraçando-o. — Quem é essa ?

— Tia, essa é a minha namorada, Ana.

— Que bom, Gabriel, ela é muito bonita.

Ela fala como se eu não estivesse aqui.

Apenas sorrio para essa gente. Conheço mais dois tios, quatro primas e outras pessoas que, se me perguntarem, não saberei o nome.

— Vamos descansar um pouco, mãe.

— As suas coisas já estão no quarto, mais tarde te chamo.

Nós subimos as escadas, passamos por várias portas, até parar em uma e só neste momento percebo que dormiremos no mesmo quanto.

Tento não demonstrar o que estou sentindo para ele. Quando Gabriel abre a porta, fico impressionada com o lugar.

— Exagerado, não é?

— Impressionante, isso sim. Coloco a minha bolsa em um sofá próximo a janela. O quarto me lembra aqueles dos filmes com castelos. A cama toda branca com creme, um dossel que prende um tecido tão leve que só foi o Gabriel abrir a janela para ele começar a voar, lindo. Não tenho nem palavras para descrever este quarto de tão perfeito que é.

— Teremos que dormir juntos. Poderia dar um jeito de conseguir outro quarto, mas seria estranho, afinal, a minha mãe já sabe que moramos juntos.

— Eu imaginei, está tranquilo, de verdade.

— Você quer tomar um banho? Ou, se você estiver com fome, a cozinha daqui é ótima.

— Tentador, mas vou tomar um banho.

— Vou dar uma volta. Aqui tem um lago incrível.

— Um lago? — Penso nas várias vezes que tomei banho em um.

— Sim.

— Vou com você — falo já indo em direção à porta.

— Você não ia tomar banho?

— Vou ver o lago primeiro.

— OK.

Não falo para ele que irei tomar banho, mas em outro lugar.

Saímos da casa e passamos por várias árvores. Vejo uma mangueira e penso por um momento se subo ou não, deixo para depois.

Depois de uns dez minutos de caminhada, chegamos. Gabriel vai na frente e andamos por uma passarela de madeira que vai até a metade do lago. Ele para já no final e fica observando a paisagem. Eu, por outro lado, já começo a tirar a roupa, ficando só de lingerie rosa.

— Este, com certeza, é o lugar que que mais gosto aqui — fala se virando. Ele fica me encarando com uma surpresa no rosto.

— O que você está fazendo? — diz, sorrindo.

— Tirando a roupa. Não sei você, mas quando vejo um lago incrível como esse eu tenho que entrar — falo retirando o tênis e colocando ao lado da minha roupa. Não espero sua resposta, simplesmente pulo na água gelada.

No começo, sinto muito frio, mas aos poucos vou me acostumando com a temperatura da água. Fico ali sem me preocupar com nada e com ninguém.

— Você vai acabar pegando um resfriado — ele fala, chegando próximo à beirada da passarela e uma ideia louca surge.

— Você está certo — falo, me aproximando. — Me ajuda? — digo, estendendo a mão na sua direção. Ele a pega e, quando vai me levantar, o puxo com tudo. Ele se desequilibra e cai. Sorrio quando ele me olha com raiva.

— Você é louca, Ana? — pergunta, retirando o cabelo do rosto. Dou de ombros.

— Só um pouco — falo sorrindo. Ele vem ao meu encontro e ficamos nos encarando por um tempo. Sinto a sua mão em volta da minha

cintura e logo nossos corpos estão colados. Com a sua respiração próxima ao meu rosto não consigo raciocinar direito.

— Só um pouco? — ele fala próximo a minha boca.

— Só um pouco — respondo baixo, não reconhecendo a minha própria voz. Entrelaço as pernas na sua cintura, não me importando com nada e sinto a sua boca na minha e bem ali, sem ninguém como testemunha, nos beijamos, e por um momento desejo que esse beijo dure para sempre.



CAPÍTULO 23

ANA FERREIRA

Ficamos no lago um bom tempo. Sinto que os seus beijos está acabando comigo. Gosto de ficar com ele, gosto dos seus carinhos e principalmente gosto do sabor dos seus lábios.

— Esfriou bastante — fala passando a mão pelo braço.

Fico um pouco sem graça, afinal, eu quem o puxei para dentro do lago.

— Desculpa — falo vestindo o short jeans. Ele se aproxima e segura na minha mão, me levando para mais perto.

— Valeu a pena sentir um pouco de frio — ele diz, passando a mão pelo meu rosto. Sinto um arrepio gostoso.

— É melhor nós irmos, porque daqui a pouco será você a pegar um resfriado.

Termino de me vestir. Calço os meus tênis e saímos. A todo momento me pego o observando. A sua blusa está colada ao corpo e mesmo tentando me controlar fico pensando nas minhas mãos no seu peito nu.

Suspiro, ao pensar nisso. Chegamos a casa às 17h e não vejo a sua mãe, somente umas senhoras na sala. Elas olham para nós com um olhar de reprovação. Apenas sorrio não me preocupando com a opinião de ninguém.

Subimos as escadas e quando já estamos próximos do quarto, vejo o Nicollas vindo em nossa direção. As minhas mãos tremem, e mesmo não querendo, sinto um pouco de medo quando eu vejo um sorriso no seu rosto.

— Aproveitando, irmãozinho? — ele fala, parando na nossa frente.

— O que importa para você mesmo? — Gabriel responde, o encarando.

O seu olhar vai direto para o meu rosto, respiro fundo tentando me controlar.

— Absolutamente nada — fala, sorrindo para mim. Por alguma razão sinto que seu sorriso tem algo a mais. Penso se falo para o Gabriel, mas me calo. Vou acabar estragando o seu final de semana e o da mãe dele. Decido contar quando estivermos na sua casa.

Entramos no quarto e dou um suspiro.

— Pode ir tomar banho — Gabriel fala olhando para mim.

— Vai você primeiro, afinal, é você que está todo molhado.

Ele se aproxima e fica na minha frente.

— Ou podemos tomar banho juntos — ele fala, chegando próximo ao meu rosto.

— Tentador, mas prefiro tomar banho sozinha.

— Tem certeza? — fala, levantando uma sobrancelha.

Dou um sorriso para ele.

— Tenho.

Ele se vira e vai para o banheiro. Pego o meu celular e vejo se tem alguma mensagem, nada. Escolho uma roupa. Pego um vestido branco com pequenas flores vermelhas, uma lingerie e uma bota cano baixo marrom.

Quando Gabriel sai do banheiro está com apenas uma toalha na sua cintura.

— Aí é tentação demais — falo, olhando para o seu corpo. O meu olhar vai dos pés até o seu cabelo todo molhado, escorrendo água até o seu rosto, que por sinal, está com um sorriso safado para mim.

Balanço a cabeça, inconformada.

— Se arrependeu de não ter entrado para tomar banho comigo?

— Não, estou bem — minto, passando por ele.

— Algo me diz que é mentira. — Ouço a sua voz quando estou fechando a porta do banheiro.

— Virou vidente? — digo, fechado a porta e respirando pesadamente. Está difícil demais me controlar com ele assim. Tomo um banho demorado, lavo os meus cabelos, visto a roupa, pego a minha necessaire e passo apenas uma base e um batom mais escuro, um par de brincos com cristais e pronto. Deixo o meu cabelo solto e quando saio do quarto ele não está mais lá. Coloco o meu celular no bolso do vestido e saio.

Descendo as escadas ouço a voz do Gabriel na sala e a sua mãe está com ele. Nenhum sinal do Nicollas, o que eu acho ótimo. Me aproximo do Gabriel e seguro na sua cintura, ele me observa e se aproxima do meu rosto, me dando um pequeno beijo.

— Vocês dois formam um casal muito bonito — a mãe dele fala com um sorriso no rosto.

— Eu também acho, mãe. Mudando de assunto, onde está a vovó?

— Ela não estava se sentindo bem, então preferiu ficar em casa mesmo.

Eles dois ficam conversando um bom tempo e apenas observo o amor que Gabriel sente pela mãe, é realmente muito bonito. O jantar é servido e me sento ao lado do Gabriel, as outras cadeiras são ocupadas pela família dele. Começo a comer tranquilamente até que sinto a mão do Gabriel na minha perna, tento me afastar, mas isso só faz com que ele

aperte um pouco mais. Fecho as pernas com força e ele olha para mim com um sorriso no rosto, chega perto do meu rosto e fala baixo:

— Vai começar com um joguinho?

— Sinceramente, estou pensando em enfiar este garfo na sua mão. Está louco, Gabriel? A sua família está toda aqui.

O seu sorriso só aumenta.

— Ah, Ana, estou louco, sim. Louco para sentir o sabor da sua boceta na minha boca.

Observo-o com uma expressão de choque e o meu rosto começa a esquentar. Sinto o meu coração acelerado, engulo em seco. Ele continua olhando para mim.

— Me diga, a sua boceta fica vermelha igual ao seu rosto? — Não respondo ainda. Não consigo acreditar que ele me perguntou isso.

— Não precisa responder, tenho certeza de que sim — fala, apertando a minha perna. Bebo um pouco de água para tentar me controlar. Ele retira a mão da minha perna e começa uma conversa com o seu tio.

O jantar todo, sinto o seu olhar queimando em minha direção. A única coisa que eu penso é em como vou conseguir dormir no mesmo lugar que ele sem o agarrar a noite toda.

Ficamos na sala um bom tempo conversando com sua mãe e o seu irmão ficou nos observando com aquele sorriso cínico, que não sai dos seus lábios em momento algum, o ignoro. A sua mãe se retira para poder dormir e ficamos na sala mais um pouco.

— Vamos dormir? — ele pergunta para mim.

— Está cedo, você não acha?

— Estou bastante cansado, Ana, prefiro me retirar, mas, se você quiser pode ficar aqui.

Vejo que o irmão dele continua no outro sofá nos olhando, não quero ficar com ele sozinho.

— Prefiro ir dormir — falo, me levantando. Nos despedimos do restante das pessoas que ainda estão na sala e subimos.

Entramos e Gabriel retira o relógio e logo em seguida o celular e os coloca ao lado da cama e entra no banheiro. Fico um bom tempo observando a cama. Abro as janelas, as cortinas e começam a soprar um vento gelado, fazendo com que os pelos dos meus braços se arrepiem na hora.

Gabriel sai do banheiro apenas com uma calça de moletom cinza. Engulo em seco. Ele fica tão diferente desse jeito. Ele olha para mim.

Entro no banheiro, tentando controlar o meu coração.

— Como conseguirei dormir na mesma cama que ele?

Escovo os meus dentes, retiro as botas e quando vou tirar o vestido percebo que esqueci de pegar a roupa de dormir.

— Droga! — falo baixo.

Abro a porta e vejo o Gabriel próximo a janela. Ele está bebendo alguma coisa. Ele se vira para mim, me olha dos pés à cabeça e sorri.

— Esqueci de pegar a minha roupa de dormir — digo, tentando não me jogar em seus braços. Quando vou abrir a porta do closet, sinto a sua mão na minha cintura. Fecho os olhos tentando me controlar.

— O que você está fazendo?

— Nada — fala e passa a mão pelo meu cabelo, colocando-o de lado. Sinto a sua boca no meu pescoço e a sua mão na minha cintura.

— Para — peço baixo.

— Você quer que eu realmente pare? — ele pergunta tão próximo ao meu ouvido que aperto os dedos do pé no piso de mármore, como se com esse gesto eu pudesse ter certeza de que isso está realmente acontecendo.

Me viro e fico na sua frente. O meu peito sobe e desce rapidamente. Olho diretamente para o seu rosto tentando ver se tem algum tipo de brincadeira, mas não vejo nada. Sei que posso me arrepender do que vou fazer agora, mas prefiro me arrepender do que eu fiz, do que deixei de fazer.

Seguro no seu pescoço e o beijo. O que começou com um beijo calmo se transforma em algo selvagem em questão de segundos. A mão de Gabriel segura firmemente na minha cintura, apertando-a. Me agarro em seu pescoço com força e ele beija minha nuca. Passo a mão pelo seu cabelo e sinto a maciez de cada toque. Jogo o meu pescoço para trás e ele não perde tempo, seus lábios já estão ali.

A sua mão entra por debaixo do meu vestido, ele passa a mão pela a minha bunda e logo em seguida a aperta com força. Solto um suspiro antecipando o que acontecerá em seguida. Passo a mão pelo seu corpo, sentindo cada parte de pele exposta.

Ele segura a barra do meu vestido e o tira, me deixando apenas de lingerie, os pelos do meu corpo se arrepiam. Ele observa cada parte do meu corpo, se aproxima segurando na minha cintura. Seguro no seu rosto, sentindo a sua barba por fazer. A sua mão me aperta em cada parte. Sinto algo tão bom... único.

Andamos sem parar de nós beijar, até que sinto a cama atrás de mim. Ele me coloca ali e fica a centímetros do meu rosto. Sinto a sua respiração irregular próxima ao meu rosto, ele fica assim e apenas me encara por um tempo. Passa o dedo delicadamente no contorno da minha boca e dá um sorriso.

Seguro no seu rosto, trazendo-o para mais perto. Entrelaço as pernas na sua cintura e sinto o seu membro totalmente duro se esfregando em mim.

— Você não faz ideia de como eu me imaginei fazendo exatamente isso com você — fala para logo em seguida retirar o meu sutiã. Os bicos

dos meus seios ficam duros na hora. Sinto a sua boca quente, chupando-os. Levanto as costas para dar mais acesso a ele e sinto um prazer se formando no meio das minhas pernas. Me esfrego nele, tentando ter um pouco de alívio.

A sua mão vai para o meio das minhas pernas e sinto os seus dedos abrindo passagem, solto um suspiro sentindo os seus dedos fazerem movimentos circulares no meu clitóris, quero que ele continue, e é isso que ele faz.

A sua boca vai descendo em direção a minha barriga, dando beijos em cada parte dela e sinto as suas mãos segurarem a minha calcinha e retirando-a logo em seguida, me deixando completamente nua a seus olhos.

Fico com vergonha e ao mesmo tempo quero que ele continue. Não sou a pessoa mais experiente do mundo, ter perdido a virgindade com um garoto que morava perto da minha casa não foi a minha melhor ideia, principalmente quando se perde a virgindade no banco de trás do velho carro do pai dele.

Ele coloca um dedo dentro de mim e começa a movimentá-lo em um vaivém rápido. Seguro no lençol da cama e os meus pés apertam o colchão com força. A sua boca vai direto para o meu clitóris totalmente inchado e ele movimenta a língua devagar, como se quisesse gravar em sua mente o que ele está fazendo.

Começo a sentir o orgasmo vindo. Ele também percebe e intensifica os movimentos com o dedo ao mesmo tempo que a sua língua começa a se movimentar mais rápido. Tento não gritar. Seguro na sua cabeça com força e finalmente sinto o orgasmo vindo.

Respiro com dificuldade... a minha visão ainda está nublada, mas consigo vê-lo retirando a sua calça e pegando algo na sua carteira. Fecho os olhos sentindo a sua mão no meu pescoço, a sua boca na minha e sinto a sua

mão na minha perna, apertando-a. E principalmente sinto o meu coração se acelerando, antecipando o que irá acontecer entre nós.

Dou um pequeno suspiro quando ele coloca a cabeça do seu pau dentro de mim, ele o empurra com força e só neste momento respiro mais devagar.

Ele começa a se movimentar rápido, segurando na minha cintura e a levantando. Ele coloca apenas a cabeça do seu pau na minha entrada e logo em seguida entra rápido, de uma vez. Ele faz isso repetidas vezes e sinto as paredes da minha boceta apertando-o. Mais e mais gemidos saem sem cerimônia entre nós e a todo momento passo a mão pelo seu corpo, sentindo cada músculo, sentindo o suor se formando e principalmente sentindo o seu coração, acelerado como o meu.

Solto um pequeno grito quando o orgasmo vem. Ele ainda me penetra mais algumas vezes antes de gozar.

Sinto o seu corpo sobre o meu e a sua respiração no meu pescoço. Ficamos assim por um tempo, apenas esperando as nossas respirações se regularizarem. Mesmo sem perceber começo a passar a minha mão pelos seus cabelos e o sinto relaxando aos poucos.

— Se continuar fazendo isso acabarei dormindo — sussurra. Sorrio mesmo ele não vendo.

— Pode admitir, você está gostando. — Ele levanta a cabeça e olha para mim.

— Pode ter certeza disso — fala, me dando um beijo na testa. Ele nunca fez isso, acho que nem percebeu. Se levanta, sai de dentro de mim e sinto uma leve ardência. Me sento na cama, ele vai até o banheiro e logo em seguida volta.

— Repetirei a mesma pergunta. Quer tomar banho comigo?

Nem presto muito atenção em suas palavras, ainda estou lembrando da sua bunda quando ele deu as costas para mim.

— Ana? — Balanço a cabeça.

— Ah... desculpa... o que você falou?

— Quer tomar banho comigo?

Penso por um momento. *Quero?*, penso. Sim, eu quero. Sorrio para ele.

Ando completamente nua até ele, que observa cada parte do meu corpo. Tento parecer confiante porque com a sorte que eu tenho é bem capaz de me enrolar em meus próprios pés e acabar caindo antes de chegar ao meu destino. Passo por ele e vou direto para o banheiro. Entro no box e ligo o chuveiro. Ele continua na porta olhando para mim.

— Não vem?

A sua resposta é apenas um sorriso. Ele vem ao meu encontro, segura na minha cintura e me leva para perto.

— Você está me deixando completamente louco — fala, me beijando e seguro no seu pescoço firmemente.

Depois de um banho muito bom, ficamos na cama.

Abro os meus olhos para ver Gabriel passando a mão pelo meu cabelo, lentamente.

Estou deitada no seu peito e a minha mão o abraça pela cintura. Sinto o seu cheiro e acabo sorrindo.

Levanto o olhar e ele continua a me observar. Dou um sorriso para ele e observo pela janela. Vejo que ainda está de noite. A lua ilumina o céu e a cena parece uma pintura.

— Que horas são?

Ele pega o relógio.

— Quatro e quarenta. Por quê?

— Daqui deve dá para ver o nascer do sol — falo e o abraço mais forte.

— Você gostaria de ver o nascer do sol? — Me viro para ele.

— Claro — sorrio.

— Se levanta e se arruma — pede já de pé. Tento não olhar para baixo, porque ele continua pelado.

— Por quê?

— Vou te levar a um lugar.

— Ok — falo, por fim. Visto um vestido, uma sapatilha e um casaco. Gabriel se veste com uma calça jeans escura e uma blusa branca. Saímos do quarto e não tem ninguém acordado. Estou me sentindo muito bem e sorrio para ele, saímos da casa e entramos no carro. Gabriel dirige por uns quinze minutos e paramos em uma parte mais alta, com uma floresta abaixo. Fico completamente admirada. Estamos em um mirante.

Me viro para ele.

— Como conheceu este lugar?

— Gostava de vir aqui para pensar — fala e olha para mim.

Não falo mais nada. Ficamos em silêncio e aos poucos o horizonte vai ganhando mais cor. O sol vai saindo e me pego sorrindo para esta cena perfeita à minha frente. Saímos do carro e nos sentamos no capô. Ficamos assim por um tempo, apenas admirando paisagem. Me levanto e chego próximo da cerca de proteção. Me viro para ele, sorrindo. Neste exato momento ouço um barulho e ele está com o seu celular na mão, me aproximo dele.

— Pode apagar — falo, tentando pegar o celular da sua mão.

— Não. — Sorri.

— Sacanagem, Gabriel, devo estar horrível — falo, desistindo de pegar o celular.

— Te garanto que você está linda.

Entramos no carro, mas antes que ele dê a partida, seguro no seu pescoço e dou um beijo na sua boca. Ele não fala nada, apenas segura a minha cintura. Sento no seu colo e nos beijamos novamente. A sua mão entra por baixo do meu vestido e ouço um barulho, me afasto olhando para ele.

— Você rasgou a minha calcinha? — falo espantada.

— Estava atrapalhando. — Abro a boca para responder, mas sou impedida. Ele me beija, segurando na minha cintura, com a outra mão ele vai até o meio das minhas pernas e sinto os seus dedos fazendo movimentos circulares. Me afasto dos seus lábios para poder respirar melhor, me contorcendo em seus braços. Ele para de me beijar para poder abrir a calça. Dou beijos no seu pescoço e ouço um barulho de algo se rasgando. Continuo a beijá-lo. A sua mão vai entre nós e ele posiciona o seu pau na minha entrada. Segurando no seu pescoço, me sento.

Ouço um suspiro vindo dele.

— Você está completamente molhada — murmura, próximo ao meu ouvido.

Seguro firmemente no seu pescoço. As suas mãos seguram na minha cintura. Ele dita o ritmo. Os vidros do carro estão completamente embaçados e respiro com dificuldade, o sentindo duro dentro de mim.

Uma estocada é mais rápida do que a outra e sinto o orgasmo vindo. Jogo a minha cabeça para trás de tanto prazer, logo em seguida ele também goza. Ficamos assim.

— Adoro ver o seu rosto quando está tendo um orgasmo — ele fala, afastando o meu cabelo para me dar um beijo.

Quando voltamos para a fazenda, já são 8h da manhã. Saio do carro com cautela, afinal estou sem nada por baixo. Sinto a mão de Gabriel na

minha cintura. Antes de entrarmos ouço a sua voz.

— O que você acha de ficarmos no quarto a manhã toda?

Me viro para ele.

— Tenho certeza de que a sua família adoraria.

Entramos. Ele sorri para mim e abre a boca para responder, mas simplesmente fica parado, olhando para frente e o sorriso some do seu rosto. Paro também e quando vou ver o que ele tanto olha, vejo uma moça loira conversando com sua mãe. Ela se vira e nos observa, Gabriel está totalmente tenso ao meu lado.

— O que essa mulher está fazendo aqui? — esbraveja. A sua mão se fecha em punho e o seu rosto fica vermelho.

— Bom te ver também, Gabriel — a moça loira fala, sorrindo para ele.

Ele não responde, apenas sai pela mesma porta que entramos e a bate com força. Alguém se aproxima de mim.

— Esqueci de te falar, cunhadinha. A ex-noiva do Gabriel é nossa prima — o idiota do Nicollas fala, sorrindo para mim.

Fico totalmente perdida, sem saber o que fazer. Sou contra a violência, mas neste momento estou com muita vontade de tirar o sorriso do rosto do Nicollas e principalmente o sorriso da Yasmin, que continua sorrindo para mim.



CAPÍTULO 24

ANA FERREIRA

A mãe do Gabriel vem em minha direção e segura nas minhas mãos.

— Vá atrás dele, por favor, Ana.

— Eu não acho que ele queira companhia.

— O meu filho é cabeça dura, mas tem um bom coração. Sei que ele é difícil, mas também sei que ele não pode ficar sozinho agora.

Fico um pouco incomodada por ele ter saído e me deixado aqui, mas olhando para sua mãe e vendo o sofrimento no seu rosto, não consigo falar não para ela.

— Pode ficar tranquila, vou encontrá-lo — falo, apertando a mão dela.

Antes de fechar a porta ouço a voz da Yasmin.

— Quem é aquela mulher?

— A namorada do Gabriel. — Ouço a voz da minha sogra.

Procuro por ele e nada. Já tem uns vinte minutos que ele se foi e já estou desistindo, mas aí penso no lago e caminho em sua direção.

Quando chego lá, o vejo sentado na passarela de madeira. Já não está mais com os seus tênis e os seus pés balançam em contato com a água.

Me aproximo, sentando ao seu lado. Ele não fala nada, apenas fica encarando a água, como se ela pudesse falar com ele.

Ouçoo um suspiro.

— O que você está fazendo aqui, Ana? — questiona, olhando para mim.

— Você está bem? — Ele me observa por um tempo e aperta a têmpora.

— Por que não estaria? — responde com um sorriso falso no rosto.

Tento ficar calada, mas tem algo que realmente está me incomodando.

— A sua ex é sua prima?

Ele se vira para mim com uma expressão fechada.

— Quem te falou que ela é minha ex? — ele pergunta com um tom de reprovação, reviro os olhos tentando não ser irônica com ele.

— Você já deveria ter percebido que a sua família gosta de falar.

Ele não responde de imediato, fica calado escolhendo as próximas palavras.

— Ela não é filha legítima dos meus tios, ela foi adotada quando tinha cinco anos.

Dou um suspiro.

— Ah... entendi. Juro que não quero me intrometer, mas eu acho que você deveria voltar, a sua mãe está preocupada.

Ele passa a mão pelo cabelo, impaciente.

— Tinha esquecido da minha mãe, foi ela que te pediu para vir aqui?

— Foi — falo, por fim. Por algum motivo não gosto de saber que ele ainda não conseguiu esquecer o que a Yasmin fez.

Ele não fala mais nada, apenas fica calado. Depois de uns dez minutos ele se vira para mim.

— Você não comeu nada, Ana, vá tomar o seu café da manhã.

— Você também não comeu nada — retruco, o encarando.

— Não estou com fome.

— Ótimo, eu também não.

E mais silêncio. Me pego pensando. Ou o Gabriel ainda sente algo por ela, ou está com tanto ódio que não consegue nem ficar no mesmo ambiente que ela, mas qualquer que seja uma das opções, uma coisa é certa, a presença dela o incomoda.

— Me desculpa por ter deixado você sozinha — fala sem me encarar.

— Eu queria tanto estar com o meu celular agora, tinha que ter gravado isso. — Ele se vira para mim, sorrindo.

— Só você para me fazer sorrir agora.

— Independentemente de qualquer coisa, não quero te ver mal, então te pergunto. Você quer ir embora? Levanto uma sobrancelha.

Ele pensa por um tempo.

— Não, não deixarei que aquela mulher estrague o nosso final de semana.

— Deveria ter pensado nisso antes de sair da sala daquele jeito.

Acabei falando alto e ele me observa por um tempo.

— Você tem razão, vamos tomar café? — fala se levantando. Ele segura na minha mão, me ajudando a ficar de pé.

— Me desculpa, falei sem pensar.

— Pena que não liguei o celular, não é mesmo? — Ele usa as minhas palavras contra mim.

Seguimos em direção à casa e mesmo não falando mais nada sei que ele está pensando nela. E por algum motivo sinto algo diferente de tudo que já senti na vida.

Entramos. Não tem ninguém na sala, mas ouvimos vozes na sala de jantar.

— Você quer tomar café agora? — pergunto para ele.

— Acho melhor tomarmos um banho antes. — Ele chega próximo ao meu ouvido. — Ou se esqueceu que está sem calcinha?

— Graças a quem? — provoco, tentando quebrar o gelo um pouco.

— Culpa única e exclusivamente minha.

Subindo as escadas, não encontramos mais ninguém. Entramos no quarto.

— Toma banho comigo? — pede, segurando o meu rosto.

— Você não acha melhor tomar banho sozinho?

— Não, acho melhor tomar banho com você.

Apenas balanço a cabeça. Mas diferente do último banho juntos, ele não tenta me agarrar.

Ele se aproxima, segurando o meu rosto entre as suas mãos.

— Você é linda — declara, me dando um beijo na boca. Um beijo calmo, um beijo sincero. Ficamos no banheiro mais tempo do que o normal. Ele fala tantas vezes que sou linda que realmente acredito nas suas palavras.

Me sento na cama para calçar os tênis. O dia está quente e visto uma camiseta branca, um short jeans e amarro o cabelo todo para cima. Observo Gabriel próximo a janela. O seu cabelo continua bagunçado e, para falar a verdade, gosto desse jeito.

— Pronto — digo, me levantando. Ele vem ao meu encontro, segura na minha mão e saímos. Estou tão confusa do jeito que ele está me tratando. O carinho... tudo está me deixando completamente confusa. Não sei o que

ele está pensando e sinceramente não sei até onde conseguirei aguentar com ele sendo desse jeito.

Descemos as escadas e a sua mão não sai da minha. Ele a aperta de leve. Entramos na sala e tem poucas pessoas lá. A mãe dele está sentada, mas não para de olhar com ódio em direção à Yasmin, que está sentada ao lado do Nicollas.

Nos sentamos, a mãe dele sorri para mim e correspondo. Mesmo não querendo, observo Yasmin mais detalhadamente. Ela é linda e me pego pensando em como eles deviam fazer um casal bonito.

Ouçó a voz do Nicollas.

— E aí, prima, quando tempo ficará com a gente?

— Eu vim para ficar. Tenho muita coisa para resolver aqui — ela fala e não tira os olhos do Gabriel. Vejo a mão dele apertando o copo com mais força do que o normal.

— Que bom. Depois me liga, podemos sair uma noite dessas, o que acha? — Nicollas fala, sorrindo para ela. Reviro os olhos para essa cena.

— Sempre brincando — fala, balançando a cabeça —, mas podemos sair.

Nunca gostei de ficar criticando as pessoas, mas a voz dessa garota me irrita. Continuo comendo, tentando não prestar atenção na conversa deles.

Gabriel não falou nada, apenas ficou lá, comendo com uma cara de raiva.

Quando estamos saindo, ouço a voz dela mais uma vez.

— Gabriel — ela o chama. Ele para de andar e vejo a sua mão em punho, mas se vira para ela.

Como ela vê que ele não vai responder, ela prossegue:

— Gostaria de conversar com você.

Ela fala com ele como se eu não estivesse aqui, respiro fundo.

— Ele está ocupado agora.

Ela olha para mim como se só agora tivesse percebido minha presença. Um sorriso já está no seu rosto.

— É rápido, pode ficar tranquila, ah... desculpa, qual é o seu nome mesmo? — pergunta com deboche.

Dou um sorriso para ela.

— É Ana. E ele está ocupado mesmo. Se é tão importante marque uma hora depois, com a secretária dele.

Ela fica um tempo olhando para mim, Gabriel não fala nada.

— Nunca precisei marcar hora antes para falar com ele. — Agora o seu tom de voz muda.

Dou mais um sorriso.

— Antes, mas agora as coisas mudaram, não é mesmo?

Saímos sem esperar a sua resposta

— Obrigado, Ana.

Me viro para ele.

— Pelo quê?

— Por ter me ajudado lá dentro.

— Você sabe que uma hora ou outra terá de conversar com ela, não é? — Depois que essas palavras saíram queria pegá-las de volta. Não gosto daquela garota perto dele. E essa certeza dói um pouco.

— Evitarei o máximo que eu puder.

— Vou ser sincera, não gostei muito dela — confesso, passando a mão pelo tronco de uma árvore. Pequenas flores amarelas caem, fazendo com que o chão fique todo coberto de flores.

— Está com ciúmes? — pergunta, segurando a minha cintura e me levando para mais perto.

— Por que eu teria ciúmes?

Ele fica um tempo olhando para mim.

— Não sei, responde você.

— Eu sei o que ela fez. — Quando ele ouve essas palavras a sua expressão muda. — Ninguém deveria passar por isso tão perto de se casar, então não, Gabriel, não é ciúmes.

— Preferiria que fosse ciúmes — diz e me dá um beijo no pescoço. Não sei o que o Gabriel quer realmente. O carinho que ele está demonstrando, mesmo com a ex-noiva perto está me deixando confusa. Sem saber mais o que fazer, pergunto o que está me incomodando.

— O que realmente está acontecendo entre nós dois?

Ele para de me beijar e fica me observando. Vejo três linhas se formando em sua testa e ele dá um longo suspiro.

— Sinceramente, não sei. — *O pior é que eu também não sei*, penso. — Não tem como eu te falar o que está acontecendo entre nós, mas vou tentar ser o mais sincero possível, eu gosto da sua companhia, então vamos deixar rolar, o que me diz?

— Posso até deixa rolar, Gabriel, mas eu estou só com você e espero a mesma coisa em relação a isso.

Ele chega próximo e segura o meu rosto. O meu coração já começa a disparar. Observo os seus olhos e me perco, por um momento, no azul deles.

— Não gosto de ficar com várias mulheres, Ana. Sempre foquei no meu trabalho e em conseguir que a minha empresa se torne a melhor, então pode ficar tranquila. É apenas você.

É apenas você.

Essas palavras ficam se repetindo na minha cabeça e, mesmo sem perceber, me pego sorrindo para ele. Quando sinto os seus lábios nos meus

é algo mais doce, e neste momento sei que o que ele fala é verdade.

E bem ali, encostada naquela árvore, sinto meu coração acelerado. Seguro em seu pescoço, trazendo-o para mais perto. Não sei quanto tempo se passa, só sei que os meus lábios estão inchados de tanto que nos beijamos.

— Deveríamos ter ficado a manhã toda no quarto — fala com a sua testa encostada na minha, dou um sorriso.

— Também acho. — Vejo um pequeno sorriso se formando em seus lábios e respiro fundo.

Ele simplesmente segura na minha mão e começa a andar comigo de volta para casa.

Quando entramos, vejo a mãe dele sentada no sofá.

— Gabriel, preciso conversar com você.

Ele continua a andar comigo. Quando estamos no meio das escadas ele fala:

— Depois conversamos, mãe, estou ocupado agora. — Antes de chegarmos ao corredor, ainda consigo ver um sorriso no rosto da sua mãe.

Ele abre a porta e entramos. Sou pressionada contra a parede e sinto que a qualquer momento vou explodir de tanta expectativa.

— Então você também acha? — fala próximo ao meu rosto. Seguro no seu e respondo bem próximo dos seus lábios.

— Com certeza. — E dou um beijo nele.

— Porra! — Sinto a sua mão apertando firmemente na minha cintura. Dou um pequeno suspiro quando ele segura a minha blusa e a retira. Ele me ajuda a retirar o restante da roupa, me deixando completamente nua a seus olhos. Passo a mão no seu peito, seguro no seu pescoço e começo a dar pequenos beijos por cada parte. Ele ainda está de calça jeans, mas é por pouco tempo, logo depois já se encontra sem nada.

As suas mãos vão até a minha perna, me levantando, entrelaço as pernas na sua cintura e o beijo vem logo em seguida.

Os seus lábios vão até o meu pescoço. Seguro em seus cabelos com força, só querendo prolongar este momento.

Ele se esfrega em mim e sinto a cabeça do seu pau.

— Você está muito molhada.

Não respondo, pois sei que é verdade. Estou tão feliz, e quero que essa felicidade dure muito.

Ele me penetra várias e várias vezes. O sinto ir fundo e tento me controlar, mas é impossível. Seguro em seu pescoço para me equilibrar, me movimento em seus braços, o sentindo ir mais fundo e duro. Respiro com dificuldade.

Sinto o seu cheiro, o seu sabor e passo várias vezes a mão pelo seu corpo, sentindo perfeitamente cada músculo abaixo da minha mão.

Quando ele me coloca na cama e fazemos mais sexo, tenho que admitir, sinceramente gosto demais.

Ficamos a manhã toda na cama, como era a nossa intenção. Agora, com ele assim, em cima de mim, seguro mais uma vez no seu cabelo, o acariciando devagar. Ele continua a me penetrar só que agora mais devagar, mais lento, saboreando cada momento.

Depois que terminamos ele me chama para tomar banho, mas recuso. Estou tão cansada que o meu único pensamento é ficar quieta e com isso acabo dormindo tranquilamente.

— Está na hora de acordar. — Sinto uma mão macia na minha cabeça.

— Eu não quero, aqui está tão bom — falo e seguro o travesseiro contra o rosto. Ouço uma risada baixa, mas ignoro. Só quero dormir.

— Ok, então durma mais um pouco, depois eu te acordo.

E assim eu durmo, sentindo cada parte do meu corpo relaxando devagar.

Abro os olhos e não vejo mais Gabriel. Pego o celular e vejo que já são 14h. Me levanto, tomo um banho e visto uma roupa. Não vejo Gabriel na sala. Na verdade, não o vejo em lugar nenhum.

Entro na cozinha e nada.

Onde ele está?

Pego um copo de suco e quando vou beber sinto alguém me observando. Me viro e vejo a Yasmin entrando na cozinha e ficando ao meu lado, a ignoro.

Quando vou sair ouço a sua voz.

— Preciso conversar com você.

Me viro para ela.

— Desculpa, mas não tenho nada para falar com você.

Ela sorri de um jeito diferente.

— Você pode não ter, mas eu tenho. Então acho melhor você me escutar.

Sorrio com deboche para ela.

— Você acha?

— Sim.

Balanço a cabeça, sorrindo. Não falo nada, apenas me viro para sair e sinto a sua mão em volta do meu braço. Respiro fundo e me viro para ela.

— Eu quero que você termine com o Gabriel.

— Você quer?

— Sim. Eu voltei para reconquistá-lo e vou fazer de tudo para que isso aconteça, mas você é um problema, então estou pedindo que se afaste dele.

Mas é muito cara de pau.

— Primeiro, solta o meu braço.

Ela fica me olhando por um tempo, quando ela vê que não estou brincando, ela solta.

— Segundo, não vou me afastar dele, a menos que ele queira — falo segurando no queixo e olhando para cima. — Gosto dele e não vou fazer o que você quer.

— É melhor você se afastar, tenho certeza de que ele voltará comigo.

— Se eu fosse você, não teria essa certeza — falo, sorrindo. — Me fale a verdade, esse é o real motivo para você ter voltado?

— Não te interessa.

— É lógico que me interessa, afinal, foi você que veio até mim, não é mesmo?

Ela não responde.

— O recado está dado.

— Ótimo, o meu também.

Saio dali com uma grande vontade de ter jogado aquele suco na cara daquela mulher.

É cada doida que me aparece, viu? Balanço a cabeça, inconformada.



CAPÍTULO 25

GABRIEL ZÁS

Vejo Ana dormindo tranquilamente e me pego sorrindo para ela. Aproximo minha mão toco seu rosto. Ela se mexe resmungando algo sem sentido, sorrio para esta cena.

Saí do quarto e vou até o quarto da minha mãe.

— Como você está, Gabriel? — fala se aproximando.

— Estou bem, mãe. — Me sento em uma poltrona.

— Tem certeza?

— Tenho. — Dou um suspiro.

— Eu não sabia que a Yasmin tinha voltado. — Balanço a cabeça.

Passo a mão pelo cabelo, irritado.

— Por que aquela mulher voltou?

— Fiz umas ligações e parece que o homem com quem ela estava morando morreu.

Não aguento e acabo soltando uma gargalhada.

— Sério isso? Então é esse o motivo? — Sorrio. — Interessante.

— O que é interessante?

— Já imaginou o motivo que a fez voltar?

— Não, qual seria?

— Qual, mãe? O que realmente importa para ela? Dinheiro, ou seja, eu.

— Ela não teria essa cara de pau.

— Vindo da Yasmin espero qualquer coisa.

— Não se aproxime dela, aquilo é uma cobra. Não a quero perto de você e da Ana.

Só de ouvir o nome dela o meu coração se acelera e a imagem de como ela sorrir inunda a minha mente. Um sorriso já está nos meus lábios.

— Pode ficar tranquila, não deixarei que ela entre na nossas vidas — falo e me levanto. Dou um beijo no rosto da minha mãe.

— Melhor assim, ficarei mais tranquila.

Não respondo. Deixo o quarto da minha mãe e vou direto para o escritório que um dia foi do meu pai. Observo cada canto, e lembranças que eu queria tanto que desaparecessem, voltam com tudo. Aperto as minhas mãos em punhos de puro ódio.

Sinto mãos sendo passadas em volta da minha cintura. Observo as unhas pintadas de vermelho e uma careta já se forma em meu rosto. Acabo lembrando quem adora essa cor. Retiro aquelas mãos de mim. Me viro para ter a certeza de quem é.

Yasmin está parada, olhando diretamente para mim, e o que mais me irrita é aquele sorriso cínico no rosto.

— O que você quer? — Tento controlar o tom de voz.

— Neste momento ? — Se aproxima. — Quero você.

Ela simplesmente me beija. Fico parado olhando para ela. Sinto o seu toque no meu pescoço e os seus lábios nos meus. E neste momento tenho a certeza de uma coisa. A única coisa que sinto por ela é nojo.

Me afasto, mas continuo a observá-la.

Ela tenta se aproximar, mas a minha expressão se fecha completamente, ela percebe e para.

— Tenho tantas coisas para te falar. — Ouço a sua voz e mesmo sem querer lembro de como eu adorava ouvi-la, de como eu precisava vê-la sorrir, mas hoje o meu único pensamento é na mulher que está na minha cama, dormindo tranquilamente, me esperando. Coloco uma mão no bolso e a mesma máscara que usei durante todos esses anos. Caminho devagar, observando a coleção de livros que um dia foi do meu pai e mesmo sabendo da história de cada livro ali presente, sinto o seu olhar queimando em direção as minhas costas, mas ignoro. Me viro para ela, sorrindo.

— O que você realmente quer?

Ela dá mais um passo em minha direção. Levanto uma sobrancelha olhando para ela. A vejo parar imediatamente. Sorrio comigo mesmo.

— Eu sei o que eu fiz, Gabriel, sei que errei com você, me arrependi amargamente. Por isso, se serve de desculpa, me arrependi, mas já estava no avião e sabia que você não me perdoaria. Então segui o meu caminho mesmo sabendo que deixei o grande amor da minha vida para trás.

Ouço as suas palavras e por um momento penso que me importo com o que ela fala, mas não acontece nada, absolutamente nada.

— Vou repetir a minha pergunta, o que você quer?

— Quero que me perdoe, quero o meu amigo de volta e, principalmente, quero ter a chance de conquistar o seu coração. — Quando ela termina de falar vejo lágrimas rolando pelo seu rosto e imagino a ótima atriz que está na minha frente.

Respiro fundo.

— Eu não te perdoo, não quero a sua amizade e o mais importante, o meu coração já tem dona. — Dou um sorriso. — Não a trocaria por nada e por ninguém.

Depois que essas palavras saíram percebo que são a mais pura verdade. Yasmin está com o rosto em choque, mas ignoro.

— Já terminou ou tem mais alguma coisa para falar?

A vejo engolir em seco. Dou um passo em direção à porta, mas ela se coloca na frente. Reviro os olhos, impaciente.

— Você sabe muito bem que aquela garota não é mulher para você — fala, levantando a mão para tocar o meu rosto, mas seguro a sua mão com força.

— A única mulher que não é para mim, estou vendo na minha frente agora mesmo. Não fale da Ana, você não tem moral nenhuma para isso.

Ela continua a me olhar e vejo lágrimas rolando pelo seu rosto, balanço a cabeça, inconformado.

— Eu te amo — murmura. — Me desculpa?

Sorrio sem nem um pouco de graça.

— Você não me ama...

Ela me interrompe, segurando o meu braço.

— Sim, eu te amo e vou fazer te tudo para provar isso a você.

— Você não tem que me provar nada, sei o que você realmente é, uma vadia. — Balanço a cabeça. — Não, você não é uma vadia, você não tem caráter suficiente para isso. Você é apenas uma mulher que prefere dinheiro acima de tudo e de todos. Você não presta — falo bem próximo ao seu rosto. Os seus olhos estão arregalados de tanta surpresa, sorrio para ela.

— Está avisada, não se aproxime de mim e muito menos da Ana. — Retiro a minha mão do seu braço.

Ando em direção à porta e quando vou abrir ouço a sua voz.

— Você está apaixonado por ela. — Não foi uma pergunta, não respondo, apenas saio dali, batendo a porta com força.

Preciso de um pouco de ar e saio de casa. Fico próximo ao lago bastante tempo e, quando vejo que já se passaram duas horas, retorno para casa. Subo as escadas e vou direto para o quarto, mas não vejo a Ana em lugar nenhum. Pego o meu celular para ligar para ela, mas logo desisto quando vejo o seu celular ao lado da cama, carregando.

Procuro por ela e nada. Vejo a minha mãe próximo ao jardim conversando com a minha tia. Me aproximo e quando ela me vê um sorriso já se encontra no seu rosto.

Cumprimento a minha tia e me viro para minha mãe.

— Você viu a Ana?

— Ela estava aqui há uns trinta minutos, mas falou que ia passear um pouco.

— Qual caminho ela seguiu?

— O do pomar.

Me despeço da minha mãe e vou em direção ao pomar. Procuro e nada. Já estava desistindo quando vi um par de tênis ao lado de uma mangueira. Me aproximo quando olho para cima e vejo Ana no galho mais alto comendo tranquilamente uma manga. A cena em si já é bastante estranha, mas piora quando vejo que ela está sem a blusa, somente de shorts jeans e sutiã vermelho. Levanto uma sobrancelha levemente para aquela cena.

— O que você está fazendo aí em cima, Ana? Melhor ainda, cadê a sua blusa?

Ela fica me olhando com uma manga na boca, a retira e dá um lindo sorriso para mim.

A minha expressão se suaviza, balanço a cabeça.

— Respondendo a primeira pergunta, estou pegando mangas e a segunda, não sabia que tinha tantas, então tive que improvisar uma coisa

para colocá-las — ela fala, pegando o que um dia foi uma blusa de seda vermelha, mas agora é uma bolsa improvisada.

Fico um bom tempo sem acreditar no que estou vendo.

— Tem como você descer daí? Ou se esqueceu da última vez que subiu em algo? Acho que a cicatriz na sua barriga é um lembrete constante, você não acha? — falo, apertando uma têmpora.

Ela olha para barriga e dá um sorriso para mim, mas obedece e desce devagar. Quando está no último galho, olha para mim.

— Segura a minhas mangas e não as deixe cair — fala me entregando o que um dia foi uma blusa de seda. A pego e coloco ao lado do tronco da árvore.

Ela me dá um sorriso antes de pular. Anda até mim, segura no meu rosto e me dá um beijo. Seguro em sua cintura firmemente e a aproximo mais de mim. O seu beijo tem sabor de manga, acabo sorrindo em meio aos beijos.

Ela se afasta, olhando para mim.

— Sabia que me encontrei com a sua ex?

Levanto uma sobrancelha, olhando para ela.

— O que ela queria?

— O de sempre, sabe? Queria que eu me afastasse de você, porque ela veio para te reconquistar.

— E o que você respondeu?

Ela sorri para mim.

— Que não vou fazer isso, porque eu gosto de você.

Me aproximo e fico a centímetros dela.

— Gosta?

— Gosto.

Seguro mais uma vez na sua cintura e a beijo mais uma vez, a aperto em meus braços e sinto o meu coração acelerado.

Me afasto, retiro a minha blusa e dou para ela.

Ela entendeu e a veste imediatamente.

Não suportaria ver qualquer outro homem a olhando.

— Você vai acabar me deixando completamente louco.

Ela segura no meu rosto, o acariciando devagar.

— Essa é a ideia.



CAPÍTULO 26

ANA FERREIRA

Andamos de volta para a casa. Observo o peito nu do Gabriel e acabo reparado mais do que o normal. Ele está uma verdadeira delícia só de calça jeans, suspiro olhando para ele.

— O que foi?

— Nada. — Balanço a cabeça e ele sorri para mim.

— Por que o seu rosto está vermelho, então?

Respiro fundo.

— Ok, vou ser sincera, você está uma delícia sem blusa.

Ele me observa por um tempo.

— Para você ver como foi a experiência de te ver só de sutiã em cima daquela árvore.

— A diferença é que você não estava ao meu lado, como eu estou agora.

Ele para e fica na minha frente.

Se controle, Ana, falo para mim mesma, mas não é tão fácil, principalmente com ele assim tão perto.

— O que você quer fazer? — A sua voz sai rouca.

Eu sei o que ele está querendo, esse infeliz está me provocando, respiro fundo e isso faz com que eu sinta o cheiro dele.

— O que eu quero não posso fazer aqui — respondo, levantando uma sobrancelha, olhando para ele.

— Hum... interessante, e onde seria?

Dou um passo para trás para olhar diretamente nos seus olhos quando as palavras saírem da minha boca.

— Não sei o local, mas a imagem em si é você e eu, apenas um de nós dois nu. Ahh... e uma última coisa, acho que os meus joelhos iriam ficar vermelhos depois do que eu faria com você.

Não espero a sua resposta, passo por ele cantarolando feliz da vida com as minhas mangas.

Já estou perto do jardim onde a sua mãe estava mais cedo, observo que não tem ninguém.

Sinto a mão do Gabriel na minha cintura, me virando na sua direção e coloco uma mão em seu peito.

— Você não pode falar uma coisa dessas para mim e depois sair como se não fosse nada.

— Por que não? — provoco.

Ele semicerra os olhos em minha direção e a sua mão acaricia o meu rosto.

— Porque quando eu tirar a sua roupa aqui mesmo, a culpa será única e exclusivamente sua — fala próximo ao meu ouvido. Sinto um arrepio passando por todo o meu corpo.

— Adoraria sentir essa culpa.

— Não me provoque. — Ele me segura mais forte, sinto o seu membro duro e pulsante próximo a minha barriga. Engulo em seco lembrando dele dentro de mim.

— Foi você quem começou — murmuro.

— E estou louco para terminar.

— Oferta tentadora, mas acho que não, porque a sua mãe está bem atrás de nós.

Ele me solta para poder conferir, aproveito e seguro com mais força as minhas mangas. Porque com o que eu estava prestes a fazer elas poderiam cair.

Corro como nunca em direção à porta e dou uma olhada para trás, vendo o Gabriel parado, olhando para mim. Mando um beijo em sua direção e entro na casa.

Vou direto para a cozinha e coloco as minhas mangas em uma vasilha. A minha respiração está irregular. Respiro fundo, tentando me controlar. As lavo e vou andando tranquilamente para a sala.

Pego outra manga e começo a comer. Chegando na sala vejo Gabriel entrando. Ele me vê e sorri, correspondo.

— Tentando fugir?

Ando para mais perto dele.

— Eu? — falo com cinismo. — Claro que não.

Ele abre a boca para responder, mas é impedido. A sua mãe aparece com mais uma senhora. Abaixo a cabeça sorrindo, subo as escadas e a ouço conversando com ele. Entro no quarto, coloco a vasilha em uma mesa e vou ao banheiro.

Tem uma coisa que eu estou louca para fazer. Coloco a banheira para encher, retiro a minha roupa tranquilamente e vou para o banho.

Sinto a água quente relaxando os meus músculos. Me sento e fico observando pela janela aberta. O céu escureceu, acho que irá chover. O vento traz o cheiro de rosas. Fecho os olhos e fico bem quieta, aproveitando o momento.

Sinto mãos em volta dos meus ombros fazendo uma massagem. Abro os olhos e vejo o Gabriel.

— Você não faz ideia de como está perfeita nessa banheira — fala próximo ao meu ouvido.

— Pensei que a sua mãe iria ficar conversando com você. — Sorrio.

— Na verdade, era essa a ideia dela, mas dei um jeito. — Sinto os seus lábios no meu pescoço, dando pequenos beijos, aperto a minha mão em punho dentro da banheira.

— Por que você não entra aqui comigo? — pergunto baixo.

— Tentador — solto um suspiro —, mas surgiu um imprevisto, vou ter que resolver um problema e só voltarei à noite. — Dá um beijo no meu rosto.

— Que pena.

— Não faz essa cara, porque senão daqui a pouco desisto de ir e fico com você aqui até essa água estar completamente fria.

— Não seria uma má ideia.

— Com certeza, não. Mas tenho que ir mesmo, qualquer coisa me ligue.

— Pode ficar tranquilo.

Ele me beija mais uma vez e sai. Fico mais um tempo na banheira e quando a água está fria saio.

O tempo esfriou bastante. Visto uma calça jeans escura e uma blusa grande de moletom e fico na cama. Lá fora está caindo um temporal. O relógio marca 21h. Não desço para o jantar, pois não estou no clima de ficar no mesmo ambiente da Yasmin e do Nicollas.

Acordo assustada. O quarto está todo escuro. Ainda está chovendo. Vejo as horas e já são 3h da manhã.

Me levanto e vou até a cozinha. A casa está silenciosa e ouço apenas o barulho dos meus passos. Abro a geladeira e pego algumas coisas para fazer um sanduíche.

Me sento em uma cadeira e como tranquilamente. Fico tão focada em comer que não vejo quem entrou.

Sinto um arrepio passando por todo meu corpo. Parado, olhando para mim, está Nicollas só de calça. Bebo um pouco do suco e desisto do sanduíche.

— Não vai terminar de comer?

— Perdi a fome. — Coloco o copo na pia e vou em direção à porta.

— Não precisa ir só porque eu cheguei.

Dou um sorriso totalmente sem graça para ele.

— Precisa, sim, não fico no mesmo lugar que você, principalmente sozinha.

Tento passar por ele, mas ele fica na frente impedindo. Respiro fundo.

— Sai da frente.

— E o por favor?

— Por favor, Nicollas, tire esse corpo inútil da minha frente.

Sinto a sua mão em volta do meu braço, ele me encara e faço a mesma coisa.

— Inútil?

— Sim, inútil.

— Quem você pensa que é, garota? Não se esqueça de que é apenas a puta da vez do meu irmão. Está se achando muito. — Sorri. O observo com a maior cara de tédio.

— Acabou ou tem mais alguma coisa para falar?

— Por que não acabamos com isso logo? Quanto está cobrando para transar com ele? Te pago o dobro.

— Não, obrigada. — Tento retirar a sua mão do meu braço. Dou um suspiro. — Se você não me soltar agora eu vou gritar tanto que acordarei todos da casa.

Ele me solta e sai da minha frente, quando vou passar ouço a sua voz:

— Prostituta como você é tenho certeza de que sabe gritar como ninguém.

Me viro para ele.

— Obrigada, mas não se esqueça. Se eu fosse prostituta eu daria para qualquer um, menos para você.

Saio de lá e ouço uns resmungos, mas ignoro. Vou para o quarto e mando uma mensagem para Gabriel perguntando se está tudo bem, mas a mensagem aparece como não enviada.

Fico acordada até às 4h, mas acabo dormindo. Sinto uma mão em meus cabelos e abro os olhos para ver Gabriel deitado na cama só de calça de moletom, olhando para mim, dou um sorriso.

— Que bom que voltou.

— Fiquei mais tempo do que imaginei, desculpa. — Beija a minha testa.

— Mas deu para resolver o problema?

Vejo algo diferente em seu olhar por um momento.

— Deu sim. Como você está?

— Estou bem, só preocupada com você.

— Vou acabar me acostumado, desse jeito.

Não respondo, apenas me deito em seu peito e fico assim, só ouvindo o seu coração.

No outro dia ficamos na cama mais do que o normal. Estou me acostumando a ficar com Gabriel. E, para falar a verdade, estou com medo disso. Cada toque, cada gesto, cada carinho, tudo está me levando para um lugar novo, mas ao mesmo tempo um lugar perigoso, e não sei o que fazer em relação a isso.

— Você vai ficar aqui?

Estou deitada na cama, já sabe oito da noite, a minha cabeça está doendo muito.

— Depois eu desço, a minha cabeça está doendo muito.

Ele se aproxima e se senta ao meu lado.

— Já tomou algum remédio?

— Já, estou esperando fazer efeito, mas pode ir.

— Tem certeza? Posso ficar aqui com você.

Sorrio para ele.

— Tenho, pode ir.

— Ok, então. Estarei com o meu celular, qualquer coisa me ligue.

— Pode ir tranquilo.

Ele se aproxima depositando um beijo na minha testa, logo em seguida ele sai.

A família dele resolve fazer uma pequena recepção no jardim, vou só esperar a minha cabeça ficar melhor, aí poderei aproveitar.

Depois de uns vinte minutos ela vai melhorando. Me levanto, procurando algo para vestir. Escolho um vestido preto com grandes flores vermelhas. Ele é leve e ao mesmo tempo tem um toque de elegância. Faço uma maquiagem mais caprichada, cachos no cabelo todo, deixando-os mais bagunçados e para completar um batom vermelho.

Calço uma sandália alta preta, com pequenas pedras. Ando um pouco no quarto para pegar um pouco de confiança. *Estou melhor, bem*

melhor do que antes, penso.

Fecho a porta do quarto quando estou saindo e seguro na barra do vestido para não arrastar no chão, principalmente na escada. Já na sala solto a barra e passo a mão várias vezes para ter certeza de que está tudo em ordem.

Já no jardim, ouço uma música sendo tocada por umas pessoas que estão em um pequeno palco ao longe, pessoas andam entre as mesas. Ajudei a mãe do Gabriel na organização, à tarde. Para falar a verdade, fiquei a tarde toda com ela. O ar está bem mais fresco, resultado da chuva da noite passada.

Não vejo Gabriel e ando mais um pouco à procura dele. Vejo Yasmin conversando com um casal. Impossível não reparar no vestido vermelho que ela está usando, e o mais importante, com quem ela está conversando. Me aproximo para ter certeza. Ao lado do casal está Gabriel com uma expressão nada boa.

Coloco um sorriso no rosto e vou me aproximando. Ele me vê e aos poucos a sua boca vai se transformando em um sorriso. Correspondo. O seu olhar não observa só a roupa, é como se ele pudesse enxergar a minha alma. Um arrepio percorre o meu corpo inteiro.

Ele sai de perto do casal e da louca da Yasmin para segurar a minha mão e a levar ao lábios, dando um pequeno beijo no dorso da minha mão.

Impressionante! Só de sentir o toque dele na minha pele ela se aquece imediatamente.

— Você está absolutamente linda.

— Que bom que gostou.

— Você não faz ideia de como eu gostei.

— Interessante. Me fale o tanto que gostou?

Ele se aproxima e chega próximo a minha orelha.

— Quando estivermos a sós te mostrarei o tanto que eu realmente gostei.

O calor do seu hálito faz com que eu sinta o arrepio novamente.

— Assim não vale, Gabriel.

— Por quê? — pergunta, sorrindo.

Me aproximo para que só ele escute.

— Com suas palavras você me deixou completamente molhada.

Ele se afasta o suficiente para olhar em meus olhos.

— Você quer me deixar louco?

— Gabriel, é lógico que o quero louco, afinal, adoro uma loucura.

— Me aproximo, ficando a centímetros da sua boca. — Você quer fazer uma loucura comigo? — Dou um beijo na sua boca.



CAPÍTULO 27

ANA FERREIRA

— Não brinque comigo, Ana. As loucuras que eu gostaria de fazer com você estão enumeradas, uma a uma, na minha cabeça.

Me afasto o suficiente para olhar para o seu rosto.

— Me fale, então, qual é o número cinco.

Ele sorri para mim, um sorriso safado, cheio de intenções.

— A número cinco? — pergunta baixo.

— Sim.

— A loucura número cinco é você completamente nua em uma cama sem poder mover as mãos para que eu possa fazer tudo que eu quero com você — sussurra. Aperto uma perna na outra, tentando me controlar.

— Interessante, gostei da ideia.

Ele me aperta em seus braços.

— Vamos sair daqui e podemos ir aonde você quiser.

— Não acho que a sua mãe gostaria.

Ele suspira alto, balançando a cabeça.

— Vamos ficar um pouco e logo depois podemos sair, o que você acha?

— Acho ótimo. Mas que tal se você me tirasse para dançar agora?

— Uma oportunidade de ficar colado no seu corpo, não perderia por nada.

Ele segura na minha cintura e andamos até que chegar à pista de dança. Ele segura na minha cintura firmemente. Levo os meus braços até o seu pescoço, passando delicadamente o meu dedo na sua nuca, em movimento circulares.

O som da melodia entra pelos meus ouvidos, me levando a um mundo onde só tem eu e ele aqui. Sinto a sua mão em volta da minha cintura. O seu olhar que não deixa o meu em nenhum momento. O meu coração se acelera tanto que por um momento não sei de mais nada, só sei que quero isso, quero ficar assim com ele.

— Estou gostando de ficar com você.

Ele fala próximo ao meu ouvido e sinto algo tão bom, algo que pensei que nunca sentiria. Me afasto o suficiente para encará-lo.

— Eu também — digo com sinceridade.

Ele sorri para mim. Aproximo a minha mão do seu rosto, sentindo a sua pele, chego com a minha boca perto da dele. O beijo é calmo e lento, banhado apenas pela música ao nosso redor.

Somos interrompidos e sinto uma mão em meu ombro, me obrigando a parar.

Vejo Yasmin ao meu lado, com um sorriso cínico em seu rosto. Reviro os olhos, impaciente.

— Você se importa se eu dançar a próxima música com ele? — pergunta com um sorriso contido no rosto, retribuo do meu jeito.

— Me importo, sim.

— É só uma dança. — *É muito cara de pau*, penso.

Sabe, a paciência com essa garota já acabou. Respiro fundo.

— Escuta aqui — falo e olho diretamente em seus olhos. — Vamos deixar as coisas bem claras, já que você gosta de se fazer de sonsa. Eu não vou deixar você dançar com ele, sabe por quê? — Ela abre a boca para responder, mas não deixo. — Porque você é uma galinha, então vá procurar outro e nos deixe em paz, fazendo o favor. Essa sua cara de lerda não engana ninguém.

Não espero a sua resposta, seguro na mão do Gabriel e saímos dali. Pego uma taça de champanhe e a viro em um único gole.

Sinto a sua mão em volta da minha cintura.

— Sabe que não dançaria com ela em hipótese alguma, não é?

— Imaginei, mas a cara de lerda dela já estava me enchendo o saco.

Ele segura o meu rosto, o levantando para que eu olhe diretamente em seus olhos.

— Por que está tão nervosa?

— Ela me irrita.

Ele sorri.

— Por que está sorrindo?

— Nada, só gosto de olhar para a sua carinha de ódio, impressionante que até assim você consegue ser linda.

— Sou linda, é?

— Sim, você é linda. — Ele me beija e seguro no seu pescoço, aproximando-o mais do meu corpo.

Ficamos conversando com a sua mãe um bom tempo e a sensação de ter alguém me observando não sai da minha cabeça. Algo me diz que é Yasmin. Aproveito a festa ao lado do Gabriel e não me importo com mais nada.

Sinto a sua mão se entrelaçando na minha e me viro para ele.

— O que você está fazendo?

Ele não me responde, apenas sai andando, então o sigo. Já na sala da casa ele para e olha diretamente nos meus olhos.

— Irei te mostrar um pouco das loucuras que quero fazer com você.

Ele continua a andar em direção à escada.

— Você é louco.

— Pode ficar tranquila, te mostrarei o quanto.

Subimos as escadas em silêncio. Seguro com força a barra do vestido para que eu não caia.

Entramos no quarto, fico parada observando ele trancar a porta e ele olha para mim. Observo a sua mão retirando a gravata tão lentamente que a cena parece em câmera lenta.

Engulo em seco. Ele retira o blazer e desabotoa os botões da sua blusa social. O meu coração se acelera quando ele já está na minha frente.

Ele sorri para mim. As minhas mãos estão trêmulas. Respiro fundo, tentando não agarrá-lo. Mas diferente de tudo que pensei, ele se abaixa na minha frente, segura no meu tornozelo e retira as minhas sandálias, uma de cada vez. Ele passa as pontas dos dedos delicadamente em minha perna e vai subindo, são tantas sensações que não consigo descrever.

Ele se levanta olhando para mim.

— Você não imagina a vontade que eu estava de ficar sozinho com você.

A sua voz é tão rouca que em poucos segundos não consigo mais me segurar.

Mando a calma ir para o inferno, seguro no seu pescoço e o beijo, sinto os seus lábios contra os meus em uma batalha intensa. Passo minhas mãos pelo seu peito, sentindo a maciez da sua pele, beijo o seu pescoço, saboreando cada momento. Ele retira a calça junto com a cueca e sinto as suas mãos abaixando o zíper do meu vestido. Em poucos segundos ele já se

encontra no chão. Dou um passo para frente e as suas mãos apertam os meus seios com força. Acabo soltando um suspiro. Beijo próximo a sua orelha e me aproximo para sussurrar:

— Acho que está na hora dos meus joelhos ficarem vermelhos.

Não espero a sua resposta. Continuo a dar pequenos beijos no seu peito e me abaixo, ficando de joelhos à sua frente.

Seguro no seu pau, sentindo-o duro na minha mão. Levanto o olhar para ver Gabriel me observando atentamente. O vejo engolir em seco quando coloco a minha boca em volta de seu membro, sentindo o seu gosto levemente salgado.

— Merda!

O ouço sussurrar, mas ignoro, estou muito ocupada agora.

Tento colocá-lo todo na minha boca, mas não consigo. Faço movimentos de vaivém, saboreando cada suspiro saindo da boca do Gabriel. Passo a língua devagar, sentindo cada centímetro dele. Continuo a minha exploração e sem demora o sinto crescer. Sei que a qualquer momento ele irá gozar. Acho que estou fazendo certo, tento ao máximo não deixar os dentes encostarem nele.

Quando penso que ele irá gozar sou impedida de continuar. Ele se afasta, segura as minhas mãos e me coloca de pé. O observo.

— Fiz alguma coisa errada?

— Se você continuasse iria acabar gozando.

— Mas não era essa a intenção?

— Não quero gozar agora, só depois de fazer o que eu quero com você.

Ele não me deixa responder, o sinto esmagando os seus lábios nos meus, seguro no seu pescoço com força.

Ele me coloca na cama, a sua boca já se encontra sugando e mordendo levemente o meu seio. Seguro o lençol com força e a sua mão começa uma massagem no meio das minhas pernas, respiro com dificuldade.

O orgasmo vem com tudo, me deixando com a visão nublada por um momento.

— Me responda uma coisa, Ana?

— O quê? — Passo a mão pelo seu rosto.

— Você toma anticoncepcional?

— Sim — falo devagar.

— Eu gostaria muito de transar com você sem nada entre nós.

Fico um pouco em silêncio.

— Te garanto, não tenho nada, faço exames regularmente.

Sei que é errado, posso estar enganada em confiar nele, mas eu confio.

— Eu também gostaria. — Entrelaço as minhas pernas em volta da sua cintura. Ele sorri para mim antes de me beijar mais uma vez.

Sinto a cabeça do seu pau entrando devagar, ele beija o meu pescoço ao mesmo tempo em que começa a me penetrar. Gabriel vai intensificando as estocadas cada vez mais. Sinto ele ir fundo e cada estocada é mais rápida que a outra. Não quero que ele pare, quero que continue, e é isso que ele faz.

Sinto o suor do seu corpo em contato com o meu. O vento frio que passa pela janela faz com que os pelos do meu corpo se arrepiem. Estou deitada ao lado do Gabriel e não falamos nada. Apenas ficamos assim, só olhando um para o outro. Já são 4h da manhã e me pego observando os seus olhos, tão azuis como o céu em um dia sem nuvem, e acabo sorrindo.

— O que é engraçado? — ele pergunta e passa a mão pelo meu cabelo.

— Você é muito bonito.

— Não tanto quanto você.

Fico deitada no seu peito por um bom tempo e nem percebo que dormi.



CAPÍTULO 28

ANA FERREIRA

Um mês depois...

A convivência com o Gabriel está cada dia melhor. As vezes acho que estou vivendo um sonho e confesso que estou gostando muito.

Quando atendo a ligação da Luíza me falando que finalmente o meu pai irá fazer o transplante, quase que morro do coração. Fico ligando para ela de meia em meia hora de tão nervosa que estou.

Já são 16h e nada, ando de um lado para o outro impaciente.

— Que tudo corra bem, por favor — falo para mim mesma.

O meu celular toca.

— E aí, Lu. O que aconteceu?

O meu coração se acelera. Aperto a mão em punho de novo, sentindo as unhas machucarem.

— Primeiro, calma, Ana. Pode ficar tranquila, o médico acabou de me falar que correu tudo bem.

Dou um grito de felicidade.

— Ai, meu Deus, que bom. — Tento me controlar. — E você já o viu?

— Ainda não. Eles vão levá-lo para a UTI daqui a uma hora, mas pode se acalmar, deu tudo certo.

— Estou tão feliz. — Lágrimas saem sem cerimônia. Limpo o meu rosto e sinto o meu coração se acalmando. — Obrigada, Lu, por tudo. Obrigada mesmo.

— Você sabe que não precisa me agradecer.

— Mesmo assim, obrigada.

Fico andando pela casa, impaciente, mesmo sabendo que o meu pai está bem não consigo ficar sentada.

Passo por uma porta e percebo que nunca tinha entrado aqui. A abro e vejo que é o escritório do Gabriel. Observo várias estantes cheias de livros e uma janela que dá vista para o jardim.

Me sento no sofá e fico assim, só observando, mexendo no celular e percebo que não faço uma coisa que eu sempre fazia quando estava feliz, dançar.

Então procuro uma música e finalmente a encontro. A coloco e deixo a melodia me levar. Os meus pés se movimentam calmamente e sinto os meus cabelos balançarem conforme me movimento.

Fecho os meus olhos e apenas danço.

Sinto uma mão na minha cintura, me levando para perto. Não preciso abrir os olhos para saber que é Gabriel. Seguro no seu pescoço e encosto a minha cabeça em seu ombro, meu coração acelera. E neste momento, entre danças e livros, percebo que estou completamente e incondicionalmente apaixonada por ele.



CAPÍTULO 29

ANA FERREIRA

Vinte dias depois...

— Pai, é tão bom ouvir a sua voz. — Me seguro para não chorar.

— Digo a mesma coisa, filha.

— Como você está?

— Estou bem, não sei nem como te agradecer por tudo. — Ouço um suspiro dele.

— Pai, você é tudo para mim, faria o que fosse possível para te ver bem.

— Você virá me visitar?

— Por enquanto não vai dar, mas vou fazer de tudo para ir o mais rápido possível.

— Ok, minha filha, eu entendo, é só a saudade mesmo.

— Eu também estou com tanta saudade que chega a doer.

— Logo vamos nos ver, eu sinto isso.

Ficamos conversando por um longo tempo. Luíza me disse que está tudo bem e que ele está se recuperando, e logo poderia voltar para casa.

Já se passaram dois meses e eu e Gabriel não conversamos como as coisas vão ficar. Não quero o restante do dinheiro, quero apenas ele. Me surpreendo em como estou apaixonada. Agora que sei que o meu pai está bem, está na hora de falar toda a verdade para ele, não quero mais segredos e vamos ver o que o futuro reserva para nós.

Me sento no sofá. Hoje não almocei com o Gabriel devido a algum problema que ele está resolvendo. Ele não disse qual, mas sinto que seja algo sério. Desde aquele dia na fazenda da sua família ele anda um pouco distraído, sempre pensando em algo. Não perguntei o que era. Se alguma hora ele decidir me contar estarei esperando.

Alguém abre a porta. Estranho, quase não vem ninguém aqui a não ser a mãe do Gabriel. Sorrio pensando que seja ela, mas o sorriso morre quando vejo que é o Nicollas.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, me levantando.

— Bom te ver também, Ana — ele fala e se aproxima.

— Preciso falar com você.

— Não temos nada para falar um com o outro.

Ele suspira e olha para mim.

— Eu entendo perfeitamente o seu ódio por mim.

— Que bom, não é mesmo?

— Vim aqui hoje para te pedir desculpas.

Levanto uma sobrancelha, olhando para ele.

— O quê?

— Desculpa por ter sido um idiota, por ter te ofendido diversas vezes. Eu sei o que eu fiz para você naquele banheiro, e sei que você tem todo o direito de não me perdoar. Mas eu preciso tentar.

— Por que isso tudo agora?

— Quero mudar. Fazer as coisas diferentes e gostaria que essa mudança começasse com o meu pedido de desculpas para você.

— Desculpa, Nicollas, mas não estou pronta para te perdoar ainda.

— Eu imaginei. Mesmo assim tinha que tentar. Só de ter pedido desculpa para você já me sinto melhor.

— Que bom que está querendo mudar, a sua mãe merece isso, ela é uma pessoa maravilhosa.

Ele balança a cabeça, concordando comigo.

— Tenho que ir agora, conheço o meu irmão e já está quase na hora dele chegar. Não quero confusão com ele.

Ele se vira para sair, mas volta.

— Posso só beber um copo de água primeiro?

— Claro, eu pego para você.

Vou em direção à cozinha, pego um copo de vidro e abro a geladeira para pegar a água.

Sinto a mão do Nicollas apertando um pano no meu rosto. Chuto, arranho com toda a minha força, mas parece não adiantar. Cada vez que eu respiro fundo sinto um cheiro muito forte. O meu corpo fica mole e a minha garganta arde cada vez mais. Tento gritar, mas não consigo. Os meus olhos vão se fechando devagar e ouço o barulho do copo se quebrando como a minha alma neste momento. Antes de desmaiar ouço a sua voz bem perto do meu ouvido:

— Te mostrarei o tanto que sou inútil.

A escuridão me domina e não sinto mais nada.



Ouçõ uma voz ao longe. A minha garganta está doendo muito. Aos poucos vou me lembrando do que aconteceu e um desespero toma conta de mim. Abro os olhos e vejo uma movimentação. Estou em uma cama e minhas mãos tremem sem parar. Estou apenas de calça e sem a blusa.

Quando a ficha cai entro em desespero. Desgraçado do Nicollas!

Vejo Gabriel dando vários socos no rosto dele. Nicollas tenta se defender, mas é inútil. Fico de pé e o meu único pensamento é em matar aquele infeliz.

— Pode me bater a vontade irmão, só queria conversar com você, mas não imagina a surpresa que tive quando a prostituta da sua namorada se jogou em mim, já tirando a roupa.

Neste momento ele para os socos e olha para mim. O meu corpo todo treme. O seu olhar é de puro ódio.

— Não tenho culpa se você não tem sorte com as mulheres.

Ele dá mais socos. O rosto do Nicollas está horrível. Sangue sai sem parar do nariz, a boca está cortada e o olho já começa a ficar inchado.

— Mentira.

Consigo falar. A minha garganta está doendo muito, respiro fundo, tentando controlar as lágrimas que saem.

— É mentira dele.

Gabriel para de bater no irmão e se vira para mim. Se levanta e fica no meio do quarto. O irmão dele aproveita e se levanta. Então percebo que ele está apenas de cueca. Choque! Essa é a única palavra que vem em minha mente. Ele armou tudo para parecer que eu estava traindo o Gabriel, lágrimas saem mais e mais.

— Suma daqui, Nicollas. AGORA! — ele grita e neste momento me encolho. Posso tentar explicar, posso sim, mas como? Principalmente diante da cena.

O infeliz sai cambaleando em direção à porta, pega as roupas e sai.

Tento me aproximar do Gabriel, mas ele faz com que eu pare com apenas um gesto de mão. O meu coração bate com tanta força que imagino que a qualquer momento vou desmaiar.

— Não é o que parece — falo baixo.

Ele ri sem humor nenhum.

— Sêrio que vai começar com essa frase clichê? — Balança a cabeça.

— Gabriel, acredita em mim, por favor. Foi tudo uma armação do Nicollas, ele me dro...

— CALA A BOCA! — ele grita tão alto que faz com que eu feche os meus olhos de medo.

— Para de gritar.

— Você tem sorte que só estou apenas gritando, a minha vontade é pegar você pelo pescoço.

Ele anda de um lado para o outro, como um animal aprisionado, tento respirar mais devagar, controlando o ar que sai.

— Eu sou um burro mesmo, como pude cair nesse joguinho novamente? — Ele passa a mão diversas vezes pelo cabelo. — Como você pôde fazer isso na minha própria casa. — Ele segura o meu braço com força.

— Eu não fiz nada, entenda, o Nicollas chegou aqui me pedindo desculpas, quando fui pegar um copo de água para ele, senti um pano no meu rosto, depois disso eu acordei aqui — desabafo tudo de uma vez.

— Você acha que sou tão idiota assim, Ana?

Tento levar a minha mão em seu rosto. Vejo que seus olhos estão brilhando de ódio, mas sou impedida quando ele me segura com força.

— Não toque em mim, o seu toque só me traz mais raiva e nojo.

— Nojo? — falo baixo, não reconhecendo a minha própria voz. —
Você está com nojo de mim?

— O que você queria que eu sentisse? Amor? Não, o que eu sinto por você é raiva. Como fui me enganar de novo? Deveria ter seguido o meu instinto desde o começo. Você é como uma mercadoria que se compra pelo maior valor. Me fale, quanto que o meu irmão te pagou para transar com ele?

Cada palavra dita é uma faca enfiando no meu coração.

— Você não tem o direito de falar assim comigo. Você não vê o que aconteceu? O seu irmão me drogou! Aquele infeliz desgraçado me trouxe para cá e tirou a minha roupa. VOCÊ NÃO CONSEGUE VER! O ÚNICO MOTIVO É QUE VOCÊ JÁ FOI DESTRUÍDO POR UMA MULHER, ENTÃO NÃO CONSEGUE VER A VERDADE QUE ESTÁ BEM NA SUA FRENTE — grito tanto que a minha garganta implora que eu pare, respiro fundo, tentando me controlar.

— Você consegue ser pior do que ela. Ela pode ser uma vagabunda, mas você é pior.

Bato com toda a minha força no rosto dele e sinto a minha mão doer. Observo a mão do Gabriel se fechando em punho. Sua mão está manchada de sangue e engulo em seco.

— Foi tudo pelo dinheiro? — ele pergunta baixo.

Sorrio sem humor nenhum para ele.

— Eu precisava do dinheiro, Gabriel. Por isso aceitei a sua proposta. Já isso que aconteceu aqui foi uma armação. Você pensa mesmo que eu faria sexo com o seu irmão, na sua própria casa, há poucos minutos de você chegar? O meu arrependimento é não ter te contado o que ele já tinha feito. Se não fosse pela Laura...

Ele não deixa que eu termine a frase.

— O que a Laura tem a ver com isso tudo?

— Ela me ajudou quando o seu irmão me assediou naquela festa.

Ele chega próximo ao meu rosto.

— Se já tinha acontecido isso antes, por que não me contou? Você não acha muito conveniente só agora você falar isso?

Fico calada, porque nisso ele está certo.

— Quer saber, Ana. Vai embora da minha casa. Não quero mais te ver. Pegue as suas coisas e saia daqui, mas pode ficar tranquila.

Ele retira um cheque da sua carteira e o joga na minha cara. Não acredito no que ele fez. Estou em choque.

— Afinal, não é isso que você gosta? Dinheiro? Então fique com ele e suma da minha frente. AGORA!

Ele sai pela porta, batendo-a com força. As minhas mãos tremem. Me sento na beirada da cama e tento me controlar. Observo o cheque no chão, o pego e coloco na mesinha ao lado da cama. Me levanto e as minhas pernas ainda estão bambas. Pego a mala que tinha trazido para cá e coloco todas as roupas que eu trouxe.

Pego a minha bolsa e saio do quarto. No corredor ouço barulho de várias coisas se quebrando, fecho os olhos por um momento, respiro fundo e saio da casa. O segurança me pergunta se eu quero que ele me leve para algum lugar, mas nego. Ando um pouco até que consigo um táxi.

— Para onde, senhora?

— Para o centro.

Fecho os olhos e tento entender tudo que aconteceu. Preciso de ajuda. A única pessoa que vem à minha mente é a Laura. Então ligo para ela.



CAPÍTULO 30

ANA FERREIRA

Abaixo o olhar tentando controlar as lágrimas que se formam nos meus olhos.

Já tem uma hora que cheguei no apartamento da Laura.

Agora estamos aqui, a Isabela ao meu lado no sofá, e a Laura no sofá à minha frente. Ela fecha as mãos rente ao corpo, em punho.

— Me fale o endereço do Nicollas.

— Para quê?

— Vou terminar de bater naquele infeliz desgraçado, mas pode ficar tranquila, vou dar uma passada na casa do burro do Gabriel primeiro.

— A cena de ver ele apanhando é tentadora, mas acho que temos que ver o que vamos fazer primeiro — Isabela fala e olha para mim. — O que você quer fazer?

— Sinceramente eu não sei. Não estou acreditando no que aconteceu. — Limpo o meu rosto, neste momento percebo que já estou chorando. — Acho que a única coisa que eu quero agora é ir embora e abraçar o meu pai.

— Eu te entendo. — Isabela fala e logo se aproxima para me abraçar.

Ouço a Laura suspirar.

— Tá bom, vou deixar para espancar o Nicollas depois.

— Ana, se você não se importa vou ter que conversar com o Nicolai.

— Por quê?

— Precisamos de ajuda e tenho certeza de que ele vai ajudar.

— Mesmo sabendo que fiz tudo isso para ajudar o meu pai, no fundo tenho vergonha.

— Quem poderia te julgar, Ana, ou se esqueceu que eu “pegava” dinheiro e dava para outras pessoas? — Ela faz aspás com as mãos.

Acabo dando um sorriso para a cara que a Laura faz.

— Se você quer ir para o Brasil para ver o seu pai você vai.

A Laura balança a cabeça, concordando com Isabela. Depois que conversamos tomo um banho bem demorado. Só de imaginar que aquele desgraçado do Nicollas colocou aquelas mãos imundas em mim já sinto todo o meu corpo se arrepiar de nojo.

Nojo, assim que essa palavra vem à minha mente, lembro do Gabriel e de tudo que aconteceu. *Não toque em mim, o seu toque só me traz mais raiva e nojo.*

Por que me apaixonei por ele? Mas o pior de tudo isso é que ainda estou preocupada com ele. Fico um tempo na cama, no quarto da Laura e mesmo tentando dormir um pouco não consigo.

Isabela entra e se senta na cama.

— Conversei com o Nicolai. Ele vai nos ajudar. — Me sento na cama para ouvir melhor. — Quero que saiba de uma coisa, Ana, não fique assim, eu sei que tudo foi horrível e o que você quer é ficar com o seu pai. Aproveita essa viagem e esfria a cabeça. Use-a para decidir o que é melhor para você e saiba que sempre vou estar aqui para o que for.

Meus olhos se enchem de lágrimas novamente.

— Obrigada, Isabela, obrigada mesmo.

— Somos amigas, Ana, e nesse grupo de amizade fazemos tudo para ajudar uma à outra. Tenho que te falar mais uma coisa.

Levanto a sobrancelha levemente, olhando para ela.

— Eu entrei no sistema do hospital em que o seu pai está, ainda tem um valor para ser pago.

— É, eu sei. Ia dar um jeito nisso depois.

— Não precisa, já resolvi isso e também acrescentei uma quantia na sua conta — fala como se não fosse nada.

— Não precisa, Isabela. Vocês já estão fazendo tantas coisas. Eu não posso aceitar.

— Você vai aceitar, sim. A minha vida toda sempre fiz de tudo para ajudar as pessoas e você acha que não ajudaria uma amiga? Uma pessoa que não me conhecia, mas se dispôs a me ajudar no momento em que mais precisei. A minha filha está comigo hoje graças a você, Ana. Serei eternamente grata por isso. Então, por favor, aceite. É de coração.

— Obrigada — murmuro.

Ela me abraça e ficamos assim por um tempo.



Estou no aeroporto esperando. Todos estão aqui comigo. Isabela, Nicolai e a Laura, mais aquele homem que eu encontrei na casa da Isabela conversando com o Paollo.

Me despeço deles.

— Obrigada, senhor Nicolai.

— Não precisa me chamar de senhor, Ana — ele diz e dá um sorriso contido para mim.

— Desculpa, sempre me esqueço. — Ele balança a cabeça.

— Vamos.

Me viro para ver de quem é a voz. Levanto uma sobrancelha olhando para o homem ao meu lado.

— Já deve ter se esquecido do meu nome — ele fala para logo em seguida dar um pequeno beijo na minha mão.

— Elai, ao seu dispor, vou com você — fala como se não fosse nada.

— O quê? — Me viro para a Isabela à procura de alguma resposta.

Ela e a Laura estão tão surpresas quanto eu. Então nós três olhamos para o Nicolai.

— Ele vai com você por uma medida de segurança. Desculpa, Ana. Conheço o Gabriel o suficiente para saber que logo ele vai se arrepender de tudo que fez, e se ele descobrir que não mandei ninguém para te proteger, ele provavelmente tentará me matar.

— Não precisa. — Sei me cuidar.

— Pode ficar tranquila, tem muito tempo que não vou para o Brasil, algo me diz que será muito bom. — Elai sorri para mim.

Respiro fundo.

— Ok. — Desisto de insistir.

Ele vai conversar com o Nicolai, então abraço Isabela e Laura.

— Nós vamos te mandar tantas mensagens que você vai até dar graças a Deus por não estar aqui.

— Duvido muito que um dia enjoarei de vocês. — Me despeço delas.

No avião, Elai se senta ao meu lado. Fico olhando pela janela sentindo o meu coração se apertando aos poucos.

O voo não é deprimente como eu imaginei. Elai é muito engraçado, galanteador até demais. Quando saímos ele já tinha o número de telefone de todas as aeromoças. Reviro os olhos para o sorriso safado que ele dá para cada mulher que passa por nós, pelo menos a companhia dele me distrai um pouco.

Estamos indo pegar a nossa bagagem quando ouço a sua voz.

— Estou me arrependendo de não ter vindo para o Brasil mais vezes.

Ele fala para mim, mas os seus olhos não saem de uma moça de shorts jeans que está na nossa frente.

— Tem como você se controlar?

— Minha linda, Aninha. — reviro os olhos para o apelido que ele coloca em mim. — Como vou me controlar com tanta mulher bonita?

— Tarado.

— Tarado não, apenas apreciador da beleza feminina. Vocês mulheres são a definição de perfeição.

Reviro os olhos mais uma vez para ele. *Mas é um safado mesmo.* Ficamos mais ou menos uma hora e meia em São Paulo até dar a hora de pegar o avião para Belo Horizonte. Só de imaginar ver o meu pai fico tão feliz.

Mais uma vez no avião. Vejo a maioria das mulheres olhando para Elai, mas, para ser sincera, ele é muito bonito e muito engraçado. Nesse tempo que estou com ele sempre me pergunta as coisas como se quisesse que eu não ficasse pensando demais e no fim agradeço por isso.

— Nossa! Aqui é quente — ele reclama e tira a jaqueta preta que está usando. Quando ele faz isso vejo aquela plaquinha que as pessoas do

exército usam no pescoço.

— Você já foi do exército?

Vejo algo diferente nos seus olhos por um momento, mas logo um sorriso já se encontra em seu rosto.

— Já.

— Interessante, você não me parece um soldado — comento e pego a minha mala. Ele faz o mesmo.

— Prazer, ex-tenente do exército dos Estados Unidos. — Sorri. Quando vou responder ouço alguém gritando o meu nome. Neste momento o meu coração acelera ainda mais, deixo a mala no chão e corro igual a uma doida em direção à Luíza, que também corre em minha direção. Quando sinto os braços dela, mesmo não querendo, começo a chorar.

— Lu, que bom te ver. — Limpo o meu rosto.

— Estava com tanta saudade de você.

Ela me abraça mais forte. Ficamos assim, sem nos preocupar com os olhares que as pessoas dão em nossa direção.

— E quem é essa?

Me solto da Luíza para ver Elai ao nosso lado, observando a cena.

Luíza olha para ele, levantando uma sobrancelha, chega próximo ao meu ouvido e pergunta:

— Quem é esse?

Antes que eu o apresente, ele segura na mão dela pronto para dar-lhe um beijo.

— Meu nome é Elai, criança.

Luíza puxa a mão antes que ele dê o beijo, cruza os braços e o olha do mesmo jeito de quando éramos crianças.

— Quem é a criança aqui?

Ele levanta uma sobrancelha olhando para ela.

— Você, quem mais? — E dá um sorriso. Vejo que a minha amiga abre a boca para responder, mas eu impeço, segurando no seu braço para podermos conversar.

— Quem é esse cara?

— É uma longa história, mas vou te contar tudo. Mas ele vai ficar, digamos assim, perto.

— Perto? — pergunta.

— Sim, perto.

— Tá bom, pode ir falando, senhorita Ana Ferreira, quem é esse cara?

— Ok, vou te contar tudo, mas primeiro vou apresentar vocês direito.

— Ele me chamou de criança — fala magoada. Sorrio para ela.

— Quem manda ter essa carinha de bebê? — Aperto a sua bochecha.

— Você sabe que eu odeio isso. — Ela passa a mão no local.

— Eu sei. — Seguro na mão dela, a levando até onde está Elai com as nossas malas.

— Elai, essa é a Luíza, minha amiga, Lu esse é o Elai. — Penso um pouco. — Um novo amigo.

Ela leva a mão para cumprimentá-lo. Esse gesto o pega desprevenido, mas ele aperta a mão dela.

— E só para você saber, eu tenho dezoito anos, não sou criança.

Ele sorri para ela.

— Exatamente, uma criança.



CAPÍTULO 31

GABRIEL ZÁS

Cinco anos antes....

Quando abro a porta para o meu pai eu não esperava que ele estivesse bêbado. Tento ao máximo não me relacionar com ele. Sinceramente, o ódio que eu sinto por ele só aumenta a cada dia que passa e só aguento essa situação pela minha mãe.

Assim que eu abro a porta sou recebido com soco na cara. Não posso falar que estou surpreso, já aconteceu tantas vezes que hoje já não demonstro mais o medo de quando era criança. Acho que por isso o ódio que ele sente por mim só aumenta.

Passo a mão pela boca para limpar o sangue.

— Quem você pensa que é, seu moleque?

Fecho os olhos já imaginando o motivo.

— Pai, foi escolha dos acionistas, não minha.

— Mas bem que você gostou, não é mesmo? Você poderia ter negado, mas não, você aceitou. Acha mesmo que conseguirá ser melhor do que eu na presidência? Você nunca será melhor.

— Posso até não ser melhor, mas te garanto, pior do que está não vai ficar.

Sinto o impacto quando ele me prende na parede, forçando o braço na minha garganta, e principalmente me obrigando a olhar no seu rosto. Sinto o cheiro forte de bebida embrulhar o meu estômago. Respiro fundo para não matar esse desgraçado agora mesmo.

— Você, amanhã mesmo, vai chegar para a sua mãe e falar para ela que não quer ser presidente. Pode alegar que é muito novo, o que é verdade. Você só tem vinte anos, nem terminou a faculdade ainda.

— Eu não vou fazer isso. A editora já está quase falindo. Se eu fizer isso tenho certeza de que ela não chegará até o final deste ano.

— Seu moleque desgraçado, deveria ter te espancado muito mais quando era criança. Talvez tivesse te ensinando a virar homem.

A minha mão se fecha em punho. Lembranças do passado voltam com tudo. Em como tinha que esconder os hematomas do corpo quando eu voltava da suposta viagem entre pais e filhos, mas a verdade é que esse homem desprezível me levava para a cabana que tínhamos, e o seu passatempo preferido era descobrir formas de me causar dor. E isso ficou se repetindo todos os anos até eu ter quinze anos e ter a coragem de falar que não ia mais. Como ele tinha medo da minha mãe descobrir não falou nada, mas a tortura psicológica continuou até o ensino médio.

— Se o seu pensamento era que eu virasse homem como você, graças a Deus ou ao diabo, me tornei bem diferente. — O ódio em minhas palavras são como facas disparadas em direção a ele.

— Garoto mimado, desgraçado, seu infeliz. Você merece morrer. — Quando ele fala isso não imaginei que estava com uma arma na cintura. Ele a pega, encostando bem na minha testa. Os meus olhos se arregalam de surpresa.

— Termine de falar o que começou — ameaça bem próximo ao meu rosto.

Tento ser frio e penso apenas na minha mãe.

— Você vai ligar agora para a sua mãe e falar que não quer ser presidente da editora, ou irei te matar agora mesmo.

Sustento o seu olhar.

— Não.

Ele sorri para mim.

— Virou homem, agora?

— Tem que ter pelo menos um na família.

Os seus olhos brilham de ódio.

Espero pelo melhor momento, quando ele fecha os olhos, tentando se controlar, e seguro na sua mão com força, fazendo com que a arma fique apontada para cima. Começamos uma luta no meio da sala. Mesmo o meu pai sendo mais velho, o infeliz sabe se defender. Acho que a quantidade de tempo que ficava na academia não era só para pegar mulheres como eu imaginei. A arma fica entre nós. Forço a mão dele para que ele a solte, mas não esperava que nesta luta, a arma disparasse.

Sinto o impacto fazendo com que cada músculo do meu corpo pare imediatamente. Ele faz o mesmo, o olhar parado, olhando para mim.

Quando me afasto, sinto as minhas mãos pegajosas. Abaixo o olhar para ver que é sangue. A minha blusa está toda manchada e aquele cheiro forte de ferrugem faz com que o meu estômago se embrulhe na hora. Caio para trás tentando entender o que aconteceu. As minhas mãos tremem diante da cena.

O meu pai continua no chão, com os olhos abertos, me encarando. Ele está morto e quem o matou fui eu.

Não sei o que fazer. A minha cabeça está doendo, e mesmo sabendo que ele não prestava, os meus olhos se enchem de lágrimas. A campainha toca. Me levanto e fico perto do sofá, suor se forma no meu rosto. Respiro fundo, tentando me controlar e lembro que tinha marcado com o Nicolai de fazer o trabalho de faculdade. Ele é a minha única esperança.

Mesmo cambaleando, consigo chegar até a porta e abri-la. O Nicolai me observa de cima a baixo com uma expressão neutra no rosto. Ele entra e fica ao meu lado. Fecho a porta e quando me viro vejo o Nicolai encarando o meu pai.

— O que você fez?

Ainda tremendo, conto tudo para ele, e diferente do que imaginei, ele fica calmo como se fosse uma coisa normal. E hoje descubro o porquê. Nicolai cresceu com o sangue que tanto me atormentava nas mãos, e principalmente, hoje, descobri mais uma coisa em comum com ele. Nossas mãos estão sujas pelo sangue dos nossos pais, mas diferente de mim, ele fez isso com um sorriso no rosto.

Agora...

Sei que naquela noite a minha alma se quebrou em vários pedaços e quando finalmente pensei que podia colar cada um deles, vejo a Ana na cama com o meu irmão. E, mais uma vez, voltei para a escuridão que tanto temia. Essa escuridão me abraça como uma velha amiga mais uma vez. Porque mesmo não admitindo para ela, eu estou apaixonado. E mais uma vez pela mulher errada.

Me levanto da cama sem nenhuma vontade de ir trabalhar. Tomo um banho gelado a fim de acordar definitivamente do pesadelo que me assombra todas as noites depois da sua partida. Hoje faz vinte dias que ela

foi embora e, sinceramente, desde aquele dia não consigo dormir uma noite inteira.

Me visto, como sempre, pego o celular para ver se tem alguma mensagem nova e me engano na esperança de ser uma mensagem dela. Quando vou sair vejo o segurança que coloquei antes de tudo acontecer. Me aproximo dele. Quero tirar uma dúvida que já estou remoendo faz tempo.

— Algum problema, senhor?

Penso por um momento se pergunto o que eu realmente quero.

— Há uns vinte dias, o meu irmão esteve aqui. Ele vinha muito aqui quando eu estava fora?

Ele parece pensar um pouco.

— Não, senhor, aquela foi a única vez.

— Obrigado.

— A seu dispor.

Saio de perto dele, entro no carro e fico um pouco parado, sem ligar o veículo. Penso um pouco.

E me lembro de Laura. Mesmo ela me odiando tenho que conversar com ela.

Vou em direção ao seu apartamento. Chegando lá, descubro que se mudou para outro mais próximo ao centro, descubro o endereço.

Esse prédio com certeza é bem melhor que o outro. Agora estou aqui parado, olhando para a porta e pensando se bato ou não. Respiro fundo e bato.

E já estava desistindo quando a porta se abre.

Laura olha para mim, e de tudo que eu pensei que ela pudesse fazer, um soco na cara era a última coisa que eu esperava. Sou pego completamente desprevenido. Coloco a mão na boca e sinto o gosto de sangue.

Observo o seu rosto todo vermelho.

— Você continua louca, Laura.

— Você tem sorte. Eu queria ir na sua casa. Se não fosse a Isa eu já teria feito isso há muito tempo. O que você quer?

— Quero conversar com você.

— Sobre?

— O que mais seria? A Ana.

Ela sorri para mim.

— Mais é muita cara de pau mesmo. Não tenho nada para falar com você.

Ela tenta fechar a porta, mas coloco o pé para impedi-la.

— Você quer ficar sem o pé, infeliz?

— Laura, eu só quero conversar. Se depois do que eu tiver para falar com você, ainda sentir vontade de me matar, ficarei parado e você faz o que quiser.

Ela parece pensar um pouco.

— Não posso perder uma oportunidade dessa, não é mesmo? — fala e abre a porta para mim. Entro e me sento no sofá sem ser convidado. Ela se senta em uma poltrona na minha frente, o seu olhar de ódio não deixa o seu rosto.

— É verdade o que a Ana me disse, sobre a festa? — pergunto o que tanto queria saber.

— Gostaria de saber o porquê de a Ana estar apaixonada por você.

Quando ela fala isso na mesma hora sinto um aperto no peito. Tento disfarçar, mas ela percebe. Vejo uma sobrancelha se levantando em seu rosto.

— Você não sabia, não é mesmo? Mas você consegue ser um idiota mesmo, né, Gabriel? Você não a merece. — Ela se encosta na poltrona, mas

os seus olhos não saem de cima de mim.

— Eu sei — falo baixo.

— Desculpa, eu não ouvi.

— Eu sei — desta vez falo mais alto. — Eu sei que não a mereço, mas tente entender. Eu a encontrei na cama com o meu irmão, na minha casa.

— É, seu inútil, mas você deveria ter acreditado quando ela falou a verdade sobre o lixo do seu irmão. Ela não quer fazer nada contra ele, mas te garanto, quando eu o vir, vou arrancar pelo menos uns três dentes daquela boca.

Passo a mão pelo cabelo, impaciente.

— Então é verdade, não é, tudo que ela me disse?

— Lógico que é verdade. Ele a drogou e a levou até aquele quarto, acho que agora você deve imaginar o que ela passou. Ela foi levada até um quarto e ele tirou a roupa dela, e o pior de tudo foi o que você falou para ela. Sinceramente, Gabriel, pensei que você fosse inteligente, mas vejo que estava enganada.

Me levanto e fecho a minha mão em punho, com uma grande vontade de matar o Nicollas.

— Eu sei o que fiz, sei também que devo pedir desculpas pelas palavras que falei para ela. Mas tente entender o meu lado, Laura, o relacionamento entre nós dois já começou errado.

— Está falando do contrato?

— Vejo que ela te falou tudo mesmo.

— É claro que falou. Me responda uma coisa, Gabriel. Você, em algum momento, ficou interessado no motivo por ela ter aceitado o dinheiro?

— É dinheiro, Laura. Até o momento a única que não tinha se interessado por ele era você.

— Você é burro, Gabriel. — Quando vou responder ela não deixa.

— Ela precisava do dinheiro.

— Todos precisamos de dinheiro.

— Não era para ela, seu idiota.

Observo o seu rosto tomar um tom forte de vermelho.

— Então para quem era?

Vejo a sua boca em linha reta, ela fecha os olhos por um momento em uma clara batalha em saber se devia me contar ou não.

— Para o pai dela, seu burro.

Quando a Laura começa a me falar tudo, sinto o meu coração doer aos poucos. Lembranças de cada vez que a humilhei com palavras, com atitudes, vêm com tudo. O arrependimento bate e a angústia fica, e principalmente o rosto dela quando eu falei que tinha nojo. Tudo vêm me deixando sem chão, e a escuridão na minha alma parece não ter fim. Laura fica ali, parada, me observando com um sorriso no rosto em uma clara mensagem: você merece sofrer.

Fecho os meus olhos, tentando me controlar e respiro fundo.

— Onde ela está?

— Acho que você tem um pouco de inteligência para saber onde.

— O pai dela.

— Onde mais ela iria? Ela queria ver o pai, então voltou para o Brasil.

Vou em direção à porta.

— Onde você vai?

Me viro para Laura.

— Atrás dela.

Laura sorri.

— Espero que ela demore para ter perdoar.

Não respondo, mas sei que ela está certa. Mas farei de tudo para ter a Ana de volta. Eu a amo tanto que me dói saber que a fiz sofrer tanto, entretanto, farei de tudo para consertar esse erro. Isso é uma promessa.



CAPÍTULO 32

ANA FERREIRA

Mesmo lutando para não pensar no Gabriel, é impossível. Me lembro dele a cada dia que passa. Tento não pensar ou simplesmente não demonstrar, mas dói cada vez que penso nele.

Já se passaram dezoito dias. Meu pai recebeu alta há dois dias e finalmente poderemos volta para casa.

Conviver com o Elai está sendo mais interessante do que pensei, ele e a Luíza são como dois irmãos que vivem brigando.

Chego próximo ao carro que ele alugou e Luíza está ao lado.

Me aproximo dela.

— Se importa de ir na frente com o Elai?

— Sério? — ela pergunta. Dou um sorriso para ela, balançando a cabeça.

— É sim.

— Você sabe que ele me irrita.

— Ele te acha fofa.

— E desde quando fofa é algo bom? — Ela cruza os braços.

— Por quê? Você queria que ele te achasse o quê? — Ela revira o olhos para mim.

— Não viaja, Ana. — fala já entrando no carro.

Entro também e o meu pai já está no banco de trás, dou um sorriso para ele.

Vejo o Elai conversando com uma moça na porta do hotel, mas logo em seguida ele entra.

— Pensei que ia ficar o dia todo lá fora.

— Sentiu minha falta, criança?

— Você não se cansa de ficar me chamando de criança não?

— Não. — Ele fala e logo em seguida coloca uns óculos escuros e sorri para ela. Ela revira os olhos e acabo sorrindo com o meu pai.

A viagem de Belo Horizonte até Monte Verde é de quatro horas. Observando a paisagem pela janela, fico pensando em tudo que me aconteceu, e por mais que eu esteja com ódio do Gabriel, no fundo gostaria de saber se ele está bem.

Se tudo der certo, chegaremos ao meio-dia. O meu pai tira um cochilo e vejo Lu lutando para não dormir. Eu não consigo, por mais que eu queira. Por mais que esses dias tenham passado rápido eu não estou conseguindo dormir direito, por mais que eu tente, não consigo.

Luíza finalmente cede e dorme. Fico observando Elai concentrado, olhando para a frente, mas uma hora ou outra ele a observa. Ele tenta disfarçar e quando ele vê que ela está toda torta no banco, ele pressiona um botão ao lado do banco fazendo com que esse abaixe um pouco. Acabo sorrindo e ele me observava pelo retrovisor. Dou um sorriso para ele.

— O que foi?

Levanto uma sobrancelha, olhando para ele.

— Por que você fica chamando-a de criança toda hora? Você sabe que ela não gosta.

— Você já olhou para ela? — Nesta hora ele observa a Lu dormindo e balança a cabeça. — Ela parece uma criança.

— Criança, Elai? A Luíza vai fazer anos no mês que vem.

— Não muda o fato de que ela tem o rosto mais ingênuo que eu já vi em uma mulher.

Dou um suspiro, olhando para ele.

— Pare de ficar chamando-a de criança. Você não vê que ela fica irritada? Ela é uma pessoa muito gentil, tenta se mostrar forte toda hora, mas ela realmente fica chateada quando alguém a chama de criança. Principalmente você.

— Por que principalmente eu?

— Sério que de tudo que eu te falei foi só nisso que prestou atenção?

Ele sorri para mim.

— Eu entendi, a sua amiga é uma flor que não posso por a mão, é isso?

Santa paciência!, penso.

— Em que momento eu falei isso? Entendo por que ela fica com ódio quando está perto de você.

— Normal. Quando alguém me conhece ou sente muito ódio ou muito amor, já estou acostumado. No caso, o ódio que a sua amiga sente me diverte muito.

Mas esse é burro mesmo. Só esse lerdo não percebeu que ela não sente ódio por ele. Mas como um homem pode ser tão burro?

Ficamos conversando um pouco. Quando Luíza acorda percebe que alguém mexeu no seu banco, mas não pergunta nada. O restante da viagem é regradada a uma música que ele coloca.

Já vejo a cidade em que eu nasci no horizonte.

— Está feliz em voltar para a sua cidade? — Elai pergunta para a Luíza.

— Por que eu estaria?

Ele não fala mais nada, mas eu sei o motivo da Lu estar assim. Quando ela foi com o meu pai para Belo Horizonte, prometeu que não voltaria para cá por um bom motivo, mas infelizmente ela teve que voltar por minha causa. Ainda lembro das suas palavras há alguns dias.

— *Eu volto com você, mas não vou ficar muito tempo. Estou tentando arrumar um emprego aqui e assim poder construir uma vida longe daquela cidade.*

Por mais que eu queira que ela fique comigo, sei que ela está certa. Luíza perdeu a mãe muito cedo, o pai nunca foi alguém presente e ela viveu a maior parte da sua vida com a tia. Em uma cidade pequena tudo é motivo de fofoca e ela não suporta mais isso.

Mas ao mesmo tempo que entendo, também a quero perto de mim.

Passamos pela praça no centro da cidade. Lembro de como eu e a Lu brincávamos quase todos os dias aqui. Ela se vira para mim, sorrindo e correspondo. Acho que ela lembrou a mesma coisa que eu.

Vou falando para o Elai qual caminho seguir e, quando estamos chegando na rua da minha casa, o meu coração dispara de felicidade. Amo esta cidade. O único problema é a falta de emprego. Se não fosse por isso viveria aqui para sempre.

Sáímos e ajudo o meu pai mesmo ele estando bem. Para falar a verdade, ele está ótimo.

Abrimos o portão e meus olhos se enchem de lágrimas. Vejo a casa em que eu fui criada e isso me traz tantas lembranças.

— Bem-vinda de volta — Lu fala, segurando o meu ombro e sorrio para ela.

Elai ajuda e traz todas as malas. Minha casa não é uma mansão igual as que eu vi na Itália, mas é confortável. Elai ficará na pequena pensão da cidade, já a Lu ficará comigo, afinal, ela não quer mais ver a tia tão cedo.

Estou sentada na cama, esperando a Lu terminar de arrumar o cabelo. Sorrio para a cara que ela faz toda vez que passa a escova.

— Desisto — fala e se senta ao meu lado.

— Seu cabelo é lindo, para com isso.

— Você tem sorte de ter o cabelo liso, cabelo cacheado dá muito trabalho. — Faz um coque no alto da cabeça.

— Pelo amor de Deus, Lu. O seu cabelo é a coisa mais linda que eu já vi, deixe-o solto, não sei por que vive com ele preso.

— A última vez que o deixei solto passei tanto creme de pentear que ficou duro, ou se esqueceu daquelas garotas da escola que começaram a me zoar.

— Era pura inveja.

Luíza tem o cabelo que vai até o meio da cintura, todo cacheado. Acho o cabelo dela simplesmente maravilhoso, mas ela sempre fala que mais parece uma vassoura.

— Inveja de quê, Ana? Olha para mim, até parece que parei de me desenvolver com quinze anos.

— Sério? Vai começar com isso novamente, Luíza? Você é linda. Me fale uma garota aqui que seja mais linda que você.

Lu é realmente linda. Ela tem os olhos mais bonitos que eu já vi na vida, e olha que os do Gabriel são de um azul incrível. Os dela são verdes, mas um verde que eu nunca vi. Eu já falei para ela que se quisesse seria uma ótima modelo fotográfica, mas ela nunca aceitou.

— Acho que é por isso que o Elai fica me chamando de criança.

— Por que o que ele pensa e fala é tão importante para você?

Ela me olha por um momento e vejo uma tristeza passando por seu olhar. Seguro na sua mão.

— Lu?

— Eu não me importo. Por que me importaria? Ele é um babaca tarado.

— Isso é verdade, mas também é muito bonito.

Ela abaixa o olhar e por um momento penso se ela quer me contar algo.

— É, ele é realmente muito bonito. — Ela respira fundo. — Mudando de assunto, o que você vai fazer?

— Sinceramente não sei. Acho que vou ficar aqui por um tempo até ter certeza de que o meu pai vai ficar bem. Depois disso acho que voltarei para a Sicília. Independente de tudo que aconteceu, preciso trabalhar e aqui nós sabemos que não tem emprego, não é mesmo?

— Nem me fale, estou conversando com uma moça que conheci em Belo Horizonte, ela tem uma amiga que está precisando de uma babá, talvez eu fique aqui no máximo um mês.

O meu coração aperta aos poucos.

— Não quero ficar longe de você, Lu.

— Eu também não. Você sabe que te amo. Você é a irmã que eu nunca tive.

— Você também.



Hoje faz três dias que chegamos. estou na cozinha com a Luíza terminando de fazer um café. Elai está na sala conversando com o meu pai. Nunca vi. Os dois ficam horas falando do tempo do Elai no exército.

Entramos na sala e a Lu revira os olhos quando vê o Elai. Sorrio para a cena.

Alguém bate na porta, ainda sorrindo vou ver quem é, mas o sorriso logo morre quando vejo Gabriel me encarando. O meu coração se acelera tanto que tenho medo que ele pare em algum momento.

— O que você está fazendo aqui?

Ele me observa por um tempo, como se fosse a primeira vez que me vê.

— Preciso conversar com você.

— Não tenho nada para conversar com você.

— Quem é, filha? — Ouço a voz do meu pai às minhas costas.

— Não é ninguém importante.

Gabriel fica parado me encarando.

— Quem é esse rapaz?

Meu pai pergunta, já ao meu lado, respiro fundo.

— Sou um amigo da sua filha.

Abro a boca para desmenti-lo, mas meu pai fala:

— Então, entre, a minha filha está muito desatenta ultimamente.

Fuzilo o Gabriel com os olhos. Ele entra e olha para Elai sentado com uma xícara de café na mão. Já a Lu me olha com um sorriso no rosto. Reviro os olhos novamente.

Ela limpa a garganta disfarçadamente.

— É... tenho que resolver uma coisa na praça. E você vem comigo, Elai — fala e retira a xícara da mão dele, que a olha por um momento.

— Não vou não, as coisas aqui parecem que vão ficar boas.

— Algum momento pareceu um pedido? Vamos logo — ordena, segurando o braço dele. Elai sorri ao passar pelo Gabriel.

— Se senta, rapaz, qual é o seu nome? — meu pai pergunta.

Gabriel se senta, mas os seus olhos não saem de mim.

— Gabriel.

— Então, Gabriel, de onde você conhece a minha filha?



CAPÍTULO 33

ANA FERREIRA

Luíza saiu com o Elai e por um momento queria ter ido com ela. As minhas mãos estão trêmulas e respiro devagar, tentando me controlar. Tento a todo custo não olhar para Gabriel, mas acabo falhando, e sem querer observo o seu rosto. Abaixo dos seus olhos têm olheiras profundas. É... Pelo menos eu não sou a única a não conseguir dormir direito.

— Eu a conheci na Sicília.

— Quem bom. E o que te trouxe aqui?

Não falo nada nesta hora e fico o encarando. *Quero ver o que você vai falar*, penso.

— Eu precisei vir até o Brasil resolver um contrato com uma nova escritora.

— Mentiroso — falo baixo.

— O que você falou, Ana?

— Nada pai. Nossa, já está na hora do seu remédio. E você precisa descansar — eu falo, já me levantando. Ele olha para mim e logo em seguida para Gabriel, e dá um suspiro, se levantando.

Eu o levo até o quarto e lhe dou o remédio. Quando estou saindo ouço a sua voz.

— Converse com ele.

Paro por um momento.

— Não tem nada para conversar, pai. — Dou um sorriso sem graça.

— Acho que esse rapaz tem algo para falar. Então ouça o que ele tem para dizer.

Apenas balanço a cabeça. Mesmo o meu pai não sabendo toda a história tenho certeza de que ele percebeu o clima.

Entro na sala e o Gabriel está parado, olhando umas fotos. Respiro fundo.

— O que você quer?

Ele se vira e me olha mais uma vez.

— Preciso conversar com você.

— Fala logo o que você quer.

Ele se aproxima e mesmo tentando me controlar é impossível.

— Me desculpa.

Eu não falo nada, não consigo.

Ele continua.

— Me desculpa por tudo que eu fiz, me desculpa por todas as palavras que te disse e me desculpa por não ter acreditado em você.

Ele fala e continua me observando, tento não chorar na sua frente. A minha garganta se fecha completamente, respiro fundo.

— Quem te contou? — pergunto baixo.

— Laura.

Vou matar a Laura, penso.

— Sinceramente, Gabriel, o meu único pensamento é ficar com o meu pai, não tenho cabeça para mais nada agora.

Ele levanta a mão para tocar o meu rosto, mas não deixa. Dou um passo para trás tentando colocar um pouco de espaço entre nós.

— Por favor, Ana.

Essas palavras saindo dele fazem com que o meu coração sinta uma dor tão profunda que não consigo nem encará-lo.

— Não faz isso, você não tem esse direito — falo e aponto o dedo para o seu rosto. Os meus olhos ardem. — Você não faz ideia de como eu me senti naquele quarto, em como me senti com as suas palavras, então não. Você não pode vir aqui e me pedir desculpas e achar que irei te desculpar assim, porque eu não vou. — Respiro com dificuldade e mesmo tentando me controlar eu choro. E não me importo com isso.

— Eu sei que fui um idiota, sei disso, mas, por favor, tenta entender o meu lado.

— O seu lado, Gabriel? E quanto ao meu? Você por acaso tentou entender o meu? Não, você não entendeu, não percebeu que eu estava tão tonta naquele dia que não estava nem conseguindo ficar de pé? Entendeu o meu lado quando me expulsou da sua casa? Algum momento parou para pensar que se eu não tivesse feito amizade com a Laura e a Isabela eu estaria na rua? — Ele não responde. — Então não venha aqui achando que é fácil, que irei voltar para você só por um pedido de desculpa.

Falo tudo de uma vez e a minha garganta fica doendo. Mas, diferente de tudo que eu imaginei ele fazendo, eu não estava preparada para quando ele me abraçou. Fico com os braços esticados sem me mover e sinto os seus braços em volta de mim, sinto a sua respiração no meu pescoço e principalmente sinto o seu cheiro.

— Eu sei, eu sei que fui a pior pessoa que você já conheceu. Eu sei disso, mas quero que saiba que eu te amo como nunca pensei amar alguém na vida. Eu te amo tanto que dói cada parte do meu coração em te ver chorando e saber que o motivo das suas lágrimas sou eu. Eu te juro, se eu pudesse voltar no tempo nunca que você choraria por minha causa. E saiba,

estou aqui e ficarei aqui até você me perdoar, porque sinceramente, não consigo mais viver a minha vida sem você. Então, Ana, vou te conquistar nem que isso dure a minha infeliz vida, isso é uma promessa.

Não consigo responder, não consigo. Fico calada tentando regular a minha respiração. Cada parte do meu corpo dói. Não sei o que fazer. Ainda sinto o seu calor próximo a mim, um calor tão familiar, um calor único.

Me afasto dos seus braços. O meu corpo todo treme. Fecho a minha mão em punho para me controlar.

— Por favor, pare de falar essas coisas para mim. — Limpo o meu rosto. — Está doendo, Gabriel, está doendo muito. Toda vez que eu me deito tentando dormir eu me lembro das suas palavras, gostaria de não ligar, gostaria mesmo, mas não consigo.

— Deixe-me tirar essa dor que está sentindo. Sei que não será de um dia para o outro, mas a cada minuto, a cada hora, a cada dia da minha vida, só quero que seja feliz, Ana. Só quero te ver sorrindo mais uma vez para mim.

Não respondo. Limpo mais uma vez os meus olhos que insistem em chorar.

— Por favor, me deixe sozinha.

— Ok, eu vou respeitar o seu tempo. Só não chore — pede e segura o meu rosto. — Estou hospedado em uma pensão aqui perto. Qualquer coisa que precisar me ligue. — Ele respira fundo antes de falar: — A minha mãe está com muita saudade de você, sei que é pedir demais, mas mande pelo menos uma mensagem falando que está bem.

Apenas balanço a cabeça. Ele chega perto, como se quisesse me dar um beijo, mas para. Respira fundo e dá um passo para trás. Fico olhando para ele enquanto sai. Me sento no sofá, tentando controlar o meu coração acelerado.

Fico quieta ali mesmo por um tempo. Luíza chega e se senta ao meu lado. Por uns minutos ficamos assim, sem falar nada.

— O que você decidiu?

Me viro para Luíza, ela me encara e suspiro alto.

— Eu gosto tanto dele que chega a doer. Ele falou que me ama.

Ela fica um pouco em silêncio.

— Nossa, Ana, assim é golpe baixo. Sinceramente, eu não queria estar na sua pele agora.

— Acredite, nem eu queria — desabafo e passo a mão pelo cabelo.

— Pensa um pouco, sei que o que ele fez foi muito grave, mas pensa, tá bom? E vê se o que você passou ao lado dele é algo que você queira para a sua vida.

— O pior é saber que o meu coração continua acelerado quando estou próximo a ele. Queria que fosse fácil esquecê-lo, mas não é, porque eu continuo apaixonada por ele.

— Mas o quanto esse amor é forte? É forte o bastante para perdoá-lo?

Observo a minha amiga por um tempo.

Balanço a cabeça.

— O pior é que eu não sei.

— Então, calma, não faça nada de cabeça quente. Logo você vai saber.

Ela fala me abraçando, retribuo.

— Mudando de assunto, onde está o Elai?

— Ficou conversando com a filha da dona Glória na praça, aquele galinha.

Acabo sorrindo para ela.

— Por que você não fala que gosta dele?

— Eu não gosto dele — ela fala, mexendo na blusa.

— Eu te conheço o suficiente para saber que gosta sim. Está agindo do mesmo jeito de quando gostou daquele menino no ensino médio.

— E nós duas sabemos como terminou, eu não tenho sorte. Então deixa para lá. Afinal, ele me vê apenas como uma garota fofa. Uma criança, como ele mesmo fala.

— Você não é criança, ele é um idiota se acha isso.

Ela sorri para mim.

— Eu sei, é um galinha, não duvido que já tenha pegado a metade da cidade.

— Eu também não.

— Agora deixa eu te falar uma coisa. O Gabriel é mais lindo do que nas fotos.

Respiro fundo.

— É ele é lindo mesmo.



CAPÍTULO 34

ANA FERREIRA

— Você não imagina quem estava na sua casa mais cedo no maior amor com o seu pai.

Me viro para Lu. Estamos andando próximo ao mercado.

— Quem?

— A dona Maria. — Sorri.

— Sério? Eu não sabia.

— Quando eu cuidava dele, ela ia quase todos os dias lá, acho que viraram “amigos”. — Ela faz sinal de aspas com as duas mãos.

— Eu acho bom. Meu pai ficou tanto tempo sozinho, tomara que dê certo.

Estamos sorrindo, mas o meu sorriso morre quando vejo a tia da Lu se aproximando.

— Luíza, pensei que nunca voltaria para cá. Veio trazer o dinheiro que me roubou?

Lu sorri para a tia.

— Eu roubei? Acho que você ficou totalmente louca mesmo, aquele dinheiro era meu, eu trabalhei todos esses anos e juntei para pode ir embora.

— Eu te dei comida e um lugar para morar, sua ingrata. Quando o bêbado do seu pai te trouxe fui eu quem cuidou de você. Você tinha que ter falado que tinha dinheiro, sabendo o quanto eu estava precisando.

— Cuidou de mim? Em que momento você cuidou de mim? Eu era apenas a sua empregada. Onde eu dormia nem podia ser chamado de quarto.

— Devia ter te deixado morrer de fome, sua infeliz, no final ficou igual a sua mãe, uma puta.

Seguro no braço da Lu para ela não bater na tia.

— E você cala a boca, você não é ninguém para falar isso para ela.
— Fecho as minhas mãos em punho para não arrancar aquele sorriso cínico do rosto daquela mulher.

— E você, hein, Ana? Por que não me fala como conseguiu o dinheiro para o tratamento do seu pai? — Ela sorri novamente. — Por isso são amigas. Duas putas, no final das contas.

Somos interrompidas quando Elai aparece conversando com o Gabriel. Ele olha para mim. Ainda estou segurando o braço da Lu e vejo que ela tenta esconder o rosto e meu coração se quebra quando a vejo chorando. Ela dá as costas para nós e sai andando, vou atrás dela.

— Para, Lu, não se importe com que ela diz.

— Eu sei, mas não consigo. Olha, para você vê, choro por qualquer coisa. — Limpa os olhos.

— Daqui a alguns dias eu vou embora e você também, não precisaremos mais ver essas pessoas.

— Esse é o meu maior consolo.

Me sento em um banco na praça, Lu se senta ao meu lado e Elai se senta ao lado dela, passando o braço pelo seu ombro.

— O que você tem, hein?

— Nada — Luíza responde e tenta retirar o braço do seu ombro.

— Não me pareceu nada — ele diz, tentando olhar melhor para o seu rosto, mas Lu tenta esconder.

— Para, Elai, que ódio. Tira esse braço daí.

Ele aperta a bochecha dela e dá um sorriso.

— Você fica uma gracinha com o rosto vermelho.

Ela dá um tapa na mão dele. Elai faz uma cara de que realmente doeu e dou um sorriso para eles.

Me viro e vejo o Gabriel andando. Ele para ao meu lado e o meu coração acelera.

— Você já está indo para a sua casa?

— Estou sim, por quê?

— Deixe-me te dar uma carona, preciso te dizer algo.

Respiro fundo.

— Não acho uma boa ideia.

— É rápido.

Ele fica me encarando com aqueles olhos azuis, os mesmos olhos que tentei esquecer.

— Você vai embora agora, Lu?

Ela olha de mim para o Gabriel.

— Não, pode ir, vou ficar um pouco aqui.

— Pode ficar tranquila, eu a levo — Elai fala e quando estou saindo ouço a voz da Lu.

— Eu sei andar sozinha, não preciso que fique comigo.

— Eu sei disso, mas não tenho nada melhor para fazer.

— Então é só por isso?

— Teria outro motivo?

Idiota, como o Elai é idiota.

— Tenho uma coisa que queria te perguntar.

Me viro para o Gabriel. Todas as pessoas que passam por nós ficam encarando, até imagino a fofoca que deve estar rolando com o nosso nome.

— O quê?

— Por que o Elai veio com você?

— O Nicolai achou melhor. Não sei por quê, mas ele achava que eu precisava de proteção.

Gabriel fica um pouco em silêncio e me pergunto se ele está escondendo algo.

— Eu mandei uma mensagem para a sua mãe, falei que tive de vir para o Brasil resolver algo. Não falei mais nada para não preocupá-la.

— Obrigado.

Não respondo, ele abre a porta do carro para mim e entro.

O caminho é rápido, vantagem de uma cidade pequena. Já na frente da casa do meu pai, ele para o carro. Fica um tempo em silêncio.

— Então? O que você queria?

Ele se vira para mim.

— Tenho uma audiência marcada para daqui a uma semana e terei que voltar para a Itália. — Ele respira fundo. — Vem comigo?

— O quê? Espera aí, audiência? De quê?

— Sobre a morte do meu pai. Tentei conversar com o meu advogado para adiar, mas não consegui. Não quero deixá-la sozinha.

Por um momento me pergunto porquê.

— O que você está me escondendo, Gabriel? Por que não posso ficar sozinha?

Ele respira fundo.

— Não é nada.

Respiro fundo. Tentando me controlar.

— Pode ir falando o porquê. É isso mesmo. Você viaja para outro país para me pedir desculpas e fala que me ama, mas eu sei que está acontecendo algo, me fala o que é.

Ele parece que está tendo uma luta contra ele mesmo.

— Eles reabriram o caso do meu pai, tiveram novas provas.

— Ok, mas por que não posso ficar sozinha?

— Você conversou com a Isabela ultimamente?

— Tem dois dias, por quê?

— Ela estava com a Laura e sofreram uma tentativa de sequestro.

O meu coração acelera.

— O quê?

— Calma — ele fala, segurando a minha mão. — Elas estão bem, o Nicolai tinha colocado mais seguranças para protegê-las.

— Preciso ligar para ela — falo e pego o celular, mas paro e olho para ele. — Mas isso não explica por que não posso ficar sozinha.

— Ok, vou te falar uma coisa e quero que fique só entre nós. — Balanço a cabeça, concordando com ele. — Há uns dois meses, a polícia recebeu vários relatórios de coisas que eu, o Nicolai e o Paollo fizemos no passado. E de várias outras pessoas ligadas a eles. E a polícia está investigando. Achamos que qualquer pessoa ligada a nós está correndo risco, por isso não quero deixá-la sozinha. Ficarei mais tranquilo com você no mesmo país que eu.

O meu coração acelera.

— Mas e o meu pai?

— Ana, mesmo se você decidir ficar deixarei alguém para protegê-la, mas acho que não será o Elai. Ele provavelmente voltará comigo para assumir o cargo dele com o Nicolai.

— Espera aí. — Balanço a mão na minha frente. — Calma, é muito coisa de uma vez. — Respiro fundo.

— Desculpa, não queria esconder nada de você, por isso falei a verdade.

— Acho que você não entendeu. Você já viu o tamanho desta cidade. Aqui, se ficarmos uma hora a mais na rua já é motivo de fofoca, você acha que vai acontecer o quê com alguém aqui para me proteger? O meu pai acabou de fazer uma cirurgia, não quero trazer mais problema para ele. — Tento me controlar. — Me dê algumas horas para pensar melhor, aí te darei a resposta.

Ele concorda. Respiro fundo. Antes de abrir a porta me viro para ele.

— Obrigada por ter sido sincero comigo. — Dou um pequeno sorriso para ele, que retribui.

Quando estou abrindo o portão, dona Maria saí com um sorriso no rosto, fico olhando dela para o meu pai, que está logo atrás.

— Filha, pensei que ia ficar mais tempo na rua.

— É... eu tive que voltar.

— Ana, que bom que voltou.

— Obrigada, dona Maria.

— Quanto tempo vai ficar?

As palavras do Gabriel vem na minha cabeça.

— Ainda não sei.

— Vim trazer um pedaço de bolo que eu tinha acabado de fazer para o seu pai. — Ela tenta se explicar. Sorrio para ela.

Ela se despede de nós e vai embora. Dou um sorriso cheio de significado para o meu pai.

— Não comece, Ana — fala e entra em casa.

— Eu não falei nada.

— Nem precisa.

— Só para o senhor saber, acho que você e a dona Maria fazem um casal gracinha.

Não espero ele responder e corro para o meu quarto, chegando lá ligo para Isabela e no segundo toque ela atende.

— Ana, que bom que ligou. Como estão as coisas? E o seu pai?

— Calma, Isa, está tudo bem. Agora me fala, que negócio é esse de que você e a Laura quase foram sequestradas?

— Ficou sabendo, né? Mas não conseguiram, pode ficar tranquila, está tudo bem.

Respiro fundo.

— Por que não me contou?

— Você já está passando por tanta coisa, não queria te preocupar ainda mais.

— Me fale quando acontecer algo, por favor. Fiquei sabendo pelo Gabriel.

— Ok, pode ficar tranquila, não vou esconder mais nada.

Respiro fundo, me acalmando.

— Isa, preciso te pedir algo.

— Pode pedir, se estiver ao meu alcance irei ajudar.

— Eu tenho uma amiga que cresceu comigo, é como se fosse uma irmã. Ela não gosta de viver no interior e está procurando um emprego. Você sabe de alguém que esteja precisando? — Mordo o lábio inferior de nervosismo.

— Quantos anos ela tem?

— Ela tem dezoito, mas mês que vem completará dezenove.

— Você caiu do céu mesmo, Ana. Estava falando com o Nicolai, hoje mesmo, que estava precisando de uma babá para a Liz, o que você acha? A sua amiga aceitaria ser a babá da minha filha.

— Nossa, Isabela, claro que sim. Você não vai se arrepender, eu juro. A Luíza é um doce de pessoa, você vai ver.

— Não precisa me agradecer, confio em você. Então você vai voltar?

Penso em tudo que o Gabriel me disse, não deixarei o meu pai correr nenhum risco.

— Vou sim, acho que no máximo em uma semana eu estarei de volta.

Ouçoo um grito vindo do telefone e acabo sorrindo.

— A Laura vai enlouquecer quando souber, estou morrendo de saudade de você.

— Eu também, obrigada por tudo.

— Eu que preciso te agradecer, já estava quase louca. Transferi a minha matrícula para a faculdade daqui e não estava encontrando alguém para ficar com a Liz. Obrigada.

Depois que desliguei o celular, fico pensando. Tenho que conversar com o meu pai, com a Luíza e com o Gabriel. Me joga na cama.

— É, parece que vou voltar para a Sicília. — Acabo sorrindo. — E a Lu vai comigo.



CAPÍTULO 35

ANA FERREIRA

Luíza fica na minha frente me encarando.

— Me mudar para outro país?

— Sei que é algo totalmente novo, eu sei disso, mas é uma ótima oportunidade, a Isabela é ótima. Tenho certeza de que serão grandes amigas.

— Nossa! — ela fala, se levantando. — E um lugar para morar?

— Também estava preocupada com isso, mas estava conversando com a Laura. Ela acabou de se mudar para um apartamento novo e tem um quarto a mais. Se você não se importar em dividir o quarto comigo, nós podemos dividir, o que você acha?

— Não precisava nem perguntar, lógico que gostaria de morar com você.

— Então, é um sim?

— O maior sim do mundo. — Ela me abraça. — Estou tão feliz, Ana, vamos ficar juntas.

— Eu também. Estou louca para você conhecer a Isabela e a Laura, elas me ajudaram tanto.

— Confio em você. Sei que me darei bem com elas. E quanto ao seu pai?

— Conversei com ele ontem à noite. Pedi para ele ir comigo, mas você conhece o meu pai, ele adora a vida aqui. Estou pensando em conversar com a dona Maria e ver se ela fica cuidando dele para mim.

— Tenho certeza de que ela vai cuidar muito bem.

— Luíza — falo e jogo o travesseiro nela.

— E o Gabriel?

Suspiro alto.

— Eu vou conversar com ele.

— É bom, me deixa te perguntar, não vamos ver muito o Elai, né?

— Vou ser sincera, o Gabriel me falou que o Elai ia voltar para assumir o seu posto com o Nicolai. O Nicolai será o seu patrão, então, sinto muito, mas acho que você vai vê-lo, e muito.

Ela se senta ao meu lado.

— Merda!

— Ele é chato, mas é uma boa pessoa.

— Você fala isso porque não é você que ele vive enchendo o saco.

— Ele gosta de você.

— Ele gosta de todas as mulheres no mundo.

— Isso é verdade.

— Deixa para lá, vou dar um jeito. Acho melhor você ir conversar com o Gabriel.

— Eu sei.

Depois da conversa com Lu, fui até a pensão em que o Elai e o Gabriel estão hospedados.

As minhas mãos tremem, bato na porta e depois de um tempo ele a abre. Observo o Gabriel na minha frente, sem blusa, só de calça, segurando uma toalha e secando o cabelo. Ele olha para mim e levanta uma sobrancelha.

— Ana, aconteceu alguma coisa?

Engulo em seco.

— Preciso conversar com você.

Ele me convida para entrar. Observo o quarto. Ele é bem simples. Uma cama de casal, um guarda-roupa pequeno do lado, e uma porta que está aberta que com certeza é a do banheiro.

— O que foi?

Me viro para ele.

— Eu vou voltar para a Sicília.

Ele dá um passo em minha direção.

— Não é o que está pensando, Gabriel. Não te perdoei. Vou voltar pela segurança do meu pai.

— Fico feliz só de saber que estará segura, isso já basta para mim.

— A minha amiga irá comigo, acho que não te apresentei ainda.

— A moça que estava na praça com você?

— Sim, ela mesma.

— Quando voltarmos, se você quiser, poderá voltar para a minha casa com a sua amiga até encontrar um apartamento.

Tento a todo custo olhar apenas para o seu rosto.

— Não precisa, obrigada. Iremos ficar no apartamento da Laura.

Ele apenas balança a cabeça para mim.

— Bom, era só isso mesmo, que dia que você irá?

— Daqui a dois dias.

— Ok, eu já vou, tenho muita coisa para resolver.

Me viro para sair, mas paro quando ouço a sua voz.

— Você está linda.

Dou um suspiro.

— Obrigada. — E saio. Quando saí do quarto um pedaço do meu coração fica lá, respiro fundo. Mesmo não o perdoando eu sei que continuo o amando e isso dói. Dói demais.

Deixo tudo certo com a dona Maria, ela cuidará do meu pai. Na verdade ela ficou feliz até demais com essa notícia.

O meu consolo é saber que ele está bem melhor. Gostaria de ficar mais tempo com ele, mas por enquanto vou esperar estar tudo bem. Aí poderei voltar e ficar mais tempo.

Resolvemos tudo. A Luíza está perto do portão com as malas, dou um abraço demorado no meu pai, e mesmo tentando me controlar eu choro em seus braços.

— Meu amor, calma, daqui a pouco você volta e fica mais tempo. Não precisa se preocupar, estou bem.

— Vou ligar todos os dias para ter certeza de que estará bem.

— Pode ir tranquila, estou ótimo. Vai viver a sua vida, filha, seja feliz. No final, é só isso que importa.

— Eu te amo, pai.

— Eu também te amo.

Dou mais um beijo no seu rosto e me despeço dele.

— Calma, Ana, o seu pai está bem. — Luíza fala e me abraça.

Não respondo, apenas balanço a cabeça concordando com ela.

Um carro preto para. Elai e Gabriel nos ajudam a colocar as malas no carro. Dou um suspiro. Gabriel se senta atrás comigo.

Ele dá um pequeno sorriso para mim.

Luíza vai na frente. Já saindo da cidade fico olhando pela janela do carro e mesmo sem querer lágrimas saem. Sinto a mão do Gabriel segurando a minha. Ele não fala nada, apenas fica assim até que eu pare de chorar.

Já estamos no carro há umas três horas. Fico encostada no vidro pensando em tudo que aconteceu.

Ouçó a voz do Elai.

— E aí, Lu, está feliz em ir para outro país?

Luíza respira fundo.

— Que negócio é esse de me chamar de Lu? A única pessoa que eu aceito me chamar assim é a Ana.

— Ok, então, criança.

Ela fecha a mão em punho e olha para ele. Acabo sorrindo deles dois.

Já no avião me sento ao lado da Lu e ficamos conversando um bom tempo, mas dormimos a maior parte do voo.

— Bem-vinda à Sicília, Lulu — Elai fala e aperta a bochecha da Luíza.

— Pode falar, Elai, você adora me irritar.

Ele olha para ela sorrindo.

— Você é como a irmã que eu nunca tive — fala e passa o braço pelo seu ombro. Ela tenta tirar, mas só faz com que ele a abrace mais.

— Se eu fosse a sua irmã já teria te matado, seu galinha.

— Nossa, Luíza, doeu o meu coração — fala e coloca a mão no peito. — Já te falei, eu só gosto muito de mulheres.

Ela revira os olhos e acabo sorrindo.

— Às vezes, o Elai consegue ser muito infantil — Gabriel fala ao meu lado.

— Eu gosto dele, ele é muito engraçado.

— É até demais, às vezes. Você vai direto para o apartamento da Laura?

— Sim, por quê?

— Eu sei que você ainda sente muito ódio de mim, mas eu gostaria de saber se aceita jantar comigo hoje.

— Por quê?

— Ana, quero mostrar para você que consigo ser uma pessoa normal, que não sou esse monstro que você pensa.

— Eu nunca te achei um monstro, Gabriel.

Ele me observa por um tempo.

— Mas eu sou.

Não respondo. Andamos até ver dois carros parados em frente ao aeroporto. O Elai começa a colocar as malas em um e o motorista do Gabriel coloca no outro. Me viro para ele.

— Eu aceito jantar com você hoje — falo baixo e ele sorri.

— Te pego às 20h.

— Ok, até as 20h, então.

Ele se despede de nós e vai embora. Entramos no carro.

Paramos em frente a um prédio muito bonito, bem próximo a uma praça cheia de árvores. Vejo várias pessoas levando crianças para brincar, pessoas correndo e outras fazendo caminhada próximo ao lago que tem no meio.

— Nossa, aqui é bem bonito — comento com a Lu, mas quem responde é o Elai.

— É mesmo — fala e olha para o prédio. Pegamos as nossas coisas e vamos para o elevador, mas ficamos esperando o Elai conversar com o porteiro por uns minutos. Quando ele entra no elevador a Lu pergunta:

— O que era tão importante para você ficar conversando com aquele homem?

Ele sorri para ela.

— Logo você vai saber.

Ela revira os olhos para ele.

Paramos no sétimo andar. Aqui só tem três apartamentos. Passamos pela primeira porta e vamos para a segunda. Toco a campainha. A porta se abre e sem esperar Laura se joga em cima de mim, me abraçando, correspondo sorrindo.

— Também estava morrendo de saudade de você, Laura.

— Que bom que chegou. — Quem fala é a Isabela, próxima da porta, ela segura a Liz que está brincando com os cabelos loiros da mãe.

— Isa. — Abraço-a.

Entramos; Elai ajuda a colocar as malas na sala e vai embora. Me viro para a Luíza.

— Essa é a minha amiga, Luíza.

Lu dá um sorriso tímido para elas, mas os seus olhos vão direto para a Liz que não para de brincar.

Ela se aproxima da Isabela com um sorriso no rosto.

— Nossa! A sua filha é realmente linda.

Isabela sorri.

— Prazer em te conhecer, Luíza, essa é a Elisabete. Elisabete, é essa linda moça que vai cuidar de você.

— Oi, Liz, você é muito linda — ela fala, segurando na mãozinha dela.

— A cada dia ela fica mais linda mesmo — falo.

— Eu falo isso para a Isa todos os dias. — Ela se vira para Luíza. — Prazer em te conhecer, Luíza. Meu nome é Laura.

Luíza a cumprimenta sem tirar o sorriso do rosto. Ficamos conversando por um bom tempo quando Isa vai embora. Ela já deixa tudo certo para que Lu comece a trabalhar daqui a uma semana, que é a data da abertura das faculdades aqui. Laura está sendo um verdadeiro anjo. O

quarto já estava com duas camas montadas, uma ao lado da outra. Tomamos um banho e logo depois ficamos na sala, conversando. Luíza não fala perfeitamente o italiano, mas é muito boa no inglês, o que facilita bastante. Mesmo assim, ela vai fazer um curso para aprender a língua. Acho ótimo, principalmente para ela.

Agora estou aqui terminando de me arrumar. Visto um vestido azul-escuro rodado, uma sapatilha e deixo os cabelos soltos. Passo um pouco de maquiagem e pronto. Vou até a sala e as duas estão no sofá, assistindo televisão. Me aproximo delas.

— Você está linda — Laura fala e Luíza concorda, balançando a cabeça.

— Obrigada — agradeço e pego a minha bolsa. — Já sabem, qualquer coisa é só me ligarem — aviso. Vou até a porta e Lu me acompanha.

— Pode ficar tranquila, eu e Luíza vamos fazer um torneio de videogame — Laura comenta e logo em seguida mostra a manete. Sorrio para ela. Já na porta me viro para Luíza.

— Você está bem?

— Estou, ela é tão legal, realmente gostei dela — Lu fala encostando na porta fechada. Estamos no corredor.

— Que bom, ela é um doce mesmo, qualquer coisa...

— Pode ficar tranquila, Ana, está parecendo uma irmã mais velha. Estamos bem. Aproveita o jantar e divirta-se.

Quando vou responder o elevador se abre. Elai sai carregando duas malas e vem ao nosso encontro. Lu e eu olhamos para ele com as sobrancelhas levantadas.

Ele para ao nosso lado e a Luíza não para de olhar para as malas.

— O que você está fazendo aqui?

Ele sorri para ela.

— Aluguei o apartamento à sua frente — ele responde. Lu e eu olhamos para a porta trancada à nossa frente.

— Você está brincando, não é?

— Por que eu estaria brincando? — ele fala para logo em seguida abrir a porta.

Ela morde o lábio inferior com força.

— Por que logo aqui?

— Se eu fosse você conversaria com a Ana depois. — Quando ele fala isso os dois olham para mim.

— Quando eu voltar, eu te explico melhor.

— Acho bom mesmo.

Me viro para Elai.

— Bem-vindo, Elai.

Ele se vira para Lu.

— Está vendo, Lu, é assim que se faz, aprende.

— Para de me chamar de Lu, a única coisa que vou aprender é como matar alguém sem deixar rastros. Isso sim.

— Eu já vou indo — falo para eles. Antes do elevador fechar vejo Elai colocando o braço em volta do ombro da Luíza.

— Vou adorar ser o seu vizinho, sabia?

— Pena que não posso dizer a mesma coisa.

Balanço a cabeça. Quando eu voltar preciso conversar com a Luíza e explicar tudo direitinho, assim é melhor.

Já do lado de fora, vejo o Gabriel encostado no carro, me esperando. Me aproximo e ele me olha de cima a baixo, e logo depois sorri para mim.

— Você está linda.

Sorrio para ele.

— Obrigada. — Ele abre a porta para mim, entro e ele entra em seguida.

— Para onde vamos? — Ele me observa antes de responder.

— É uma surpresa, mas garanto que você vai gostar.



CAPÍTULO 36

ANA FERREIRA

Sinto o olhar do Gabriel em direção a mim. Estamos na sua casa. Para falar a verdade, pensei que não voltaria mais para cá. Observo a mesa toda posta, repleta de coisas. Ele me serve uma taça de vinho.

— A audiência é amanhã? — pergunto e bebo um pouco do vinho.

Ele bebe um pouco antes de responder.

— Sim, às 9h da manhã.

— Tem uma coisa que não entendi. Por que a polícia reabriu o caso do seu pai?

Ele para um pouco e olha para mim, respirando profundamente.

— Eu não era muito próximo a ele, vou descobrir amanhã.

Não falo mais nada, mas sinto que ele está me escondendo algo. Comemos em silêncio. Para falar a verdade, em silêncio demais. Fico brincando com a sobremesa. Gabriel parece estar no seu mundo e por um momento penso se algum dia já fiz parte dele. Dou um suspiro.

— O que você tem, Gabriel? Me convidou para jantar, mas não falou quase nada a noite toda. — Repouso a colher na taça.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Me desculpa, estou com a cabeça cheia.

Me levanto e ando em direção à porta.

Sinto a sua mão em volta do meu braço, paro na hora.

— Por favor, não vá. Desculpa por estar desse jeito.

— Por que sinto que está me escondendo algo?

Ele me observa e passa a mão pelo rosto.

— É a audiência.

— Não estou entendendo, Gabriel. Qual é o verdadeiro motivo para você estar assim?

— Porque quem matou o meu pai fui eu.

Fico encarando-o sem acreditar em uma palavra. Abro a boca para perguntar, mas não consigo, fico sem saber o que fazer.

Ele me observa esperando uma resposta, qualquer coisa, mas não consigo. Sinto a sua mão segurando forte o meu braço, sinto o meu coração martelando no meu peito.

— O que você falou? — A minha voz sai tão baixa que por um momento não a reconheço. Gabriel solta o meu braço e se senta no sofá, abaixando a cabeça. Fico parada no mesmo lugar sem saber o que fazer.

— Calma — falo para mim mesma. Me sento ao seu lado.

— Me explica isso direito, Gabriel, você não pode simplesmente falar algo assim para mim e não explicar.

Ele levanta a cabeça e começa a me explicar tudo desde o começo. O meu coração se quebra em vários pedaços, os meus olhos se enchem de lágrimas e percebo que os olhos dele estão do mesmo jeito. Respiro fundo.

— Você não teve culpa.

Ele me observa, dá um sorriso sem graça e balança a cabeça.

— Posso até não ter culpa, mas assumi a culpa no momento em que Nicolai e o Paollo me ajudaram. Então, sim, tenho culpa. O pior é se a minha mãe descobrir. Juro, não estou preparado para isso.

— Gabriel. — Seguro o seu rosto com as duas mãos. Ele me observa. — Entenda, você não teve culpa, foi legítima defesa, desculpa, mas pelo o que seu pai fez ele merecia muito mais. Você é uma boa pessoa, acho que foi por isso que me apaixonei por você. Mesmo quando demonstra ser alguém digno de se odiar, eu conseguia ver nos seus olhos, você é uma pessoa boa.

Ele fecha os olhos por um momento e coloca a mão em cima da minha.

— É a primeira vez que você fala que está apaixonada por mim.

— Pensei que isso fosse óbvio.

— Eu te amo tanto, Ana, nunca pensei que poderia amar uma pessoa como eu amo você.

Fecho os olhos por um momento.

— Preciso falar uma coisa para você. — Respiro fundo. — Você me machucou muito com palavras e atitudes, Gabriel, sei que não vai cicatrizar de uma única vez, mas estou disposta a recomeçar do zero. Eu quero te conhecer, quero poder ir almoçar em um restaurante sem me preocupar com pessoas tirando fotos, quero um recomeço, porque mesmo sabendo que ainda dói, sei também que te amo.

Ele se aproxima, encosta a sua cabeça na minha e sinto a sua respiração próxima ao meu rosto.

— Eu sei que não te mereço, mas farei de tudo para mostrar como você é importante para mim, como te amo cada dia mais.

Me aproximo, ficando a centímetros do seu rosto e finalmente o beijo. Sinto os seus lábios nos meus, em uma dança envolvente, única. Como senti saudades disso. Dele.

Seguro no seu pescoço para me aproximar mais e cada parte do meu corpo está em êxtase. Sinto a sua mão firme e forte apertando a minha

cintura. Solto um pequeno suspiro quando sinto a sua língua explorando a minha boca devagar, sem pressa alguma.

— Você não faz ideia de como senti saudades disso — ele fala, acariciando o meu rosto. Fecho os olhos prolongando a sensação gostosa da mão dele em contato com a minha pele.

— Eu também. — Ficamos assim, agarradinhos no sofá. Ouço a sua respiração ficando mais lenta. Passo a mão pelo seu peito e encosto mais o meu rosto, ouvindo perfeitamente o seu coração.

— Eu te amo. Quero, de hoje em diante, falar essas três palavras todos os dias da minha vida para você.

Sorrio para ele.

— Posso me acostumar com isso.

— Pode ter certeza, Ana. De hoje em diante falarei eu te amo para você. — Ela dá um suspiro. — Só para você.

Quando ele me leva para casa, ficamos no corredor do apartamento mais tempo do que o normal.

— Vai fazer o que amanhã?

— Irei ao shopping com as meninas, por quê?

— A minha audiência é as 9h, gostaria de te levar para almoçar amanhã, o que me diz?

— Adoraria — falo baixo, dando um beijo na sua boca.

— Te mando uma mensagem quando estiver chegando.

— Ok.

Me sento na cama com o meu coração ainda acelerado. Luíza está dormindo. Fecho os meus olhos e sorrio em meio à escuridão, estou feliz, estou feliz como há muito tempo não estava.

Na manhã seguinte tomamos um café nos três, e Lu olha para mim sorrindo.

— O que foi? — Seguro a xícara de café próximo ao meu rosto e sinto o seu calor.

— Você o perdoou, não foi?

— Não é perdoar exatamente, estamos dando outra chance, começando do zero.

Ela apenas sorri.

— Fico feliz, Ana, mas se ele te fizer alguma coisa é só me falar que termino o que comecei aqui — Laura fala, segurando um copo de suco.

— O que começou?

— Quando ele veio aqui dei um soco no rosto dele. — Ela fala e toma o seu suco tranquilamente. Luíza começa a rir.

— Adorei, parabéns, Laura.

Elas sorriem uma para a outra, balanço a cabeça olhando para ela.

Às 9h fico um pouco preocupada com o Gabriel e a audiência.

Estamos no shopping passeando, Elai está dando em cima das vendedoras mais do que ajudando, diga-se de passagem.

— O que você tem, Ana? — Isabela me pergunta. Estamos em uma loja esperando Laura e Luíza saírem do provador.

— Estou preocupada com o Gabriel, ele tem uma audiência hoje.

— Entendo. — Me viro para ela.

— Entende?

— Sim. Mas fique tranquila, não vai acontecer nada.

— Queria ter essa certeza.

— Mas eu tenho. — Levanto uma sobrancelha.

— Como você tem certeza?

— Digamos que eu tenha dado uma ajudinha. — Ela fala e sorri.

— O que você fez, Isabela?

— Estou ajudando o Nicolai, mesmo aquele teimoso não querendo, hoje de manhã estavam tendo uma reunião em casa, como não tinha dormido quase nada essa noite, pois a Elisabete estava com cólica, acordei e ouvi uma parte da discussão. Nicolai não gosta que eu me envolva nos assuntos envolvendo a máfia e tudo mais, mas também sei o quanto Gabriel é importante para você. Então vamos dizer que consegui entrar no sistema da polícia e destruir todos os arquivos que foram enviados incriminando, não somente o Gabriel, mas também o Nicolai e o Paollo.

— Obrigada, Isa. Obrigada mesmo.

Ela apenas sorri para mim. Não sei se ela viu o motivo da acusação, acho que não, porque a conhecendo acho que teria me feito alguma pergunta. E sinceramente, por tudo o que o pai do Gabriel fez a ele, achei foi pouco.

— O que vocês acham?

Me viro e vejo Luíza em frente ao provador, passando a mão em um vestido preto, curto, colado no corpo, ela está linda.

Abro a boca para responder, mas Elai fala. Para falar a verdade, não sei como ele apareceu aqui tão rápido, observo Isa, mas acho que ela faz a mesma pergunta.

— Sinceramente, não gostei, não faz o seu estilo.

Reviro os olhos para o comentário dele. Mas quem responde é a Laura:

— Deixa de ser idiota, Elai, Luíza está linda. — Ela se vira para Luíza. — Você está linda, não se importe com ele.

— Eu não me importo — ela fala para logo em seguida se olhar no espelho. O seu rosto tem um pequeno sorriso sem graça, conheço a Lu, mesmo ela falando que não se importa, no fundo ela se importa sim.

Me levanto, ficando ao seu lado.

— O que foi? — Ela se vira para mim.

— Nada, mas não tem importância, não tenho dinheiro para comprar.

Quando Laura vai pagar as roupas que ela comprou, ficamos esperando fora da loja. Elai conversa com alguém no celular e quando a Laura sai com duas sacolas, chega próximo a Luíza e a entrega uma.

— Não deixe que ninguém diga o que você deve vestir ou não — ela fala, sorrindo. Luíza pega a sacola ainda sem saber o que fazer.

— Obrigada.

— Foi um prazer, comprei algo a mais, espero que goste.

Isabela segura no meu braço e saímos. Já do lado de fora, ficamos esperando o carro chegar, me aproximo da Isa mais uma vez.

— Obrigada por tudo.

— Não foi nada. — Ela sorri. Ouço o barulho do meu celular e o pego. Vejo uma mensagem do Gabriel falando que em cinco minutos ele chega. Acabo sorrindo.

— Vamos almoçar, você vem? — Laura pergunta.

— Hoje não vai dá, o Gabriel já está vindo me pegar.

Vejo Elai passando o braço mais uma vez no ombro da Lu, ela o olha com raiva. Esse gesto só faz com que ele ria. Acho que como estou observando-os, vejo a postura do Elai mudar na hora e a sua expressão se fecha. Ouço barulhos vindo em nossa direção.

— TODAS PARA O CHÃO — ele grita para nós. Logo em seguida Luíza é jogada no chão por ele. O meu cérebro não processa a informação. Ainda estou observando a Lu com uma cara de dor. Elai vem em minha direção me fazendo abaixar. Me jogo no chão. Vejo Isabela próxima a Laura. As duas com as mãos nos ouvidos. Ouço sons de tiros. A minha garganta se fecha e começo a tremer sem parar. Elai começa a trocar tiros

com dois homens que estão atrás de um carro. O meu coração acelera de uma forma que pensei não ser possível. Ouço o barulho de dois carros vindo.

Acho que é o restante do pessoal do Nicolai. Eles trocam tiros e neste momento a única coisa que vem na minha mente é o Gabriel falando que me ama.

Os barulhos param e ouço uma voz, acho que seja a Luíza, mas não consigo responder, o meu corpo está pesado demais. Vejo o seu rosto na minha frente banhado de lágrimas, abro a boca para perguntar por que ela está chorando, mas quando tento fazer isso sinto uma dor muito forte na barriga. Coloco a mão para ver o que é e sinto algo molhado, pegajoso. Quando levanto a minha mão vejo ela toda vermelha.

Sangue.

Nesta hora vejo o que realmente aconteceu. Eu levei um tiro. Os meus olhos se enchem de lágrimas, a minha garganta se fecha e a minha respiração está entrecortada.

Elai se aproxima, fazendo pressão no machucando. Quero falar para ele parar porque quando ele faz isso dói demais. Fecho os olhos tentando controlar a dor. Quando eu os abro vejo o Gabriel ao meu lado, segurando o meu rosto. Sorrio para ele. Quero que ele veja que estou bem, mas não consigo. Vejo lágrimas nos seus olhos e o meu coração se quebra mais uma vez. Quero perguntar por que ele está chorando, mas tudo que eu vejo é a boca dele se abrindo e juro que nesta hora eu vejo uma frase se formando.

— Não me deixe, eu te amo.

E tudo fica escuro.



CAPÍTULO 37

GABRIEL ZÁS

— Precisamos achar uma solução — falo e me sento no sofá. Já estamos aqui no apartamento do Nicolai há meia hora e nada. Até agora não descobrimos quem está passando as informações para a polícia, não consegui dormir. Toda hora que eu fechava os olhos me lembrava do meu pai.

— Eu sei, procurei um informante antigo na polícia, mas ele não conseguiu nada, só o que nós sabemos. Foram enviados documentos nos incriminando — Nicolai fala.

Vejo o Paollo olhando para ele.

— A nossa única opção é pedir a Isabela para ajudar.

— Ela não vai se envolver nisso — Nicolai fala com raiva.

— Mas afinal de contas, o que a Isabela poderia fazer para ajudar?

Eles se olham um pouco e logo em seguida Nicolai dá um suspiro.

— Ela consegue invadir sistemas.

— A Isabela?

— Sim. Ela é a melhor que eu conheço.

— Por que você não pediu isso a ela antes?

— Não quero vê-la envolvida com essas coisas.

— Me desculpa, Nicolai, mas ela já está envolvida só por ser a sua esposa.

Ele abre a boca para responder, mas se cala. Isabela desce as escadas.

— Acho que ele esqueceu disso, Gabriel. Por que não me disse que precisava de ajuda? — ela fala e olha para o Nicolai.

Ele passa a mão pelo cabelo, nervoso.

— Daremos um jeito, não precisa se preocupar.

Isabela revira os olhos para ele.

— Estou vendo o jeito que você está dando. — Ela se vira para Paollo. — Para quem foi enviado os arquivos?

Paollo não responde, apenas olha para o Nicolai. Ele balança a cabeça concordando. Só neste momento é que ele passa todos os dados para ela. Ela se senta, pega o seu notebook e começa a digitar.

Fico ao lado da sala, observando os dedos dela não pararem por nenhum momento.

— Pronto.

— Já? — pergunto, me aproximando, ela levanta uma sobrancelha para mim.

— O sistema de criptografia da polícia não é tão bom quanto o do FBI, mas consegui. Apaguei todos os arquivos enviados e aproveitei e coloquei um vírus no computador deles. Ia dá muito na cara se só os seus arquivos sumissem, mas tive cuidado para selecionar cada um para não fazer nenhuma injustiça. O único problema é que ainda não consegui descobrir quem enviou. Mas deixei um programa que vai me informar se chegar mais algum arquivo sobre vocês lá. Então, quem quer café?

Ainda estou olhando para ela sem acreditar nas suas palavras. Não é possível uma pessoa ser tão boa assim em computadores. Balanço a cabeça

olhando para ela, sinto a mão do Paollo no meu ombro e me viro para ele.

— Loucura, né? ! Tive essa mesma reação quando a vi *hackear* a primeira vez. Você se acostuma. Vamos, mesmo já sabendo que não terá audiência temos que comparecer.

— Obrigado, Isabela.

— Gosto muito da Ana e sei que ela gosta muito de você. Digamos que foi um presente. Mas não precisa agradecer, afinal, tinha arquivos do meu marido e do Paollo também.

Nicolai se vira para ela.

— Obrigado. — Ela começa a andar até a cozinha.

— Se tivesse me falado antes já saberíamos quem está fazendo isso. Mas vou descobrir quem foi. Deixa de se teimoso, Nicolai. Só quero ajudar, não deixe para a última hora. — Ele apenas sorri para ela. Nicolai não é de mostrar sentimentos. Nos nove anos que nos conhecemos foram poucas vezes em que o vi sorrindo.

Saímos do apartamento dele e ficamos em uma sala, esperando os policiais chegarem. O mesmo que pegou o último depoimento chega com mais dois. Eles olham para nós dos pés à cabeça.

— Tivemos um problema. O juiz achou melhor adiar essa audiência, por enquanto. Assim que resolver tudo você será chamado novamente.

O ódio está estampado na sua cara, apenas saímos e quando estou passando pela porta ouço a sua voz.

— Engraçado ter dado esse problema justamente no dia da sua audiência, não é mesmo, senhor Gabriel? — Paro e me viro para ele.

— Problemas sempre acontecem, já estou até me acostumando com isso — falo e saio, mas um pequeno sorriso é dado por mim em direção ao Paollo, ele apenas balança a cabeça em direção a mim.



Já são 10h30, marquei de encontrar a Ana ao meio-dia. Penso se faço uma surpresa para ela aparecendo antes da hora. Mas decido ir até a casa da minha mãe. Tenho que encontrar o miserável do Nicollas. Se ele pensa que me esqueci dele está muito enganado.

Abro a porta da casa da minha mãe, ela me recebe já com um abraço.

— Como a senhora está?

— Estou bem, se senta, Gabriel — pede, já se sentando.

— E a Ana, como ela está?

— Ela está bem, já voltou do Brasil.

— Que bom, então já posso convidar vocês para um almoço?

— Hoje não vai dá, mas vou falar para ela.

Ela sorri.

— Onde está o Nicollas? — Só de falar o nome daquele desgraçado imagens dela na cama vêm com tudo, não percebo, mas as minhas mãos já estão em punho.

— Tem três dias que ele viajou.

Levanto uma sobrancelha, olhando para a minha mãe.

— Viajou? Para onde ele foi?

— Disse que faria um cruzeiro de trinta dias pelas Ilhas Gregas e, se não me engano, ia passa pelas Filipinas, algo assim.

— Por que ele decidiu viajar tão em cima da hora?

— Eu também não sei, ele apenas me avisou quando já estava com as malas prontas.

Coisa boa ele não está fazendo. Conheço aquele moleque muito bem para ter essa certeza.

Fico conversando com a minha mãe por uma hora, mas decido ir embora. Me despeço dela e prometo que irei trazer a Ana para vê-la. Impressionante como a minha mãe gosta dela.

Estou quase chegando ao carro quando sinto alguém me segurando pelo braço. Paro para ver Yasmin me encarando.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim conversar com a sua mãe, como você está?

Levanto uma sobrancelha, olhando para ela.

— Por que você gostaria de saber?

Dou mais um passo em direção ao carro, mas paro novamente quando ela me chama.

— Estava preocupada. Eu gosto de você, Gabriel.

Me viro, sorrindo.

— Gosta? E me trocar por outro homem foi um gesto de amor, não é? — falo com ironia.

— Me arrependi muito por isso, Gabriel, já te pedi desculpas. Quantas vezes tenho que te dizer que eu me arrependi muito. Eu te amo, por favor, me perdoa. Vamos viver felizes novamente.

Ela se aproxima e seguro o meu rosto, dou um passo para trás, tomando um pouco de espaço.

— Entenda uma coisa, Yasmin, eu amo a Ana, ela sim é o amor da minha vida. Então para de ficar falando isso. Diferente de você, nunca trairia alguém que eu gosto por nada.

— Ela não merece o seu amor, Gabriel.

— A única mulher que não merece nada meu, nem mesmo desprezo, é você. Por favor, pare de ficar falando que me ama. Vá viver a sua vida e seja feliz. Porque eu estou fazendo isso.

Não espero a resposta, entro no carro e dou a partida. Sigo para o shopping. Já estou quase chegando e aproveito que o carro está parado no sinal e mando uma mensagem para a Ana, falando que em breve a encontrarei.

Ouçoo barulhos de tiros e por algum motivo o meu coração se acelera. Vou em direção à frente do shopping onde marquei com ela. Ao longe vejo a Isabela e a Laura conversando com alguém desesperadamente pelo telefone. Estaciono o carro e quando vejo a Ana no chão e o Elai ao seu lado, corro em direção a eles. A amiga dela chora ao lado do Elai. Os meus olhos se fecham por um momento.

— Por favor, não, por favor, não — repito até me ajoelhar ao lado da Ana. Elai me olha, mas continua com a mão na barriga dela.

Seguro na sua cabeça, fazendo com que fique mais reta para que ela respire melhor. Ela me olha com um pequeno sorriso no rosto. Só percebo que estou chorando quando uma lágrima cai na sua bochecha.

— Não me deixe, eu te amo — suplico, com meu coração doendo de vê-la assim. Ela fecha os olhos e vejo uma movimentação ao meu lado. A ambulância chega. Dois rapazes pede para eu me afastar e passo o mão pelo cabelo, desesperado.

— O que aconteceu, Elai?

Ele se vira para mim. As suas mãos estão sujas de sangue. A minha cabeça está doendo tanto que não estou nem conseguindo ficar com os olhos abertos. Ele me explica tudo e fico olhando os paramédicos a atenderem. A amiga dela não para de chorar em nenhum momento. Isabela e a Laura estão do mesmo jeito.

— Quem virá com ela? — o médico pergunta. Observo a Luíza abrir a boca, mas ela olha para mim.

— Pode ir, Gabriel, ela gostaria que fosse você.

Apenas balanço a cabeça, concordando com ela. Já dentro da ambulância seguro na sua mão, apertando forte e começo a fazer algo que há muito tempo não faço. Começo a rezar.



Fico andando de um lado para o outro. Nunca estive ao mesmo tempo com raiva e desespero. Vejo Elai e todos os outros chegando. A primeira que vem até mim é a Luíza.

— Alguma novidade? — ela pergunta com os olhos vermelhos. Elai chega próximo a ela, segurando-a pelo ombro.

— Nada, ela está em cirurgia.

— Mas eles não falaram nada?

— Não, só quando a cirurgia acabar.

Ela se senta em uma cadeira e fica calada. Ouço a Isabela e a Laura falando algo, mas não presto atenção, fico calado. Cada minuto que passa parecem horas.

Vejo o Nicolai chegando com a sua filha nos braços. Isabela chega perto e a pega no colo. Eles trocam palavras e logo depois Nicolai, Elai e Paollo se aproximam de mim.

— Como você está, Gabriel? — Nicolai pergunta.

— Tinha tanto sangue, sinceramente, não sei o que fazer.

— Ela é forte, vai sair dessa.

— É o que eu mais quero. Por que alguém ia querer matá-la?

— Eu não tenho certeza de que ela seja o alvo — Elai responde e todos nós olhamos para ele.

— Como assim? — Nicolai pergunta.

— Ana estava ao lado da Isabela. Qualquer uma das duas poderia ser o alvo. Nicolai, eles estavam mirando só nelas.

— Merda!

— O que foi? — pergunto para o Nicolai.

Ele suspira.

— Você não acha muito conveniente esse atentado logo depois dos arquivos serem destruídos.

— Vamos ter que redobrar a segurança — Paollo responde, já pegando o celular e fazendo uma ligação.

— Nada que está acontecendo é por acaso. Temos que descobrir quem está fazendo isso o mais rápido possível, antes que mais alguém se machuque — Nicolai fala e olha para mim.

A minha cabeça está tão cheia que o meu único desejo é ver a Ana. Já estamos aqui há duas horas e nada. Já estou quase me levantando para perguntar a alguma enfermeira. Quando vejo a médica vindo em nossa direção, me aproximo. Na verdade, todos se aproximam.

— Vocês são parentes da senhorita Ana?

— Somos. — Luíza responde.

— Ok, ela perdeu muito sangue, mas fizemos uma transfusão. Tivemos um pequeno problema no meio da cirurgia, mas tudo correu bem. Ela está fora de perigo. Foi um verdadeiro milagre, a bala não atingiu nenhum órgão vital.

— Podemos vê-la?

— Daqui a meia hora ela irá para o quarto. Mas somente dois de vocês poderão vê-la. O restante só na hora da visita, amanhã.

— Muito obrigado, doutora.

Ela apenas sorri e se retira. Respiro profundamente. Nessas horas que passaram parecia que tinha uma pedra no meu peito, e somente agora

ela foi retirada. Luíza fecha os olhos por um momento e se afasta, como se quisesse um momento sozinha. Não a julgo.

Ficamos só Luíza, Elai e eu. O restante voltará amanhã.



Já são 20h e estou no quarto ao lado da Ana. Seguro na sua mão e fico brincando com os seus dedos. Ela está dormindo tranquilamente. Amo tanto essa mulher como nunca amei na minha vida. Essas horas que passaram foram as piores da minha vida, fui ao inferno tantas vezes que perdi a conta.

— Oi.

Encaro Ana. Ela está com os olhos abertos e um pequeno sorriso no rosto. Me aproximo, beijando a sua testa e fico assim por um tempo, como se eu precisasse desse gesto para ter a certeza de que ela está bem.

— Oi, meu amor.

— Eu tive tanto medo, Gabriel — ela fala e vejo lágrimas rolando pelo seu rosto.

— Calma, está tudo bem, já passou — falo e a abraço. Sinto o seu corpo no meu mais uma vez e meu coração finalmente se acalma.

— E as meninas, estão bem? — pergunta, limpando o rosto.

— Todas estão bem.

— Tem certeza? Quando estava naquele tiroteio vi a Lu fazendo uma cara de dor.

— Ela não falou nada, acho que está bem. Ela só foi no apartamento pegar umas coisas para você. E foi tomar um banho. Elai está com ela, não se preocupe.

— Ok, então. Estou tão cansada.

— Descanse um pouco, vou ficar aqui o tempo todo, não se preocupe. — Ela sorri para mim, mas está tão cansada que os seus olhos vão se fechando devagar.

Fico ao seu lado sem sair por nenhum momento.

— Gabriel.

Levo um susto. Percebo que dormi encostado na cama da Ana. Em nenhum momento soltei a mão dela.

Me levanto e vejo Luíza na porta, me encarando.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Se você quiser, eu fico com ela. Aí você pode ir tomar um banho ou tomar um café.

— Estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho sim, ela acordou por uns minutos e perguntou por você. Por algum motivo ela acha que você está machucada, você está?

— Estou bem, apenas machuquei o ombro na queda, mas já cuidei. Vou na cafeteria agora e vou trazer alguma coisa para você.

— Obrigado, Luíza — digo com sinceridade.

— Não tem que agradecer — ela fala isso e sai. Me sento novamente na cadeira e seguro na mão da mulher que me fez ver que no mundo pode sim, existir mais cores. A mulher que me tirou a paciência mais vezes do que possa contar, a mulher da minha vida.



CAPÍTULO 38

ANA FERREIRA

Sinto a minha garganta ardendo. Abro os olhos lentamente e observo o quarto em que eu estou. Me viro para o lado e vejo o Gabriel dormindo, encostado na minha cama. Dou um pequeno sorriso.

Levanto a mão para tocar o seu rosto e o acaricio delicadamente. Ele abre os olhos e me encara. Se senta e segura a minha mão.

— Como você está?

— Eu estou bem. A minha garganta... você poderia trazer um copo com água para mim.

Ele pega e bebo um pouco. Aos poucos a minha garganta vai melhorando.

— Você ficou aqui a noite toda? — Observo a janela e já está claro.

— Fiquei.

— Vai descansar, Gabriel, eu estou bem.

Sinto um aperto em minha mão.

— Não estou cansado. — Ele suspira. — Tive tanto medo de te perder — ele confessa e sinto os meus olhos arderem.

— Você não vai me perder. Irei encher a sua paciência por um longo tempo, se depender de mim.

— Esse é o meu maior desejo. Eu te amo — declara e deposita um beijo calmo em minha testa.

— Eu também te amo.

Ficamos conversando por um bom tempo. Quando vejo a Lu, o meu coração se acelera. Vê-la chorando sem parar acabou comigo.

— Tive tanto medo.

— Pode ficar tranquila, estou bem. — Suspiro.

Ela limpa os olhos, tentando se controlar.

— Qual o motivo daquele tiroteio?

— Acho que tem algo a ver com os negócios do Nicolai.

Quando falei para a Luíza sobre a máfia e sobre o Nicolai, pensei que ela ficaria com medo. Mas a sua pergunta foi se o Elai fazia parte disso. Falei que sim, afinal, ele era o novo capo do Nicolai.

— Mas eles vão descobrir quem foi, não é?

— Eles sempre descobrem, pode ficar tranquila.

— Eu estou tranquila. A minha preocupação é com a Isabela e a filha dela. Acho que agora entendo o porquê do Elai querer me levar todos os dias para a casa do Nicolai.

— Ele vai te levar?

— Foi o que ele me disse no carro vindo para cá.

— Por que sinto que está me escondendo algo?

Ela sorri para mim.

— Não é nada importante.

— Pode ir falando.

— É que... — Ela respira fundo. — Senti algo diferente em relação ao Elai.

— Mas eu sempre soube que você gosta dele.

Ela me fuzila com os olhos, apenas dou um sorriso para ela.

— Não é isso. É que ele sempre fica sorrindo, mas no carro, quando ele me falou que iria me levar todos os dias para a casa do Nicolai, senti algo diferente em relação a ele. Acho que ele se esconde em meio aos sorrisos fáceis que ele dá, mas no fundo ele esconde algo. — Ela balança a cabeça. — Esquece, acho que é algo da minha cabeça. — Ela sorri, mas no fundo me preocupo com a Lu. Elai é um homem elegante, carinhoso e muito bonito e sei que ela não admite, mas está apaixonada por ele. Mas também sei que ela sairá machucada. Elai não leva mulher nenhuma a sério e tenho medo dela sair destruída no final.



Fico no hospital por uma semana. Dias intermináveis. Volto para casa sobre os resmungos do Gabriel. A seu ver eu tinha que ter ido para a casa dele, mas me sinto muito melhor ao lado das minhas amigas. Amigas... Sorrio só de imaginar essa palavra. E pensar que só tinha a Lu como amiga e hoje posso falar com toda a certeza que tenho três amigas e não as trocaria por nada neste mundo.

Estou no sofá. Lu foi para o seu primeiro dia de trabalho. Ela estava tão feliz. A Laura está no seu quarto escrevendo e eu estou aqui, sentada com o Gabriel. Sinto a sua mão apertando a minha devagar e me viro em sua direção.

— Como você está?

— Eu estou bem, como há trinta minutos. — Levanto uma sobancelha. — Você não deveria estar trabalhando?

Ele sorri.

— Vantagens de ser o dono.

— Estou vendo.

— Quero que você fique bem logo, estou com muita vontade de fazer uma viagem com você.

— Hum... interessante. E aonde nós iríamos?

Ele se aproxima, ficando bem perto do meu rosto. O meu coração acelera e dou um sorriso para ele. Observo o seus olhos incrivelmente azuis e ele sorri para mim.

— Estou pensando em Paris — ele fala e me dá um beijo na bochecha. — Irlanda, Austrália. — A cada palavra que sai da sua boca ele me dá um beijo.

— Vou acabar me acostumado com esse seu jeito carinhoso.

— Na verdade, você vai acabar ficando enjoada de tão carinhoso que serei com você.

— É impossível que algum dia eu enjoie de você.

— Não adianta voltar atrás.

— Nunca voltarei atrás.

Ele chega mais perto e encosto a minha cabeça no seu ombro. Sinto sua mão passando devagar no meu cabelo.



Já se passou um mês desde o tiroteio. Retirei os pontos e estou conseguindo andar novamente. Estou na casa do Gabriel, observando aquelas costas. Ele está virado, preparando algo para jantarmos. Faço questão de suspirar alto.

— Você tem as costas mais lindas que eu já vi. — Ouço a sua risada. Ele se vira.

— Só você para achar as costas a parte mais interessante de um homem.

— Gabriel, você é todo gostoso, mas tenho que admitir, eu amo as suas costas.

— Interessante — fala, vindo em minha direção. — Sou todo gostoso?

Sinto as suas mãos segurando a bancada onde eu estou.

— Completamente gostoso — falo devagar.

— Você é má. Sabe que não posso fazer o que quero com você, por isso provoca.

— Eu sou um anjo, nunca faria isso.

Ele sorri, segurando o meu rosto.

— Um anjo do mal.

Seguro no seu pescoço, trazendo-o para mais perto. Dou um beijo ali e me aproximo do seu ouvido.

— Posso ser o anjo que você deseja.

— Malvada. — Sorri.

— Estou começando a achar que sou mal mesmo.

— Mas você é.

Chego próximo à sua boca e dou um pequeno beijo, sentindo a maciez dos seus lábios. Ele segura na minha cintura, me fazendo ficar de pé. Seguro no seu pescoço o trazendo para mais perto. Suspiro entre os beijos e sinto o seu membro totalmente duro se esfregando em mim.

— Você gosta de me provocar.

— Eu não gosto. — Dou um beijo na sua boca. — Eu adoro.

— Eu sei. — Ele suspira. — Preciso te perguntar uma coisa.

Me afasto dele.

— O que seria?

— Sei que o nosso começo foi tudo menos normal, sei também que fui a pior pessoa para você, mas saiba, Ana, que com você senti o que

significa a palavra amor, amizade e felicidade. Eu, quando estou perto de você, fico feliz só de te ver sorrindo. Então te pergunto. Quer namorar comigo? — Ele sorri. — Mas desta vez serei o namorado que você realmente merece.

— Sim — respondo sorrindo. Ele me segura nos braços e sinto o meu coração martelando no peito sem parar.

— Eu te amo.

Passo a mão pelo seu rosto.

— Me fala, desde que momento começou a me amar?

Sinto os seus lábios no meu rosto, antes de responder.

— No momento em que a vi só de sutiã em cima daquela árvore. — Ele sorri.

Não respondo. Apenas o beijo. Sinto os seus lábios nos meus e por um momento gostaria de parar o tempo, porque aqui, sentindo cada parte do seu corpo junto ao meu, sei o que realmente significa a palavra amor.
(Próximo lançamento Eu te Amei te Odiando)



SOBRE A AUTORA

Este é seu terceiro livro, mas ela já tem quatro prontos, só esperando coragem de publicá-los. Quando não está no seu computador, você pode encontrá-la lendo.

Casada, mãe de dois filhos, Amanda nasceu em Rio do Prado no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, mas hoje reside em Betim.

Sempre sonhava acordada, então decidiu tornar seus sonhos realidade por meio de livros.

Contato:

Facebook: Amanda Pereira

Instagram: Amanda170117